

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

LUANNA MARTINS DE FREITAS

**UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO 7º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

UBERLÂNDIA

2024

LUANNA MARTINS DE FREITAS

**UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO 7º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito avaliativo do Título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Linha de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem em Ciências e Matemática

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Fiorezi de Marco

UBERLÂNDIA

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F866p
2024

Freitas, Luanna Martins de, 1996-
Uma proposta de trabalho com educação financeira no 7º ano do
Ensino Fundamental [recurso eletrônico] / Luanna Martins de Freitas. -
2024.

Orientadora: Fabiana Fiorezi de Marco.
Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e
Matemática.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5019>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Matemática - Estudo e Ensino. I. Marco, Fabiana Fiorezi de
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
graduação em Ensino de Ciências e Matemática. III. Título.

CDU: 51:37

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de
 Ciências e Matemática
 Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1A, Sala 207 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-
 MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3230-9419 - www.ppgecm.ufu.br - secretaria@ppgecm.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Ensino de Ciências e Matemática				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional / Produto Educacional - PPGECM				
Data:	29/05/2024	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	12112ECM014				
Nome do Discente:	Luanna Martins de Freitas				
Título do Trabalho:	Uma proposta de trabalho com educação financeira no 7º ano do ensino fundamental				
Área de concentração:	Ensino de Ciências e Matemática				
Linha de pesquisa:	Ensino e Aprendizagem em Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Atividade pedagógica na formação de professores que ensinam matemática a partir de parcerias entre instituições de ensino superior e escolas de educação básica em diferentes regiões brasileiras				

Reuniu-se por meio da video conferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, assim composta: Profa. Dra. Fabiana Fiorezi de Marco Matos (IME/UFU) - orientadora; Profa. Dra. Ana Claudia Molina Zaqueu Xavier (IME/UFU) e, Profa. Dra. Lóren Grace Kellen Maia Amorim (Escola Municipal Dom Bosco). Iniciando os trabalhos a presidente da mesa apresentou a Comissão Examinadora e a candidata agradeceu a presença do público, e concedeu a discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa. A seguir, a presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O componente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

2024

LUANNA MARTINS DE FREITAS

**UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO 7º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para avaliativo do Título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Linha de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem em Ciências e Matemática

Uberlândia, 29 de maio de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fabiana Fiorezi de Marco (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Profa. Dra. Lóren Grace Kellen Maia Amorim
Rede Municipal de Ensino de Uberlândia

Profa. Dra. Ana Cláudia Molina Zaqueu Xavier
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe, Hélia, e minha avó, Terezinha. Eu sinto muito orgulho de ser descendente de mulheres batalhadoras, que lutam por minha educação, por me ouvir, incentivar, apoiar, com toda atenção e compreensão. Dedico à minha sobrinha, Ana Júllia, que ela saiba de todos os esforços demandados à luta da Educação.

AGRADECIMENTOS

É maravilhoso poder contar com tantas pessoas nesta etapa da vida, que para mim, foi realmente desafiadora. Expressar meu agradecimento aos que desenvolveram para a realização deste sonho é uma demonstração de que cumpriram com excelência suas responsabilidades. A gratidão é um sentimento tão puro, que me leva a reviver momentos que me fazem contemplar o significado da vida.

Primeiro, agradeço a Deus por me abençoar com determinação, força, coragem, amparo e saúde para conseguir realizar este trabalho, em meio a tantos obstáculos. Obrigada Senhor, por me permitir viver os processos pelos quais passei.

Agradeço à minha mãe, Hélia, por todo apoio, conselhos e amor dedicados a mim. A minha eterna gratidão a esta mulher paciente, parceira e amiga, que muitas vezes, me deu forças para não desistir. À minha avó, pelo ombro carinhoso e pela cumplicidade. Ao meu namorado, pela paciência, compreensão e amor.

Agradeço aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, por colaborarem no meu desenvolvimento profissional. Em especial, à maravilhosa Prof.^a Dra. Fabiana Fiorezi de Marco, minha orientadora, por confiar e aceitar me orientar, mesmo com todos os meus compromissos, e principalmente por não desistir de mim, sabemos que por muitas vezes me encontrei perdida. Obrigada por toda sua compreensão e pulso firme. Admiro e respeito muito o seu trabalho e sua trajetória. Obrigada pela dedicação!

À banca de qualificação, a professora Dra. Lóren Grace Kellen Maia Amorim e o professor Dr. Leandro de Oliveira Souza, que foram gentis e atentos com a minha pesquisa. Serei sempre grata ao cuidado que tiveram comigo neste momento, suas observações críticas enriqueceram minha compreensão do tema.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão pela oportunidade de apresentar minha dissertação à banca de defesa, a professora Dra. Lóren Grace Kellen Maia Amorim e a Profa. Dra. Ana Cláudia Molina Zaqueu Xavier. Agradeço sinceramente por dedicarem seu tempo e mestria para revisar meu trabalho e fornecer valiosas considerações que contribuíram significativamente para o aprimoramento desta pesquisa.

Aos participantes da pesquisa, estudantes do 7º ano da escola estadual de Monte Carmelo, por aceitarem participar desta pesquisa e me ensinarem tanto durante o tempo de convívio.

Agradeço a todos os meus amigos, colegas do Programa de Pós-Graduação e colegas da escola. Obrigada por compartilharem essa trajetória comigo. Em especial, à minha amiga Aline Silvestre, pelo privilégio da amizade e da partilha durante o processo de mestrado.

Por fim, agradeço a mim mesma, por ter encontrado saúde, força e esperança para chegar até aqui.

RESUMO

A modernização dos sistemas financeiros e o crescimento econômico têm feito com que as pessoas tenham mais acesso a créditos, aumentando os riscos nas tomadas de decisões. A falta de conhecimento somada ao aumento do crédito disponível torna-se a combinação perfeita para o consumo inconsciente e o gasto sem planejamento, gerando endividamento e redução da qualidade de vida. O presente estudo tem como objetivo compreender que impressões alunos de 7º ano expressam ao vivenciar uma prática pedagógica envolvendo Educação Financeira. O trabalho teve como campo investigativo uma escola pública estadual da cidade de Monte Carmelo-MG. Os sujeitos foram estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, no segundo semestre de 2022. Neste sentido, foi elaborada uma proposta de ensino, inspirada nos princípios da Atividade Orientadora de Ensino, em forma de uma história em quadrinhos com o tema Copa do Mundo e buscamos apresentar possibilidades de promover a Educação Financeira, de modo que reflexões suscitadas proporcionem aos estudantes certo domínio de um conhecimento que desperte para a compreensão dos aspectos relacionados ao planejamento financeiro. A investigação seguiu uma abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa de campo para obter informações para análises das situações discutidas. A análise da proposta revelou que os elementos apresentados nas situações de ensino, como a concepção de poupar e juntar dinheiro, despesas essenciais, supérfluas e desperdícios, foram debatidos, articulados e utilizados nas respostas dos estudantes. Evidenciou-se a importância de os estudantes adquirirem conhecimentos em Educação Financeira e relacionarem à melhoria da qualidade de vida, ao desenvolvimento da cidadania e do pensamento crítico, bem como à capacidade de tomar decisões prudentes tanto para si mesmos quanto para suas famílias. Como consequência desta pesquisa, foi elaborado um *e-book* como Produto Educacional intitulado “Uma proposta de ensino sobre Educação Financeira”. Espera-se que esse trabalho possa incentivar outros professores a buscar formas de organização do ensino de maneira intencional e que promova a aprendizagem significativa dos estudantes e seu desenvolvimento.

Palavras-Chave: Educação Financeira, Planejamento Financeiro, Ensino de Matemática.

ABSTRACT

The modernization of financial systems and economic growth have meant that people have more access to credit, increasing the risks involved in making decisions. The lack of knowledge combined with the increase in available credit is the perfect combination for unconscious consumption and spending without planning, generating debt and reducing quality of life. This study aims to understand what impressions 7th grade students express when they experience a pedagogical practice involving Financial Education. The field of investigation was a state public school in the city of Monte Carmelo-MG. The subjects were 7th grade elementary school students, in the second semester of 2022. In this sense, a teaching proposal was drawn up, inspired by the principles of the Guiding Teaching Activity, in the form of a comic book with the theme of the World Cup and we sought to present possibilities for promoting Financial Education, so that the reflections raised provide students with a certain mastery of knowledge that awakens an understanding of the aspects related to financial planning. The research followed a qualitative approach, using field research to obtain information for analyzing the situations discussed. The analysis of the proposal revealed that the elements presented in the teaching situations, such as the concept of saving and putting money together, essential and superfluous expenses and waste, were debated, articulated and discussed.

Keywords: Financial Education, Financial Planning, Teaching Mathematics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Momento 1 da História em Quadrinhos

Figura 2- Momento 2 da História em Quadrinhos

Figura 3- Momento 3 da História em Quadrinhos

Figura 4- Momento 4 da História em Quadrinhos

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Habilidades referentes à Matemática Financeira e Educação Financeira apresentadas na BNCC

Quadro 2 - Critérios da revisão de trabalhos para este estudo

Quadro 3 – Obras selecionadas no banco de teses e dissertações da CAPES

Quadro 4 – Obras selecionadas na BDTD

Quadro 5 – Organização do material empírico

LISTA DE SIGLAS

AOE – Atividade Orientadora de Ensino

Anbima – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais

BCB - Banco Central do Brasil

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos

CNC – Confederação Nacional do Comércio

CNI – Confederação Nacional das Indústrias

CONEF – Comitê Nacional de Educação Financeira

ENEM – Encontro Nacional de Educação Financeira

ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira

ESEBA – Escola de Educação Básica

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PBG - Programa de Bolsas de Graduação

PEIC – Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor

PIBID – Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação Científica à Docência

SDA – Situação Desencadeadora de Aprendizagem

SFN – Sistema Financeiro Nacional

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

THC – Teoria Histórico - Cultural

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Para dar início ao nosso diálogo, permita-me fazer minha apresentação	13
1.2 Um pouco do que motivou essa pesquisa	16
2. ATIVIDADE ORIENTADORA DE ENSINO: ALGUNS PRESSUPOSTOS	20
3. UM POUCO SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA	27
3.1 Educação Financeira em documentos oficiais	27
3.2 Algumas contribuições de pesquisas sobre Educação Financeira	34
4. ASPECTOS METODOLÓGICOS	40
4.1 Metodologia da pesquisa	40
4.2 Os participantes da pesquisa	41
4.3 O ambiente da pesquisa	43
4.4 O conjunto de situações elaboradas	44
5. ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO	48
5.1 Episódio 1 - Diálogo sobre educação financeira e a condição financeira que está inserido	38
5.2 Episódio 2 - Compreender as dificuldades que as famílias têm de administrar as finanças	54
5.3 Episódio 3 - Debate sobre a possibilidade de ter lazer sem consumir	63
5.4 Episódio 4 - Carta de desejos	66
6. CONSIDERAÇÕES	70
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	78
APÊNDICE A: HISTÓRIA EM QUADRINHOS	78
APÊNDICE B: DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE	83
APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS	84
APÊNDICE D: PRODUTO EDUCACIONAL	86

1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta caminhos percorridos durante o desenvolvimento de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Matemática e Atividade Pedagógica¹, da Universidade Federal de Uberlândia.

Convidamos o leitor a explorar um segmento da jornada acadêmica e profissional da pesquisadora, onde se entrelaçam motivações que fundamentam a escolha do tema e do referencial teórico adotado como base para a pesquisa em foco.

1.1 Para dar início ao nosso diálogo, permita-me fazer minha apresentação

No início desse diálogo, peço licença para a utilização dos verbos na primeira pessoa, pois aqui apresento recortes dos caminhos que trilhei até chegar ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e meu interesse pela pesquisa acerca da Educação Financeira para estudantes do 7º ano, em uma escola localizada no município de Monte Carmelo, Minas Gerais. Para esse fim, retomo algumas memórias significativas contidas em minha trajetória de vida e formação docente, que muita influência possui sobre essa escrita.

Desde que iniciei os estudos nos anos iniciais, sempre me senti muito estimulada por meus pais e tias-avós, pois minha família tem um histórico extenso de professoras e professores em suas formações e, todos diziam (e ainda dizem) algo que levo comigo: a única coisa que ninguém tira de você é o conhecimento. Então, somando essas palavras à minha curiosidade em descobrir o que “eu queria ser quando crescesse”, busquei fazer muitas coisas durante minha infância e adolescência em consonância com a escola: praticava esportes (natação, vôlei, handebol, capoeira e dança), violão, pintura, bordado, inglês entre outras. Mas nas brincadeiras, eu sempre escolhia a escolinha e era a professora, claro!

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental estudei em uma Escola Estadual que fica perto da casa da minha mãe. Nesta escola, duas professoras foram muito marcantes nesse período, as do 3º e a do 4º ano. Ambas foram professoras minha e de meu irmão durante uma fase muito difícil de nossas vidas - que foi o adoecimento de nosso pai - e elas nos acolheram e se importaram conosco de uma forma que fez muita diferença e que jamais vou esquecer.

¹ Disponível em: <https://gepemapeufu.wixsite.com/gepemape>. Acesso em: 22 mar. 2024.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, em outra Escola Estadual, referência na cidade, as coisas mudaram. Havia um professor para cada componente curricular, novos colegas, novas descobertas e novos desafios. Nesse período, percebi a facilidade e o interesse que tinha pela Matemática e ficava observando com detalhes todos os professores e pensando numa possível escolha profissional. Quando cheguei no 9º ano do Ensino Fundamental, perdi meu pai, foi um período muito difícil, mas foi nesse momento que tive a certeza de que se não comesse a buscar meus objetivos, ninguém o faria por mim. Me envolvi em muitos projetos que a escola oferecia e me saí muito bem nas disciplinas de Matemática e Geografia. Reconheço, hoje como professora, a importância das palavras de consolo, o acolhimento e a empatia dada por aqueles professores num momento de dor.

Os professores e colegas que tanto me acolheram ao longo do Ensino Fundamental, já não foram os mesmos do Ensino Médio. Se não fosse pelo meu esforço, força de vontade e o apoio da minha família, teria sido mais fatigante do que foi. No terceiro ano, incentivada pela minha mãe, busquei uma carreira acadêmica fora da cidade e, então, quando chegou o momento da decisão, optei pelo curso de Matemática, componente curricular que sempre tive muita facilidade e interesse pela profissão. Com a aprovação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e o vislumbre de novos voos, não me deixou tão confortável, mas era o momento de buscar sozinha tudo o que queria.

Quando iniciei a graduação, senti muitas dificuldades na compreensão e apropriação nas componentes curriculares de formação específica, tais como Cálculo Diferencial e Integral, Cálculo Numérico, Estruturas Algébricas, Análise entre outros e, conseqüentemente, meu desempenho foi abaixo do esperado em relação às notas. Fiquei muito frustrada! No decorrer do curso de Licenciatura, passei pelas disciplinas de Psicologia da Educação, Didática Geral, História da Matemática, Metodologia de Ensino de Matemática, Oficina de Prática Pedagógica e Estágios Supervisionados, que propiciaram-me conhecer um pouco mais sobre a docência e as tendências em Educação Matemática.

A participação no Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em 2017, oportunizou-me a participação em algumas atividades e discussões que se relacionavam com a Educação Matemática, o que fez-me buscar novos conhecimentos sobre o tema.

Ao sair do PIBID participei do Programa de Bolsas de Graduação (PBG), ofertado pela Escola de Educação Básica (ESEBA), em 2018, e nele, apresentaram-me a Teoria Histórico-Cultural, que considera a natureza social e cultural da aprendizagem, na qual os processos de desenvolvimento humano acontecem por meio das interações sociais. Esse pressuposto colocou-me no movimento de (re)pensar o ensino da Matemática e perceber que as interações

sociais, a intencionalidade do professor e os recursos utilizados, são potentes instrumentos para auxiliar na atividade docente.

No ano de 2021, dei início aos meus estudos dentro do âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM). Durante os encontros de orientação para a pesquisa, emergiram desafios inesperados que me levaram a pensar sobre o meu objeto de estudo. Em um determinado ponto da pesquisa, ao passo que me envolvia com leituras, reflexões e discussões sobre a metodologia a ser adotada, chegamos à conclusão de que seria mais proveitoso abordar as propostas em sala de aula sob a perspectiva da Atividade Orientadora de Ensino (AOE) proposta por Moura (2001).

A AOE é um conceito que se fundamenta na Teoria da Atividade (Leontiev, 1978) e tem como base fundamental o trabalho coletivo (Moura et al., 2010). É um conceito desenvolvido no Brasil, por Manoel Oriosvaldo de Moura e aprofundado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Atividade Pedagógica (GEPAPe), o qual, direta ou indiretamente, leva em conta os aspectos culturais e sociais do nosso país.

Apesar da minha trajetória acadêmica ter sido muito rica e os projetos que participei terem sido muito importantes para minha formação, o tema da pesquisa aqui desenvolvida, não é fruto de nenhum deles. Isso porque não havia realizado nenhuma investigação a respeito da Educação Financeira, até vivenciar uma pandemia mundial em 2020 e perceber a importância da temática e a necessidade de conhecer conceitos que a permeiam, tais como planejamento financeiro, pensamento crítico e tomada de decisão, compreensão dos diferentes tipos de gastos e reserva financeira.

Durante toda a graduação, busquei formas de ganhar um dinheiro extra para completar minhas despesas: vendi doce de leite e cocada, fazia unha e cabelo das minhas colegas, ministrava aulas particulares, trabalhei numa imobiliária e em uma empresa de comunicação. Desde pequena minha avó incentivou que juntasse dinheiro para possíveis emergências, então, parte do que recebia guardava. Apesar dessa consciência de que precisava juntar ter sido colocada em prática somente quando fui estudar fora, senti a necessidade de me educar financeiramente quando percebi o quanto recebia após a graduação, quando comecei a lecionar.

Nesta perspectiva, durante o agravamento da situação de pandemia entre os anos de 2020 e 2021, período que se fizeram necessárias medidas de afastamento social e que acarretaram uma pausa nas atividades escolares presenciais nos deixando fisicamente distantes, percebi que vários estudantes buscaram meios de “ganhar” dinheiro, ora para ajudar a família, ora para suprir suas vontades pessoais. Em 2022, já com o ensino presencial retomado, fiquei responsável por turmas de 6º e 7º anos e percebi que os estudantes retornaram com alguns

questionamentos a respeito do que fazer com o dinheiro que conseguiram durante a pandemia, sobre como abrir uma conta em banco para poderem juntar mais, quantos picolés teriam que vender para comprar determinado objeto, entre outros. O público da escola que passei a conviver se tornou colaboradores da minha pesquisa.

1.2 Um pouco do que motivou essa pesquisa

Vivemos em um cenário econômico de crescentes transformações, potencializadas pelas modificações tecnológicas e pela globalização que não encontra mais fronteiras físicas. Interagimos diariamente em um ambiente digital e utilizamos ferramentas que facilitam a nossa vida, sendo que muitas delas estão na palma de nossas mãos. Nesse contexto, é relevante pensar que o mundo financeiro também é afetado pela modernização e alterou as formas de consumo.

Diante das mudanças enfrentadas, faz-se necessário um planejamento financeiro para que cada indivíduo tenha acesso aos direitos sociais garantidos na Constituição Federal nos artigos 5º ao 11º, que falam de direitos fundamentais como: educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social e outros que, por muitas vezes, têm necessidade de planejamento financeiro para serem garantidos.

Aprender a gerir a vida financeira é essencial para o bem-estar e crescimento da sociedade como um todo. Em um dos materiais desenvolvidos pelo Banco Central do Brasil (BCB), constatou-se que:

Se pararmos para pensar, estamos sujeitos a um mundo financeiro muito mais complexo que o das gerações anteriores. No entanto, o nível de educação financeira da população não acompanhou esse aumento de complexidade. A ausência de educação financeira, aliada à facilidade de acesso ao crédito, tem levado muitas pessoas ao endividamento excessivo, privando-as de parte de sua renda em função do pagamento de prestações mensais que reduzem suas capacidades de consumir produtos que lhes trariam satisfação (Brasil, 2013, p.12).

O agravamento da situação da pandemia da Covid-19², além da saúde, afetou outros setores como o sistema financeiro. A Confederação Nacional das Indústrias (CNI), em um estudo realizado em 2 de maio de 2020, divulgou que $\frac{3}{4}$ dos brasileiros foram submetidos a realizar cortes em gastos pessoais em seu cotidiano (Locomotiva Instituto de Pesquisa, 2020). Esses cortes indicam a ausência de planejamento financeiro e a não utilização de orçamento

² Ministério da Saúde. Disponível em: < <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> >. Acesso em: 10 jun. 2022.

pessoal, uma vez que essas ferramentas são formas de administrar seus recursos financeiros e no resguardo de dinheiro para ocasiões específicas (Carraro; Merola, 2018).

De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada pela Confederação Nacional do Comércio – CNC, o número de famílias endividadas no Brasil, em abril de 2021, era de 67,5% e alcançou 77,7% em abril de 2022. O percentual é o maior da série histórica, desde quando o mapeamento começou, em 2010. Esse resultado dão indícios de que as constantes e intensas mudanças na economia brasileira têm desafiado as pessoas a gerenciarem suas finanças.

Em consonância ao que foi exposto, o Banco Central do Brasil (BCB) caracteriza o endividamento da população brasileira em relação a quatro indicadores: a inadimplência, a exposição a três modalidades de crédito simultâneos, o comprometimento de mais de 50% da renda e o restante da renda abaixo da linha da pobreza. O cenário simultâneo de dois ou mais desses indicadores, caracteriza o endividamento de risco, ou seja,

[...] quando o cidadão tem um volume de dívida acima de sua capacidade de pagamento, e cuja persistência e baixa qualidade do crédito prejudicam o gerenciamento de seus recursos financeiros e, em última instância, sua qualidade de vida. (BCB, 2021, p. 9).

Ao mesmo tempo em que a preocupação com o orçamento familiar aumentou, em meio à crise econômica intensificada pela pandemia de Covid-19, acreditamos na necessidade de o ensino dedicar atenção à Educação Financeira, uma vez que possuir orientações a esse respeito aumenta a capacidade das pessoas em lidar com os desafios.

Por outro lado, apoiamos Faria (2020, p. 36) ao inferir que

[...] não é necessariamente porque a população não tem educação financeira que as pessoas têm dívida. Este endividamento ocorre, dentre outras questões, devido à falta de educação financeira de qualidade, a uma crise séria que se instaurou em nosso país, com um número exorbitante de pessoas desempregadas e que precisam sobreviver, ou seja, muitas das dívidas são para atender às necessidades essenciais da vida.

Neste sentido, é importante que a escola se torne um local para tal orientação, visto que uma educação de qualidade também implica em uma educação financeira. Para que isso se cumpra, a Base Nacional Comum Curricular³ (BNCC) sugere o aprendizado da Educação

³ A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no País por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>.

Financeira no Ensino Fundamental como “um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais, políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões de consumo, trabalho e dinheiro” (Brasil, 2018, p. 269).

Dessa forma, também foi reconhecida neste trabalho, a relevância de se conhecer movimentos lógico-históricos de criação de conceitos para a sua aprendizagem por meio da AOE em sala de aula. Optamos por tal pressuposto teórico, pois nas primeiras conversas com os estudantes a respeito de Educação Financeira, percebemos o quão complexo seria tentar desenvolver uma proposta didática com os estudantes do 7º ano sem a preocupação com as particularidades e singularidades da sala de aula, da escola e do bairro em que estão inseridos. Fizeram-nos pensar na importância do desenvolvimento de alguns conceitos como planejamento financeiro, pensamento crítico e tomada de decisão, compreensão dos diferentes tipos de gastos, reserva financeira, para tentar entender um pouco mais sobre as dificuldades dos estudantes no processo de aprendizagem sobre Educação Financeira.

Percebemos a escola como uma instituição cuja principal missão é "facilitar a aquisição de conhecimento pelos indivíduos" (Rosa; Moraes; Cedro, 2010, p. 153). Esse conhecimento é construído ao longo da história e proporciona aos estudantes "os elementos essenciais para a participação na vida em sociedade" (Rigon, 2010, p. 30).

Diante do exposto, temos⁴ nosso problema de pesquisa: Que impressões estudantes de 7º ano expressam ao vivenciar uma prática pedagógica envolvendo Educação Financeira?

A partir de nossa questão de investigação, temos como **objetivo geral** desta pesquisa compreender que impressões alunos de 7º ano expressam ao vivenciar uma prática pedagógica envolvendo Educação Financeira. Neste sentido, buscamos apresentar possibilidades de promover a Educação Financeira, de modo que a situação de ensino apresentada e reflexões suscitadas proporcionem aos estudantes certo domínio de um conhecimento que desperte para a compreensão dos aspectos relacionados ao planejamento financeiro.

Para tanto, nossas reflexões têm como aporte a Teoria Histórico-Cultural, cuja origem está no materialismo histórico-dialético. Alinhados à perspectiva de Marx (2013), abraçamos a ideia de que o ser humano se humaniza por meio do trabalho, alterando seu entorno e ampliando sua consciência ao realizar atividades intencionais. Dessa forma, o trabalho não é apenas uma atividade prática, mas também um processo pelo qual os indivíduos constroem sua identidade e compreensão do mundo ao seu redor.

⁴ A partir de agora utilizamos a terceira pessoa do plural, por entendermos que se trata de uma elaboração conjunta com a orientadora e tantos outros pesquisadores.

Esta pesquisa foi realizada com duas turmas de estudantes de uma escola pública estadual da cidade de Monte Carmelo, Minas Gerais, em que a pesquisadora frequentou, outrora, como estudante. Experiência cheia de particularidades, como as singularidades da escola, a comunidade na qual está inserida, as turmas escolhidas e suas peculiaridades (sentimentos, problemas, situações as quais nem sempre presenciamos ou prevemos), que, de uma maneira ou outra, fazem parte da experiência.

Assim, as próximas seções desta dissertação descrevem como o processo de pesquisa aconteceu. Inicialmente, na introdução, que se finaliza aqui, registramos os anseios, as angústias e os objetivos a serem alcançados, assim como a pergunta e outros detalhes que justificam a relevância desta pesquisa.

Na segunda seção apresentamos a fundamentação teórica a respeito da Atividade Orientadora de Ensino, que norteou o processo da pesquisa, bem como contribuições de investigações e autores que tratam sobre o tema.

Na terceira seção, estabelecemos uma reflexão sobre a Educação Financeira nas escolas no Ensino Fundamental e argumentos sobre como a abordagem de Educação Financeira tem uma relação direta na formação do cidadão. Também apresentamos, brevemente, considerações a respeito de documentos oficiais, contribuições de pesquisas relacionadas ao tema e seu desenvolvimento no espaço escolar.

Na quarta seção, o leitor terá a oportunidade de conhecer sobre o ambiente de pesquisa, os instrumentos e recursos para a produção do material empírico, assim como a proposta elaborada para os encontros em sala, e a elucidação de como o material empírico obtido foi organizado para as análises.

A apresentação, discussão, análise e resultados das informações adquiridas durante os encontros são relatados e analisados na quinta seção, buscando retomar cenas e registros produzidos.

Por fim, tecemos as considerações finais, retomando alguns aspectos e analisando o potencial alcance da proposta. Na sequência, as referências que se fizeram presentes na pesquisa são apresentadas, bem como anexos, apêndices e o produto educacional.

Esperamos que este estudo possa contribuir para alunos e professores, ampliando as possibilidades de exploração da temática Educação Financeira.

2 ATIVIDADE ORIENTADORA DE ENSINO: ALGUNS FUNDAMENTOS

A Teoria Histórico-Cultural, cuja origem está no materialismo histórico-dialético, tem como dois de seus precursores Vygotsky e Leontiev. Na esteira desses autores, alguns são contemporâneos, tais como Moura (2004), Rigon, Asbahr e Moretti (2010), Martins (2010, 2015), Moura, Sforzi e Araújo (2011), Rubinstein (2017) e Araújo e Moraes (2017). Destacamos o papel atribuído à Atividade Orientadora de Ensino (AOE), proposta por Moura (1996, 2012), com base no conceito psicológico de atividade (Leontiev, 1983).

A proposta do autor deriva da Teoria da Atividade de Leontiev (2001) que aborda o conceito de “atividade” como uma unidade de formação na qual as necessidades emocionais e materiais dirigem a ação do sujeito e são “[...] processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige (seu objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar esta atividade, isto é, o motivo” (ibidem, p. 68).

Segundo Asbahr (2005, p. 109), foi “[...] Leontiev quem sistematizou o conceito de atividade, fundando a teoria psicológica geral da atividade”, partindo desta teoria como desdobramento e continuidade da psicologia histórico-cultural.

Leontiev (1904-1979) foi um dos colaboradores mais próximos de Vygotsky e considera as atividades humanas como “[...] formas de relação do homem com o mundo, dirigidas por motivos, por fins a serem alcançados” (Oliveira, 1988, p. 96).

Para Campos (2012, p. 40),

Na perspectiva de Leontiev, a atividade seria *socialmente mediada*. Sua análise enfatiza o papel da divisão do trabalho e das regras que medeiam a relação entre os indivíduos na atividade. A *divisão do trabalho* seria a manifestação da natureza coletiva da atividade e serviria, também, ao processo de transformação do objeto visando à satisfação da necessidade do sujeito.

Em outras palavras, “[...] a atividade é uma forma complexa de relação homem-mundo, que envolve finalidades conscientes e atuação coletiva e cooperativa” (Oliveira, 1988, p. 97). Segundo Leontiev (1978, p. 272),

[...] as aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas *postas*. Para se apropriar destes resultados, para fazer delas as suas aptidões, ‘os órgãos da sua individualidade’, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função este processo é, portanto, um processo de educação. (Grifos nossos).

A compreensão da atividade como sistema, como propõe Leontiev (1983, p. 89), é fundamental para discutir como este conceito pode ser considerado na organização escolar e, a partir destas ideias, Moura (2000) complementa, dizendo que a

[...] atividade é regida por uma necessidade que permite o estabelecimento de metas bem definidas. O estabelecimento de objetivos por sua vez permitirá a criação de estratégias para se chegar a cumprir as metas. É aí que aparece o conjunto de ações necessárias para levar a bom termo os objetivos a serem alcançados. Estas ações devem fazer parte de um plano no qual se inclui o uso de instrumentos, sejam eles simbólicos ou não, que servirão como auxiliares para a execução das ações (p.24, grifos nossos).

Neste sentido, Moura (2000, p. 121) considera como “[...] essência da atividade humana: planejar, definir ações, eleger ferramentas e fazer sínteses avaliadoras”. Deste modo, pesquisar uma atividade, segundo Asbahr (2005) requer uma análise de sua estrutura, das relações entre seus componentes e de seu motivo.

O conceito de aprendizagem para Moura (2010, p. 83) se dá a partir dos pressupostos de Vygotsky, e afirma que é no “[...] movimento do social ao individual que se dá a apropriação de conceitos e significações, ou seja, que se dá a apropriação da experiência social da humanidade”.

Vygotsky (1991) alega que o desenvolvimento humano se realiza por meio do processo de internalização e das relações sociais. As relações intrapsíquicas (atividade individual e interna) se dão a partir das relações interpíquicas (atividade coletiva). É nesta mudança do social ao individual que se dá a formação de conceitos e significados.

O processo de formação de conceitos desenvolve-se nas relações que estabelecemos com o mundo, ou seja, são efetivadas pelas condições produzidas social e historicamente. Com isso, abrem-se duas linhas diferentes do desenvolvimento humano. Quanto à sua origem, Vygotsky (1993, p.61) indica que “de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de ordem sócio-cultural”.

Para o autor, a formação de conceitos é dividida em três fases de pensamento: pensamento sincrético, pensamento complexo e pensamento por conceitos. Esses três modos de pensamento representam diferentes abordagens para examinar informações e compreender o mundo. O pensamento sincrético tende a ser amplo, mas superficial; o pensamento por complexidade busca uma compreensão mais profunda das interconexões; e o pensamento por conceitos utiliza categorias e princípios abstratos para uma compreensão mais precisa e aprofundada.

Segundo Vygotsky (1998), por vezes a escola valoriza somente os conceitos científicos. Entretanto, é necessário que haja interação entre eles.

A criança adquire consciência dos seus conceitos espontâneos relativamente tarde; a capacidade de defini-los por meio de palavras, de operar com eles à vontade, aparece muito tempo depois de ter adquirido os conceitos. Ela possui o conceito [...], mas não está consciente do seu próprio ato de pensamento. O desenvolvimento de um conceito científico, por outro lado, geralmente começa com sua definição verbal e com sua aplicação em operações não-espontâneas [...]. Poder-se-ia dizer que o desenvolvimento dos conceitos espontâneos da criança é ascendente, enquanto o desenvolvimento dos seus conceitos científicos é descendente (Vygotsky, 1998, p. 93).

Tendo essas contribuições teóricas, percebemos a importância do papel da escola em contribuir com uma proposta baseada, inicialmente, na realidade de seus estudantes, levando em consideração seus conhecimentos, ampliando suas estratégias de pensamento, buscando autonomia, produzindo aprendizagens mais significativas. Dessa forma, buscamos associar os conceitos de significado e sentido.

Leontiev (1978) enfatiza esta ideia ao referir que, para uma atividade ter sentido ao sujeito, deve atender às suas necessidades. O sentido para o autor, refere-se ao significado pessoal para cada indivíduo e é produzido por relações, quer dizer que “[...] o sentido é, antes de mais nada, uma relação que se cria na vida [...]. O sentido consciente é criado pela relação que se reflete no cérebro do homem [...] traduz a relação do motivo ao fim” (p. 103).

Para Panizza (2006),

A palavra ‘sentido’ parece estar cada vez mais presente nas preocupações dos professores sobre o ensino da matemática. ‘Como conseguir que os alunos encontrem o sentido da atividade matemática?’, ‘Os alunos agem mecanicamente sem dar sentido ao que fazem’, entre outras, são expressões habituais dos professores. A palavra ‘sentido’ parece explicar intenções, conquistas e frustrações. No entanto, questões como qual significado se atribui à palavra, onde se encontra o sentido, se é algo que o docente dá ou o aluno constrói e em que condições, longe de serem claras e compartilhadas, comportam profundas diferenças e contradições. (p. 19)

Assim, a falta de sentido pode atrapalhar o processo de ensino e aprendizagem, impossibilitando o estudante de relacionar aquilo que está sendo visto em sala de aula com a vivência fora dela, conseqüentemente, dificultando a atribuição de significado para o estudo.

De acordo com Vygotsky, o significado é compreendido como qualquer generalização ou conceito resultante de um ato de pensamento: "A natureza do significado em si não é clara. No entanto, é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal" (1996, p. 4). O significado não é algo fixo, mas evolui histórica e culturalmente.

Pertence à esfera do pensamento apenas quando é possibilitado pela fala, pois o pensamento só existe a partir da viabilização pela palavra.

Esse movimento do social ao individual, nos remete à conceitos vistos na Teoria Histórico-Cultural, e que só é possível via mediação, o qual oferece *para* e *com* os estudantes momentos de interação e negociação. “Essa atividade se constituirá como práxis pedagógica se permitir a transformação da realidade escolar por meio da transformação dos sujeitos, professores e estudantes” (Moura, 2010, p. 83).

A atividade pedagógica pode gerar

[...] duas tendências de disponibilidade de aprendizagem: a que se manifesta pelo entusiasmo, curiosidade e busca do conhecimento e a que se manifesta pelas características de bloqueio cognitivo e afetivo, de alienação da capacidade de aprender. Se o ponto de partida respeitar o desenvolvimento da criança e acontecer com a criança, interagindo com sua atenção, sua emoção e a sua sensibilidade, é possível que o primeiro movimento, o da criatividade e autodeterminação, passe a ser dominante em todo o futuro processo de aprendizagem. (Moura, 2007, p. 68).

Entendemos ser importante que o educador se torne um dos principais responsáveis pela formação humanizada e sistematizada de seus estudantes, organizando sua prática na intenção de alcançar seus objetivos e perceber que, em atividade de ensino, ele próprio poderá ser um dos elos de unidade com a atividade do estudante nesse movimento de humanização.

Podemos perceber, ainda, que este conceito inclui elementos como a coletividade, interação e negociação, pois os sujeitos podem ter acesso a instrumentos didáticos como apresentação de vídeos, textos e histórias sobre temas escolhidos intencionalmente pelo docente, bem como tomar decisões. Inclui elementos como a intencionalidade do professor, cujo conteúdo principal “é o conhecimento teórico e seu objeto é a constituição do pensamento teórico do indivíduo no movimento de apropriação do conhecimento.” (Moura, 2010, p. 96).

A Atividade Orientadora de Ensino é um processo dinâmico, pois considera que ambos os lados, professor e estudante, estão em constante atividade de transformação.

A atividade é orientadora no sentido em que é constituída na inter-relação professor e estudante e está relacionada à reflexão do professor que durante todo o processo sente necessidade de reorganizar suas ações por meio da contínua avaliação que realiza acerca da coincidência ou não entre os resultados atingidos por suas ações e os objetivos propostos. (Moura *et al*, 2010, p. 221).

A partir das ações do professor e a definição dos recursos metodológicos para executar tais ações, a necessidade do conceito será desencadeada, e por meio de operações, a atividade

de ensino para o professor e a atividade de aprendizagem para o estudante serão efetivadas. O professor, como sujeito da atividade de ensino, pode criar e propor práticas que poderão ser referentes de uma Situações Desencadeadoras de Aprendizagem (SDA) intencionais, ao promover ações e operações, na organização do ensino que proporcionará ao estudante a possibilidade de apropriação do conhecimento (Moura, 2010, p. 222)

A Situação Desencadeadora de Aprendizagem é uma das ações que efetiva o momento de interação entre professor e estudante. A SDA visa propor um problema desencadeador que instigue o sujeito ou o coletivo a encontrar sua solução. É na compreensão do problema que ocorre a entrada do sujeito em atividade de aprendizagem.

Moura *et al.* (2010, p. 223) afirmam que a Situação Desencadeadora de Aprendizagem, deve contemplar:

[...] a gênese do conceito, ou seja, à sua essência; ela deve explicitar a necessidade que levou a humanidade à construção do referido conceito, como foram aparecendo os problemas e as necessidades humanas em determinada atividade e como os homens foram elaborando as soluções ou sínteses no seu desenvolvimento lógico-histórico.

Dessa forma, a SDA deve conter a gênese (origem) do conceito, evidenciando a necessidade que levou à sua produção. Essa situação pode ser efetivada por diferentes recursos metodológicos como jogo, situação emergente do cotidiano e história virtual do conceito (Lanner de Moura; Moura, 1998; Moura *et al.*, 2010). Elas têm em comum a possibilidade de conter o problema desencadeador que coloca os sujeitos em atividade. No âmbito escolar, a SDA tem como intuito a apropriação de conhecimentos considerados relevantes do ponto de vista social, para que o sujeito tenha recursos teóricos, metodológicos e éticos que proporcione participação e interação na comunidade em que pertence (Moura *et al.*, 2010).

O problema desencadeado por uma SDA deve investigar o conceito a ser ensinado e, por meio dele, também, a necessidade e motivo serão despertados nos estudantes levando-os a resolvê-los individual ou coletivamente. Uma Situação Desencadeadora de Aprendizagem somente se constitui a partir do problema gerador.

[...] o problema [faz] parte de uma situação desencadeadora da aprendizagem. [...] Isto é, um problema que traga a essência da necessidade que levou a humanidade a criar o conceito a ser ensinado, o núcleo do conceito a ser apropriado. Esse problema deve contemplar a necessidade da humanidade que levou a sua construção, sendo que a solução conterá também a forma com que os homens foram se organizando para satisfazer essa necessidade (Moura; Sforzi; Lopes, 2017, p. 91).

Alicerçados na Teoria Histórico-Cultural, compreendemos o jogo como a atividade principal da criança em idade escolar. Isto significa que a atividade em que a criança melhor se desenvolve, apropriada de sua cultura e desenvolve suas funções psicológicas superiores é por meio do jogo. Neste sentido, na AOE, o jogo como referente de Situação Desencadeadora de Aprendizagem, permite a aprendizagem de um determinado conhecimento escolar por compreender a síntese deste conceito. O jogo deve “[...] cumprir o papel de auxiliar no ensino do conteúdo, propiciar a aquisição de habilidades, permitir o desenvolvimento operatório do sujeito e, mais, estar perfeitamente localizado no processo que leva a criança do conhecimento primeiro ao conhecimento elaborado”. (Moura, 1992, p. 47).

Segundo Lanner de Moura e Moura (1998, p. 12), “[...] o que devemos considerar é a possibilidade do jogo colocar a criança diante de uma situação-problema semelhante à vivenciada pelo homem ao lidar com conceitos matemáticos.”

Já, a história virtual do conceito, de acordo com Moura *et al.* (2016, p. 120),

[...] é compreendida como uma narrativa que proporciona ao estudante envolver-se na solução de um problema como se fosse parte de um coletivo que busca solucioná-lo, tendo como fim a satisfação de uma determinada necessidade, à semelhança do que pode ter acontecido em certo momento histórico da humanidade.

Na história virtual do conceito, o sujeito é colocado frente a uma situação cuja característica é a colocação do problema de forma lúdica, “[...] colocadas por personagens de histórias infantis, lendas ou da própria história da matemática” (Moura, 1996, p. 20) sendo o conteúdo um dos elementos principais do ensino.

“As situações emergentes do cotidiano são as discussões, questões ou observações que surgem no cotidiano dos estudantes e são encaminhadas pelo professor para despertar a necessidade de um conceito” (Oliveira; Panossian, 2020, p. 2). A análise crítica de situações emergentes do dia a dia oferece à prática educacional a chance de confrontar a criança com a necessidade de enfrentar e resolver desafios que tenham relevância em sua vida. (Lanner de Moura; Moura, 1998, p. 14).

É importante lembrarmos que a situação emergente do cotidiano, precisa ser intencional e planejada pelo professor, possibilitando que as ações de ensino levem os estudantes à apropriação do conceito.

Entender as ações de aprendizagem é compreender a Atividade Orientadora de Ensino como unidade entre atividade de ensino e atividade de aprendizagem. Segundo Moura *et al.* (2010) a atividade de ensino deve dar condições para que os estudantes realizem ações de

aprendizagem e, essas devem ser foco de avaliação pelos professores. Pode-se considerar que estas ações, são uma organização coletiva para o desenvolvimento dos estudantes e solução de problemas propostos.

Neste sentido, compreendemos que a Atividade Orientada de Ensino como base teórica-metodológica se apresenta como uma proposta para desenvolver o pensamento teórico do estudante a partir das ações intencionais desenvolvidas por professores (Moura *et al.*, 2017). “Ao agir intencionalmente, desenvolvendo ações que visam favorecer a aprendizagem de seus estudantes, o professor objetiva em sua atividade o motivo que o impulsiona.” (Moura *et al.*, 2010, p. 35).

Portanto, a Atividade Orientadora de Ensino pode ser uma possibilidade para o trabalho com a Educação Financeira, fornecendo estrutura, direção e suporte para ajudar os sujeitos a adquirirem habilidades financeiras, definirem objetivos financeiros e tomarem decisões financeiras informadas ao longo de suas vidas.

Na proposição e desenvolvimento das situações elaboradas para esta pesquisa, recorreu-se aos princípios da Atividade Orientadora de Ensino como base teórico-metodológica, por compreender que ela se apresenta como uma proposta para desenvolver o pensamento teórico do educando a partir das ações intencionais organizadas pelo professor, e dessa forma, propiciar a ambos, professor e estudante, uma qualidade nova, sendo essa adquirida quando estes se tornam sujeitos da aprendizagem. (Moura *et al.*, 2017).

A inspiração para a situação desencadeadora de aprendizagem planejada, com foco na Educação Financeira, visa propiciar aos estudantes a aquisição de conhecimentos pertinentes ao mundo das finanças e, de maneira crucial, a se prepararem para enfrentar outras situações.

Por considerarmos essencial que os estudantes sejam sujeitos ativos no seu processo de desenvolvimento e que, a escola tem a função de permitir que eles se apropriem de instrumentos e elaborações culturais, caracterizando o processo de humanização, optamos por desenvolver um trabalho fundamentado na perspectiva da Atividade Orientadora de Ensino.

3. UM POUCO SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Esta seção está estruturada em duas partes: na primeira, destacamos definições, conceitos e significados sobre Educação Financeira, bem como um estudo sobre sua abordagem em documentos oficiais; na segunda parte, apresentamos algumas contribuições de pesquisas relacionadas ao tema e seu desenvolvimento no espaço escolar.

3. 1. Educação Financeira em documentos oficiais

Levar a discussão da Educação Financeira para o sistema de ensino pode ser uma oportunidade de contribuir para a formação de cidadãos mais críticos (Araújo, 2009). Apesar de ser uma oportunidade, não é uma realidade para muitos estudantes, e muitas vezes não acontece pois, segundo Campos (2012) esse precisa ser um processo que exige um ensino contextualizado e significativo, pautado nas vivências reais do estudante, e a necessidade da formação de professores em Educação Financeira.

Cordeiro, Costa e Silva (2020, p.70) discorrem sobre a importância da Educação Financeira alegando que é

[...] um processo de aprendizagem ligado às finanças pessoais, onde a sociedade tem a oportunidade de adquirir uma visão crítica sobre o uso do dinheiro. A atual Constituição brasileira vincula a educação ao pleno desenvolvimento da pessoa e a seu preparo para o exercício da cidadania. Desta forma a EF entra com essa participação cidadã, uma vez que esta viabiliza o entendimento da sociedade sobre as finanças pessoais e nacionais.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mantém relações com o governo brasileiro desde 1998. Em 1999 o país foi convidado a participar das reuniões a nível ministerial e em 2003, incluiu o tema Educação Financeira. Desde então, destaca-se que a falta de ações voltadas à Educação Financeira da população é “um problema social que merece atenção especial e que iniciativas precisam ser realizadas para promovê-la, uma vez que a busca de estabilidade econômica e o desenvolvimento social inclusivo devem ser alvo de todas as nações” (Baroni, 2021, p. 66).

Por influência da OCDE, no Brasil, visando disseminar a Educação Financeira, alguns membros do Sistema Financeiro Nacional (SFN) propuseram a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) em 2007, instituída oficialmente em 2010 por meio do Decreto n.º 7.397/10. A ENEF, segundo o Plano Diretor (2011) tem como intuito a promoção e o fomento da cultura de Educação Financeira no país, orientação quanto às tomadas de decisões

no consumo consciente, e contribuir para a eficiência dos mercados financeiros com consumidores comprometidos em organizar-se.

Com objetivos bem definidos, a ENEF busca “[...] contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes” (Brasil, 2010, p.7).

O documento define Educação Financeira como

[...] o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e dos produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação claras, adquiram os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos e, então, façam escolhas bem informados, saibam onde procurar ajuda, adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar, contribuindo, assim, de modo consistente para formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (Brasil, 2011, p. 20).

Uma das ações programadas pela ENEF foi a inserção da Educação Financeira nas Escolas (EFE) tendo como objetivo educar as crianças e adolescentes para lidar com o uso do dinheiro de maneira consciente, de modo a desenvolver hábitos e comportamentos. Desse modo, segundo a ENEF, a Educação Financeira nas Escolas

[...] se apresenta como uma estratégia fundamental para ajudar as pessoas a realizar seus sonhos individuais e coletivos. Discentes e docentes financeiramente educados podem constituir-se em indivíduos crescentemente autônomos em relação a suas finanças e menos suscetíveis a dívidas descontroladas, fraudes e situações comprometedoras que prejudiquem não só sua própria qualidade de vida como a de outras pessoas (Brasil, 2010, p.8).

Em maio de 2018, aconteceu a 5ª Semana Nacional de Educação Financeira, promovida pelo Comitê Nacional de Educação Financeira⁵ (CONEF) e, durante o evento, várias ações foram realizadas com o objetivo de propagar a temática. Neste evento, várias propostas de diferentes instituições previdenciárias e de seguros divulgaram seus projetos e iniciativas voltadas à conscientização de crianças em relação à poupança e investimentos.

Segundo o Banco Central do Brasil (BCB), o “[...] aprendizado e a aplicação de conhecimentos práticos de Educação Financeira podem contribuir para melhorar a gestão de

⁵ É a instância responsável pela direção, supervisão e pelo fomento da ENEF, formado por sete órgãos e entidades de governo-Banco Central do Brasil, Comissão de Valores Mobiliários, Superintendência Nacional de Previdência Complementar, Superintendência de Seguros Privados, Ministério da Justiça e Cidadania, Ministério da Educação, Ministério da Fazenda – e quatro organizações da sociedade civil – ANBIMA, B3, CNseg, FEBRABAN, Sebrae, Consed. Disponível em: <<https://meufuturoseguro.gov.br/apresentacao/conef>> Acesso em: 18 de jun. de 2022.

nossas finanças pessoais, tornando nossas vidas mais tranquilas e equilibradas sob o ponto de vista financeiro.” (BCB, 2017, p. 12).

Atualmente, estamos sujeitos a um mundo financeiro mais complexo que o das gerações anteriores. Entretanto, a ausência de educação financeira, aliada à facilidade de acesso ao crédito, tem levado muitas pessoas ao endividamento e a outros problemas. Theodoro (2008) aponta que:

Com o advento da globalização e a estabilização da inflação, criou-se a possibilidade de pessoas de quaisquer classes sociais terem acesso a bens de consumo, bem como obtenção de créditos com mais facilidade que outrora o teriam. Esta facilidade está criando um ciclo consumista, podendo proporcionar às pessoas despreparadas experiências muito desagradáveis no campo das finanças pessoais, ocasionando, por consequência, stress conjugais e até doenças ligadas a fatores emocionais (Theodoro, 2008; p. 3).

Com pouca instrução de uso do crédito, do dinheiro, dos riscos e desdobramentos dos instrumentos financeiros, cresce o número de pessoas inadimplentes no país e, nas palavras de Savoia, Satio e Santana (2017, p. 1124), “[...] o crescimento desorientado do crédito produz inadimplência”. A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) realizada em 2022 mostrou que “[...] consumidores que mais se endividaram foram mulheres, pessoas jovens, com 2º grau completo e renda média e baixa. A proporção de famílias com dívidas atrasadas também foi a maior em 12 anos” (PEIC, 2022, p. 2).

Ainda segundo a pesquisa, a utilização do crédito após o ano de 2022 (pós pandemia) entre as famílias mais pobres “[...] foi fundamental para recomposição da renda e suporte ao consumo de itens de primeira necessidade, diante dos efeitos perversos da crise sanitária sobre o emprego formal e informal e da alta rápida e intensa da inflação” (PEIC, 2022, p. 2). Por outro lado, entre as famílias mais ricas, “[...] a retomada do consumo reprimido nos tempos de *lockdown* levou a mais contrações de dívidas” (PEIC, 2022, p. 2).

Segundo o BCB (2017, p. 19) o crédito é uma “[...] fonte adicional de recursos que não são seus, mas obtidos de terceiros (bancos, financeiras, cooperativas de crédito e outros), que possibilita a antecipação do consumo para a aquisição de bens ou contratação de serviços.” Limite do cheque especial, cartão de crédito, empréstimos, financiamentos imobiliários ou de veículos, compra a prazo em lojas, dentre outros, são exemplos de modalidades de crédito.

Percebemos, então, que o crédito pode ser vantajoso ou problemático, tanto para o tomador como para o fornecedor do crédito, quando não são tomados os devidos cuidados.

De acordo com o BCB (2017, p. 28) quem concede crédito,

[...] recebe juros como remuneração pelo capital emprestado, porém deve atentar para a capacidade de pagamento do tomador, do contrário corre um risco muito alto de não receber o montante emprestado de volta e assim ter graves problemas financeiros.

Assim, a compreensão para quem precisa do crédito, no caso o tomador, são importantes para entender vantagens ou desvantagens. O crédito é vantajoso em algumas situações quando, por exemplo, precisamos comprar um produto ou contratar um serviço, porém não dispomos de recursos suficientes; acidente com o veículo, serviço emergencial na residência, problema de saúde; ou ainda, aproveitar oportunidades (BCB, 2017).

Uma das desvantagens em relação ao uso do crédito é o pagamento de juros; o risco de endividamento excessivo; e automaticamente, o limite do consumo futuro, uma vez que o crédito tomado hoje tem de ser pago no futuro, reduzindo as disponibilidades financeiras futuras para o consumo (ibidem, 2017). Uma saída para não utilização do crédito, ou até mesmo a utilização consciente desse recurso é o corte de gastos, e sobre isto, vale refletir sobre três tipos: gasto essencial, gasto supérfluo e o desperdício.

Ainda de acordo com o BCB (2017) os gastos essenciais são aqueles que não podemos viver sem. Estão ligados às necessidades como alimentação, moradia, vestuário, saúde, educação, higiene, transporte. Os gastos supérfluos são aqueles que podemos viver sem, ou seja, não geram bem-estar e estão ligados mais aos desejos que às necessidades, como restaurantes, roupas de marca, assinaturas de TV entre outros. Já os desperdícios são aqueles gastos que não são essenciais, nem lhe traz maior satisfação ou qualidade de vida, como multas, pagar por algo e não usar, deixar a torneira aberta ou esquecer a luz acesa entre outros.

Definidas as despesas que se encaixam em cada uma dessas áreas, é possível planejar, poupar e investir. “O planejamento financeiro possibilita consumir mais e melhor. Consumir “mais” por meio da potencialização do dinheiro e “melhor” via eliminação de desperdícios” (BCB, 2017, p. 36).

Planejar suas finanças, segundo Cerbasi (2005, p. 14), é

[...] entender o máximo que podemos gastar hoje sem comprometer esse padrão de vida no futuro. É fazer escolhas como viver bem o presente, mesmo que isso signifique adiar o sonho de comprar determinado carro ou um apartamento mais confortável. É optar por mais anos de aluguel, viabilizando a formação de uma poupança que seria inviável durante um pesado financiamento.

Segundo dados publicados pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), a redução dos gastos com viagens, festas, idas a bares e

restaurantes favoreceu a formação de uma poupança por parte da população⁶ em 2020, tornando-se a principal fonte de economia. Em 2019, quando não havia pandemia, apenas 34% das pessoas economizaram em razão do corte de gastos, isso corresponde a cerca de 12 milhões de brasileiros, em 2020, subiu para 56%, saltou para mais de 20 milhões de pessoas.

A pesquisa informa, ainda, que a segunda maior fonte de economia em 2020 foi a não realização de compras desnecessárias, apontada por 24% das pessoas que conseguiram guardar algum dinheiro. Em 2019, o item liderava com 47%.

São vários os motivos para poupar: precaver-se diante de situações inesperadas, preparar-se para aposentar-se, realização de sonhos, entre outros. Estabelecer prioridades, torna mais fácil a incorporação do hábito de poupar. Hammes (2018, p. 33) afirma que “[...] poupança é a ação de salvar (poupar dinheiro para o futuro, reservar uma parte das despesas correntes ou evitar gastos ou aumento do consumo) e salvar as finanças”. A poupança, portanto, é a diferença da renda disponível e as despesas efetuadas. O entendimento dessas ações é importante para que as crianças “[...] cresçam e se tornem adultos com mais condições de terem uma vida melhor” (Ferreira, 2021, p. 10).

Aspirando uma concepção de Educação Financeira no âmbito da educação escolar, os pesquisadores Silva e Powell (2013) apresentaram uma definição no Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM) para a Educação Financeira Escolar:

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino que os torne aptos a analisar, fazer julgamento fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem. (Silva; Powell, 2013, p. 13).

Para delinear os objetivos desta definição, os autores se indagaram anteriormente sobre “[...] qual deveria ser o perfil idealizado, de um estudante educado financeiramente, ao final da Educação Básica, através do processo de ensino orientado para este fim?” (Silva; Powell, 2013, p. 13). Para os autores, um estudante é educado financeiramente quando:

a) Frente a uma demanda de consumo ou de alguma questão financeira a ser resolvida, o estudante analisa e avalia a situação de maneira fundamentada,

⁶ Pesquisa Raio-x do Investidor Brasileiro, 4ª edição, conduzida pela Anbima com apoio do Datafolha. As entrevistas aconteceram entre 17 de novembro e 17 de dezembro de 2020, com 3.408 pessoas economicamente ativas, que vivem de renda ou são aposentadas, de 16 anos ou mais, pertencentes às classes A, B e C, nas cinco regiões do País. A margem de erro da pesquisa é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

orientando sua tomada de decisão valendo-se de conhecimentos de finanças, economia e matemática;

b) Opera segundo um planejamento financeiro e uma metodologia de gestão financeira para orientar suas ações (de consumo, de investimento, ...) e a tomada de decisões financeiras a curto, médio e longo prazo;

c) Desenvolveu uma leitura crítica das informações financeiras veiculadas na sociedade. (Silva; Powell, 2013, p. 13)

Ainda de acordo com a proposta dos autores, é importante que a estrutura curricular considere três dimensões:

i) *pessoal*: que foca as finanças pessoais; ii) *familiar*: com ênfase no núcleo familiar. Ao mesmo tempo que discute as problemáticas financeiras de uma família, também pretende estimular o estudante a participar da vida financeira de sua família, veiculando informações e ajudando na tomada de decisões; iii) *social*: o foco estará em temas e questões financeiras presentes na sociedade atual. (Silva; Powell, 2013, p. 14)

Posto o que seria Educação Financeira Escolar e um estudante educado financeiramente, Silva e Powell (2013) propõe quatro eixos norteadores que comporiam o currículo: I- Noções básicas de Finanças e Economia; II- Finança pessoal e familiar; III- As oportunidades, os riscos e as armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo; IV- As dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que envolvem a Educação Financeira. Percebemos, neste contexto, que a Educação Financeira não deve passar despercebida pelos conteúdos escolares, pelo contrário, deve estar estruturada com os demais conteúdos, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e reflexivos economicamente.

Assim, buscamos conhecer o que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) recomenda sobre o papel da Educação Financeira nos ambientes escolares, pois esse documento surgiu com o objetivo de ser usado como referência para a construção dos currículos escolares, até o Ensino Médio.

Para o Ensino Fundamental, a BNCC sugere “[...] um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais, políticas e psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro” (Brasil, 2018, p. 269). O documento visa mostrar como os conceitos de matemática financeira se dão na prática e desenvolver competências e habilidades que serão fundamentais para os alunos no futuro.

No quadro 1, destacamos as habilidades referentes à Matemática Financeira e Educação Financeira retiradas da BNCC para os anos finais, ou seja, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Quadro 1 - Habilidades referentes à Matemática Financeira no contexto da Educação Financeira apresentadas na BNCC

Ano escolar	Unidade temática	Objeto do Conhecimento	Habilidades
6º ano	Números	Cálculo de porcentagens por meio de estratégias diversas, sem fazer uso da “regra de três”	(EF06MA13) Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, com base na ideia de proporcionalidade, sem fazer uso da “regra de três”, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, em contextos de educação financeira, entre outros.
7º ano	Números	Cálculo de porcentagens e de acréscimos e decréscimos simples	(EF07MA02) Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, como os que lidam com acréscimos e decréscimos simples, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, no contexto de educação financeira, entre outros.
8º ano	Números	Porcentagens: problemas que envolvem cálculo de percentuais sucessivos	(EF08MA04) Resolver e elaborar problemas, envolvendo cálculo de porcentagens, incluindo o uso de tecnologias digitais
9º ano	Números	Porcentagens: problemas que envolvem cálculo de percentuais sucessivos	(EF09MA05) Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, com a ideia de aplicação de percentuais sucessivos e a determinação das taxas percentuais, preferencialmente com o uso de tecnologias digitais, no contexto da educação financeira.

Fonte: Elaboração da autora a partir da BNCC (BRASIL, 2018).

Percebemos que o documento está bem respaldado quanto ao ensino de modos e técnicas de cálculos matemáticos. Contudo, acreditamos que a Educação Financeira precisa abarcar discussões para além dos cálculos e corroboramos com Santos (2019, p. 49) ao inferir que “[...] o trabalho da Educação Financeira pode e deve ir além do cálculo de porcentagens, desde que haja uma contextualização que produza significado para o aluno”.

A Matemática Financeira utiliza conceitos e técnicas matemáticas para aplicação a dados financeiros em geral e está diretamente ligada à origem e desenvolvimento do comércio. “Historicamente, a Matemática Financeira e Comercial esteve associada à ideia da origem do dinheiro e de como lidar com o capital ao longo do tempo” (Silva, 2016, p. 21). Sua abordagem escolar muitas vezes é caracterizada apenas pela aplicação de fórmulas desconectadas de uma discussão contextualizada da situação que ilustra o problema financeiro. Santos e Pessoa (2016) ao relacionarem Educação Financeira e a Matemática Financeira defendem que

As atividades que envolvem a temática podem estar diretamente relacionadas a conteúdos matemáticos, como a discussão sobre juros (Matemática

Financeira) para, a partir disso, trabalhar com alunos a EF, com discussões como: o que eu posso fazer no momento em que vou comprar? Quais são as minhas possibilidades? Será que posso esperar mais um tempo para comprar esse bem à vista ou ele é emergencial e preciso comprar a prazo? Em contrapartida, as atividades podem surgir a partir de questões diversas, não ligadas à Matemática, como a questão do consumo sustentável, da preservação do meio ambiente, da quantidade de produtos desnecessariamente consumidos etc. (Santos; Pessoa, 2016, p. 21).

Dessa maneira, fundamentamos nossa pesquisa na crescente relevância da Educação Financeira em diálogo com pesquisas relacionadas à Educação Matemática, registrando seu impacto nos aspectos sociais, econômicos, políticos e ambientais, bem como em sua contribuição para a formação crítica de nossos estudantes. Além disso, destacamos a necessidade de integrar atividades de Educação Financeira em ambientes de aprendizagem que fomentem o questionamento e a reflexão sobre os cenários apresentados.

3. 2. Algumas contribuições de pesquisas sobre Educação Financeira

Nesta subseção, realizamos uma análise de estudos relacionados à Educação Financeira nos anos finais do Ensino Fundamental, utilizando como ferramenta de busca o banco de teses e dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Apresentamos, no quadro 2, os critérios utilizados para a revisão de trabalhos para este estudo.

Quadro 2 - Critérios da revisão de trabalhos para este estudo

Critério	Descrição
Intervenção	Trabalhos que apresentem estudos sobre Educação Financeira nos anos finais do Ensino Fundamental.
Leitura reflexiva	Observamos alguns aspectos dos estudos, como objetivos, referencial teórico, metodologia, resultados e produtos.
Palavras-chave	● educação financeira AND atividade orientadora de ensino AND matemática ● educação financeira AND ensino fundamental AND matemática
Listagem de fontes	CAPES; BDTD
Tipos de trabalhos	Dissertações e Teses relacionadas ao tema
Período	2016 a 2023
Critérios de inclusão e exclusão	Os trabalhos precisam estar disponíveis na internet e devem considerar estudos sobre discussões e/ou estratégias de ensino de Educação Financeira, para os anos finais do Ensino Fundamental

Fonte: Adaptado de Faria (2020, p. 22).

A pesquisa realizada de junho de 2022 a junho de 2023 ocorreu utilizando, em primeiro momento, as palavras-chaves “educação financeira AND atividade orientadora de ensino AND matemática” e, num segundo momento as palavras “educação financeira AND ensino fundamental AND matemática”. Foram encontrados no banco de teses e dissertações da CAPES 100 pesquisas, sendo que, 19 anteriores à plataforma sucupira, oito sem autorização para divulgação e outras 30 não envolviam os anos finais do Ensino Fundamental. Esses 57 trabalhos foram desconsiderados para a presente análise.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foram utilizadas as mesmas palavras-chaves, mencionadas no parágrafo anterior; localizamos 37 pesquisas das quais, 16 encontradas na CAPES, 18 não envolviam os anos finais do Ensino Fundamental. Dos 37 trabalhos, foram considerados 8 para análise.

Das publicações restantes, grande maioria traz a Educação Financeira a partir do Modelo dos Campos Semânticos; Análise de Conteúdos de Laurence Bardin; Aprendizagem significativa de David Ausubel ou ainda utilizam como referencial teórico a Educação Matemática Crítica de Ole Skovsmose.

Por contemplarem os critérios de inclusão e exclusão estipulados no Quadro 2, foram selecionadas 11 obras que mais se aproximam do objetivo deste trabalho e são apresentadas no Quadro 3. Todos os trabalhos referem-se a dissertações e apresentam discussões específicas para os anos finais do Ensino Fundamental. Acreditamos que o desenvolvimento dos trabalhos, as situações propostas e os produtos apresentados, puderam contribuir de alguma forma com a construção deste trabalho, ressaltamos que outras obras foram referenciadas no decorrer desta dissertação, contudo, não foram incluídas na lista por não cumprirem algum dos critérios.

Quadro 3 – Obras selecionadas

Ano	Título	Autor/ Orientador	Instituição	Fonte
2016	Educação Financeira no Ensino Fundamental: Um Bom Negócio	Adriana de Souza Lima/ Prof. Dr. Ilydio Pereira de Sá	UERJ	CAPES
2016	Educação Financeira por meio de dados reais: atividades didáticas para a educação básica	Ana Carolina Gadotti/ Profa. Dra. Tânia Baier	FURB	BDTD
2016	O ensino da Matemática Financeira na escola numa perspectiva de educação para vida	Cleide Cristina Zen de Souza/ Ettiène Gueiros	UFPR	BDTD
2017	Educação Financeira: praticando o consumo consciente no Ensino Fundamental	Antonio Marco Campos Carrara/ Profa. Dra. Chang Kuo Rodrigues	UNIGRAN RIO	CAPES/ BDTD

2019	Educação financeira escolar: a noção de poupança no ensino fundamental	Luciana Maria da Silva/ Prof. Dr. Amarildo Melchiades da Silva	UFJF	CAPES/ BDTD
2019	A Educação Financeira no Contexto Escolar do Ensino Fundamental	Catia Gomes da Silva/ Profa. Dra. Denise Nascimento Silveira	UFPEl	CAPES/ BDTD
2019	Educação Financeira: uma proposta de trabalho para os anos finais do Ensino Fundamental	Fabrycia Maria Teodoro Santos/ Profa. Dra. Tânia Fernandes Bogutchi	PUC-MG	CAPES
2020	A Educação Financeira no ensino fundamental e o desenvolvimento de atividades para o 9º ano	Simone de Fatima Freitas/ Prof. Dr. André Luís Machado Martinez	UTFPR	BDTD
2020	Educação Financeira: uma abordagem no Ensino Fundamental – anos finais	Vanessa Rodrigues Tinoco/ Prof. Marcos Craizer	PUC- RIO	CAPES/ BDTD
2021	Educação financeira escolar: o valor do dinheiro no tempo	Jaciene Lara de Paula Caetano/ Prof. Dr. Amarildo Melchiades da Silva	UFJF	CAPES/ BDTD
2022	Educação Financeira Escolar e Educação Matemática: a desigualdade social no Brasil	Hugo Lagrimante Ferreira/ Prof. Dr. Amarildo Melchiades da Silva	UFJF	CAPES

Fonte: Elaborado pela autora

Lima (2016) recorre aos cenários para investigação da Educação Matemática Crítica de Skovsmose, “[...] para evidenciar que a íntima ligação entre os conceitos matemáticos e a Educação Financeira pode contribuir positivamente na construção da cidadania através de uma dimensão investigativa e crítica do conhecimento matemático” (LIMA, 2016, p. 18). A pesquisadora propôs questionários a 10 professores de Matemática e 110 estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, investigando as possíveis necessidades de formação dos professores e os saberes econômico-financeiros dos estudantes. A pesquisa traz um *e-book* como produto educacional, podendo caracterizar-se como uma possibilidade aos educadores para a abordagem de assuntos relacionados à Matemática de maneira mais dinâmica, por meio dos recursos que podem nele ser inseridos

A pesquisa realizada por Gadotti (2016) teve como objetivo a elaboração e aplicação de atividades didáticas sobre o tema Educação Financeira, fundamentadas em dados reais, visando a colaboração na formação dos estudantes para o consumo sustentável e uma vida financeira responsável. As atividades envolvem cálculos numéricos e questões abertas, foram elaboradas no intuito de “motivar os estudantes a refletirem sobre suas práticas financeiras” (Gadotti, 2016, p. 83), intuito este que se aproxima do que buscamos em nossa pesquisa. A autora reflete que a Educação Financeira ainda é pouco trabalhada no ambiente escolar e que, consequentemente,

“[...] muitos jovens estão concluindo a educação básica sem nenhum aprendizado sobre situações financeiras” (Gaddotti, 2016, p. 83).

Souza (2016) investigou se os conhecimentos de matemática financeira numa perspectiva de Educação Financeira motivam o estudante para uma aprendizagem significativa de modo a promover compreensão de conceitos ao mesmo tempo em que os instrumentalizam para a vida. O objetivo da pesquisa é identificar a contribuição para a estruturação do pensamento e para a tomada de decisões frente a situações que estão presentes nas atividades humanas. Os dados foram organizados e analisados à luz de elementos da Teoria do Modelo dos Campos Semânticos e da Teoria da Matemática Crítica. Apesar de teorias diferentes, vemos e reconhecemos a importância desta pesquisa para a tomada de decisões eficazes e sustentáveis em relação às finanças pessoais. A Educação Financeira capacita as pessoas a entenderem melhor as opções disponíveis para elas. Isso inclui compreender diferentes tipos de investimentos, escolher entre opções de crédito, e avaliar os riscos e benefícios de diversas decisões financeiras.

Carrara (2017) defendeu sua dissertação apontando a Engenharia Didática que “[...] apesar de sua complexidade, ela possibilita que o trabalho não ocorra de modo “engessado”, e assim permitindo que o pesquisador tenha autonomia para executar sua pesquisa com certa flexibilidade” (Carrara, 2017, p. 26). Bem como a pesquisa de Carrara, nossa pesquisa apresenta a Atividade Orientadora de Ensino como práticas pedagógicas que vão além da simples transmissão de informações, promovendo a construção ativa do conhecimento pelos estudantes. A intencionalidade, nesse contexto, refere-se à clareza e propósito na escolha e condução das atividades, garantindo que elas estejam alinhadas com objetivos específicos de aprendizagem. O produto educacional desta investigação, foi a elaboração de um *e-book* cujo o objetivo é apresentar algumas possibilidades metodológicas para uma proposta de ensino envolvendo Educação Financeira, utilizando a história em quadrinhos como instrumento.

A dissertação de Silva (2019) teve como foco a noção de poupança com o propósito de educar financeiramente os estudantes do Ensino Fundamental. Acreditamos que ao incorporar a noção de poupança no currículo do Ensino Fundamental de maneira prática e envolvente, os estudantes estarão mais bem preparados para tomar decisões financeiras informadas no futuro. Essa base sólida contribui para o desenvolvimento de habilidades financeiras cruciais desde uma idade mais jovem. A autora se fundamenta no Modelo dos Campos Semânticos e elaborou um conjunto de tarefas com o objetivo de estimular a produção de significados pelos estudantes para o conceito de poupança. O conjunto de tarefas serviu como base para elaboração do produto educacional, um manual didático para professores do ensino fundamental.

Na dissertação intitulada “A Educação Financeira no contexto escolar do ensino fundamental”, Silva (2019) buscou compreender como a Educação Financeira estava sendo desenvolvida nos anos finais do ensino fundamental em uma escola pública do Rio Grande do Sul. Nas considerações finais, a autora alega que a “Educação Financeira continua despercebida e impraticada pela maioria da população, pois não sendo apresentada ao público jovem, consequentemente não estará presente na vida futura desse cidadão e muito menos de seus sucessores” (Silva, 2019, p. 59). Neste contexto, existem inúmeras dúvidas sobre o tema como empreendedorismo, impostos, taxas e sua importância, prestações, pagamentos antecipados e postecipados, malefícios e benefícios do cartão de crédito, serviços bancários básicos, riscos e diversificação, poupar e investir, juros, obtenção de receitas e outros temas comuns no mundo econômico.

Santos (2019) se propôs a estudar a Educação Financeira por meio da metodologia das sequências didáticas investigativas, elaboradas com situações cotidianas dos alunos, com o intuito de descobrir se estas poderiam promover uma aprendizagem significativa. A investigação foi escrita com base nas ideias de Zabala (2010) e Fiorentini e Lorenzato (2012) e a análise dos resultados foi feita com base nas ideias de David Ausubel, acerca da aprendizagem significativa. Observamos uma aproximação em relação à nossa pesquisa ao criar estratégias para o ensino da Educação Financeira, utilizando situações cotidianas como base para abordar a temática.

A pesquisa realizada por Freitas (2020) tem como objetivo a contribuição na formação cidadã de cada estudante de uma turma do 9º ano, com o intuito de melhorar o letramento financeiro com atividades presentes no cotidiano. As reflexões apresentadas sugerem a necessidade de inserção da Educação Financeira na prática docente e letramento financeiro dos estudantes. Percebeu-se ainda que, os estudantes sentiram a necessidade de mais temas relacionados à sua vida financeira e tomada de decisões.

O eixo central apresentado na pesquisa de Tinoco (2020) são atividades que contextualizam a teoria da matemática financeira com sua prática por meio da Educação Financeira cujo objetivo é despertar nos estudantes o interesse pelo tema para que construam conhecimentos necessários para tomada consciente de decisões e planejamento financeiro individual.

A pesquisadora Caetano (2021) apresenta discussões acerca do valor do dinheiro no tempo, o qual, segundo a autora, é considerado um dos temas centrais na área de Finanças. O objetivo da pesquisa foi o de estimular a produção de significados dos estudantes do sétimo ano do ensino fundamental através de tarefas referenciadas teoricamente no Modelo dos Campos

Semânticos, abordando a concepção de Educação Financeira Escolar proposta por Silva e Powell (2013), especificamente sobre o valor do dinheiro no tempo.

Para finalizar a revisão dos trabalhos encontrados no banco de teses e dissertações da CAPES, trouxemos o trabalho produzido por Ferreira (2022). A dissertação nos convida a estimular e produzir significados sobre a desigualdade social associada a questões financeiras no Brasil. O pesquisador desde o início de sua trajetória acadêmica participou de projetos que envolviam a Educação Financeira, o que torna sua pesquisa rica em questionamentos e reflexões. Como produto educacional, foi elaborado um conjunto de tarefas referenciadas teoricamente pelo Modelo dos Campos Semânticos. O trabalho apresenta alguns resultados, dentre eles, destacamos a mudança de olhar em sala de aula tornando-se “[...] mais sensível em relação às disposições da desigualdade social e suas conexões” (Ferreira, 2022, p. 105).

Utilizando-nos das revisões citadas e observando o cenário atual, observamos que dos 36 trabalhos restantes, 14 abordam o tema nos anos iniciais do Ensino Fundamental e 22 no Ensino Médio, deste modo, o que nos faz perceber que pesquisadores têm se preocupado em tratar de Educação Financeira nos diferentes anos de ensino.

O resultado da revisão sistemática da literatura realizada nos auxiliou na reflexão sobre a temática abordada na pesquisa. Os trabalhos nos mostram a importância de discutir sobre Educação Financeira e consolida os detalhes nas propostas divulgadas no produto educacional. Mesmo tendo algumas semelhanças com estudos realizados, esta pesquisa se difere quando aponta as possibilidades de discussões apoiadas a uma base teórica e metodológica que sustenta as ações de ensino e as ações de aprendizagem. Acreditamos que por meio dos princípios teórico-metodológicos da Atividade Orientadora de Ensino, é possível proporcionar à Educação Financeira uma nova qualidade, tanto na atividade de ensino (atividade do professor) quanto na atividade de aprendizagem (atividade do aluno), pois se trata de um modo de organização do ensino que busca colocar os sujeitos em atividade. Esperamos que nossa pesquisa contribua com as produções científicas realizadas e com as futuras pesquisas, fortalecendo este segmento teórico.

Na próxima seção, apresentamos o percurso metodológico utilizado na pesquisa, seus participantes e o ambiente onde ela se desenvolveu.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa e a descrição dos procedimentos. Também, apresentamos uma breve contextualização do ambiente onde a pesquisa foi realizada, com informações sobre ela e os participantes e, por fim, o conjunto de situações que foram elaboradas e desenvolvidas em nosso processo investigativo bem como seus objetivos específicos, além do modo de organização do material empírico para análise.

4. 1. Metodologia da pesquisa

Ao iniciarmos o processo de pesquisa, nossa primeira ação consistiu na submissão do respectivo projeto ao Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UFU), juntamente com toda a documentação exigida. Segundo Bogdan e Biklen (2013, p. 77), “[...] ao negociar a autorização para efetuar um estudo, o investigador deve ser claro e explícito com todos os intervenientes relativamente aos termos do acordo e deve respeitá-lo até a conclusão do estudo”. Deste modo, tanto a direção da escola, que ao ser contatada recebeu e assinou uma declaração de coparticipação (APÊNDICE 1) e manifestou irrestrito apoio ao desenvolvimento da proposta, quanto os sujeitos da pesquisa que receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para responsável legal por menor de 18 anos para levarem para seus responsáveis (APÊNDICE 2). O projeto foi devidamente aprovado sob o parecer número 64263122.30000.5152, assegurando, assim, sua viabilidade.

A abordagem metodológica que viabilizou a condução deste estudo, fundamentou-se na Teoria Histórico-Cultural desenvolvida inicialmente por Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) e concebida dentro da concepção do materialismo histórico e dialético de Marx.

Em conformidade com a visão de Marx (2013), adotamos a concepção do ser humano como aquele que se humaniza por meio do trabalho, transformando o ambiente ao redor e desenvolvendo sua consciência ao realizar atividades intencionais. Dessa forma, o trabalho não é apenas uma atividade prática, mas também um processo pelo qual os indivíduos constroem sua identidade e compreensão do mundo ao seu redor.

O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência. (Marx, 2003, p. 5)

Vygotsky (1991) argumenta que o desenvolvimento psíquico humano ocorre por meio do processo de internalização. As relações intrapsíquicas (atividade individual) surgem a partir das relações interpssíquicas (atividade coletiva). Nessa transição do contexto social para o individual, ocorre a aquisição de conceitos e significados. Isso evidencia que a aprendizagem é mediada tanto cultural quanto socialmente. Vygotsky (1994) afirma que,

[...] a personalidade humana é formada, basicamente, sob a influência das relações sociais, ou seja, o sistema do qual somos parte, a partir da mais tenra infância em diante. ‘Minha relação com meu ambiente’, diz Marx, ‘é minha consciência.’ Uma mudança fundamental de todo o sistema dessas relações das quais o ser humano é parte, conduzirá inevitavelmente a uma mudança na consciência, a uma mudança em todo o comportamento do ser humano (Vygotsky, 1994, p. 181).

Portanto, ao adotar essa abordagem metodológica, reconhecemos a importância de situar o estudo dentro de um contexto histórico e social específico, considerando as influências culturais e materiais que moldam as experiências e práticas dos participantes. Além disso, enfatizamos a necessidade de entender o papel do trabalho e da atividade intencional na formação dos indivíduos, destacando sua relevância tanto para o desenvolvimento pessoal quanto para a transformação social mais ampla.

Essa declaração está alinhada com o que concebemos como pesquisa qualitativa, que, conforme as ideias de Minayo (2006), fundamenta-se na análise da história, das relações interpessoais, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões. Estes elementos se configuram como resultados das interpretações que os indivíduos fazem sobre suas experiências de vida, seus sentimentos e seus pensamentos. Para a autora,

[...] as abordagens qualitativas se conformam melhor às investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos (Minayo, 2006, p. 57)

Concordamos, conforme Moura (2004, p. 264), que abordar a pesquisa como uma atividade implica buscar ferramentas para atender a uma necessidade específica: compreender o processo que impulsiona o professor a instigar uma mudança qualitativa.

4.2 Os participantes da pesquisa

A proposta foi desenvolvida em duas turmas de 7º ano, totalizando 59 estudantes, com idades variando entre 12 e 14 anos.

A quantidade de estudantes que participou em cada situação foi variada, pois na semana de sua culminância, houve muitas faltas, de forma que alguns participaram apenas de um, dois ou nenhum momento. Dos 59 estudantes que aceitaram participar da pesquisa, apenas dezesseis deles participaram de todos os momentos propostos. Além dos 16, havia três que ainda não dominavam a leitura e a escrita, mas participaram de forma oral. Os participantes da pesquisa tiveram suas identidades preservadas, por meio de nomes fictícios, a idade em questão é real, ao serem mencionados conforme explicitado no Quadro 4 nas transcrições dos materiais empíricos.

Quadro 4 – Perfil dos participantes

Idade	Participante
13 anos	Guilherme não trabalha. Mora com seus pais e mais dois irmãos.
14 anos	Jonas não trabalha. Mora com sua avó (única provedora da casa) e seus dois irmãos. Sua mãe faleceu a 2 anos e seu pai está preso a 4 anos.
12 anos	Tom trabalha vendendo picolé na rua desde a pandemia. Mora com sua mãe mais três irmãos mais novos.
14 anos	Lucas não trabalha. Mora com a mãe e irmã mais velha. Sua mãe não possui emprego fixo.
13 anos	Leila trabalha ajudando sua mãe no salão, recebe um valor simbólico semanal. Mora com a mãe, padrasto e irmão mais novo.
14 anos	Andressa não trabalha. Mora com seus pais e três irmãos.
13 anos	Bia não trabalha. Mora com sua mãe que trabalha fora, e com sua avó aposentada.
12 anos	Rafael trabalha como ajudante em oficina de moto. Mora com sua avó que vende quitanda, para complementar a renda, e é aposentada, e com um primo estudante e jovem aprendiz.
14 anos	Pedro trabalha com o tio em um mercado durante a tarde. Perdeu a mãe durante a pandemia e mora com seu pai e irmã.
13 anos	Enzo trabalha em um lava-jato. Filho único e mora com seus pais.
12 anos	Léo não trabalha. Mora com os pais e um irmão mais velho. Todos trabalham fora, exceto Léo.
13 anos	Luís trabalha como ajudante em oficina de carro. Mora somente com a mãe.
12 anos	Laila parou de trabalhar para ajudar em casa. Mora com seus pais e sua irmã de poucos meses.
14 anos	Alice trabalha como babá cuidando da filha da vizinha. Mora em lar temporário.
13 anos	Talita não trabalha. Mora com sua mãe e madrasta.
13 anos	Marcela trabalha vendendo salgados com a tia. Mora com a tia e prima. Seus pais são usuários de drogas e a deixou.

Fonte: Informações organizadas pela autora durante conversa com os participantes.

O público-alvo selecionado foi pertinente ao objetivo da pesquisa, isso porque demonstraram, durante as aulas que, cada vez mais, eles têm participado das decisões de

compras no ambiente familiar, evidenciando que precisam de conhecimentos financeiros. Além disso, alguns estudantes trabalham em diferentes áreas: vendendo picolés, doces ou salgados; mecânica de carro/moto; lava a jato; loja com os pais; lavoura; e admitiram não saber consumir de forma responsável, investir ou ainda gastar sem necessidades.

Para a escola, a participação da comunidade escolar em projetos afeta a aprendizagem dos estudantes, pois “tem um impacto significativo e importante na aprendizagem, uma vez que esta depende muito mais das interações que o aluno vivencia do que as que ocorrem dentro da sala de aula” (PPP, 2022, p. 97).

Esse fato corrobora com o caráter educativo da pesquisa para o participante, pois segundo Rigon (2011, p. 191), “foi na experiência de vida individualizada que tomo consciência, definitiva, de quanto a atividade coletiva é propulsora e constituinte dos indivíduos no sentido de fazerem destes verdadeiros sujeitos”.

Dessa forma, além dos estudantes, a autora deste trabalho, professora dos estudantes, também faz parte da pesquisa, juntamente com sua orientadora.

4. 3. O ambiente da pesquisa

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) a escola é composta, atualmente, por 483 estudantes, 45 funcionários sendo 37 professores, 1 secretária, 4 Assistentes Técnicos de Educação Básica (ATB), 9 Auxiliares de Serviços da Educação Básica (ASB), 02 Especialistas em Educação Básica (EEB), 01 Vice-Diretor e 01 Diretora. A Instituição conta também com um Colegiado Escolar, que incentiva todas as ações relacionadas à qualidade de ensino e de aprendizagem.

A escola estadual oferece o Ensino Fundamental de 9 anos de duração, contando com 17 turmas do Ensino Regular, 1 turma de Educação Integral e Integrada, 2 turmas do Atendimento Educacional Especializado (AEE) com uma ampla sala de recursos, 1 sala de biblioteca, 1 sala de Laboratório de Informática com 10 computadores conectados à internet e 2 turmas de aulas de reforço.

A escola tem um atendimento diferenciado ao aluno, em prol de sanar suas necessidades educacionais. Oferece um ensino de qualidade, que proporciona ao educando a construção do conhecimento, o desenvolvimento pleno de suas potencialidades e sua inserção no ambiente social, desenvolvendo habilidades, utilizando os conteúdos curriculares da base nacional comum e os temas transversais. (PPP, 2022, p. 84)

Para identificar e compreender a relação da escola com a comunidade, é necessário ter clareza dos principais fatores que caracterizam a escola e os estudantes que nela estudam. Conhecer os sujeitos e seus anseios, dificuldades e potencialidades contribui para o estabelecimento da mútua confiança e respeito entre os membros da escola, fortalecendo o ensino e a aprendizagem. Neste sentido, torna-se relevante compreender a condição socioeconômica que pode refletir um contexto de vulnerabilidade ou segurança, que por sua vez, influencia na restrição ou ampliação das oportunidades de vida para os estudantes. Assim, ainda segundo o PPP (2022),

Nossos educandos provêm de famílias de situação socioeconômica precária, a maioria dos pais trabalham fora o dia todo em cerâmicas, cafezais, casas de família e muitos estão desempregados. Portanto, existem famílias em que os alunos não encontram assistência para as atividades escolares, e muitos responsáveis não podem nem frequentar uma reunião de pais ou evento comemorativo, por estarem em seu trabalho. (PPP, 2022, p. 96)

Percebemos durante o ano letivo que a escola procura valorizar os estudantes, buscando ouvi-los, respeitando seus direitos e incentivando o cumprimento de seus deveres. “Nossos alunos se reconhecem como protagonistas, porque se sentem interagidos com o processo de aprendizagem” (PPP, 2022, p. 96).

4. 4. O conjunto de situações elaboradas

A proposta foi projetada como uma história em quadrinhos e, corroboramos com Ferreira (2021, p. 42), ao inferir que os quadrinhos possuem “[...] diversas potencialidades pedagógicas no ensino, como estimular a leitura, a criatividade e a imaginação, desenvolver a escrita, propiciar trabalho em grupo, além de poder desenvolver um trabalho interdisciplinar”.

Acreditamos que as histórias em quadrinhos utilizam uma linguagem acessível aos estudantes e permitem a exploração de diversos temas, contribuindo para o desenvolvimento, a interpretação e a prática da leitura. Além disso, incorporamos elementos lúdicos que podem aumentar o interesse dos alunos. Um aspecto crucial dos quadrinhos é o uso de imagens, que também serve como uma forma eficaz de comunicação com o leitor.

As histórias em quadrinhos podem ser consideradas,

[...] como uma sequência de uma narrativa formada de um conjunto de uma linguagem verbal com a não verbal, com personagens fixos. Pode ser feita numa tira, numa página ou em duas, ou em várias páginas (revista ou álbum). Pode ser atemporal, temporal, regional, científica, entre outros. (Silva, 2006 *apud* Costa, 2023, p. 32).

Diante o exposto, elaboramos 4 situações de ensino em forma de uma história em quadrinhos, na perspectiva da situação emergente do cotidiano (Lanner de Moura; Moura, 1998) e a desenvolvemos no segundo semestre de 2022, com carga horária composta por 5 aulas de 50 minutos cada. As aulas ficaram divididas da seguinte maneira:

- Situação 1 (2 aulas): Cofrinho da Copa do Mundo.
- Situação 2 (1 aula): Gastos essenciais, gastos supérfluos e desperdícios.
- Situação 3 (1 aula): Lazer sem consumo, é possível?
- Situação 4 (1 aula): Carta de desejos.

A história em quadrinhos⁷ tem como temática o Álbum da Copa do Mundo que ocorreu no Catar em 2022 e foi elaborada pela professora-pesquisadora. A escolha do tema se deu pelo fato de que durante os anos de Copa do Mundo as pessoas se envolvem em compras de figurinhas e, por vezes, não percebem os valores gastos e simplesmente entram na brincadeira. Assim, acreditamos que esta seria uma forma dos estudantes se envolverem nas propostas tendo como plano de fundo uma situação que lhes interessa.

Depois da organização, estudos e seleção do material empírico é que conseguimos visualizar caminhos possíveis para nossa análise. A partir da análise, procuramos dar significado às informações obtidas, uma vez que as situações de ensino nos mostram elementos que vão além de simples respostas e discussões, pois são “[...] os gestos, as falas mais eloquentes, os diálogos, os escritos” (Sousa, 2004, p. 36) que revelam um significado maior para entendermos o que é o “estar em atividade” (Moretti, 2007, p. 99).

Para realizar a análise do material empírico (gravações de áudio, registros escritos realizados pelos estudantes e diário da pesquisadora), utilizamos os episódios que, segundo Moura (2004, p. 276), podem ser “[...] frases escritas ou faladas, gestos e ações que constituem cenas que podem revelar interdependência entre os elementos de uma ação formadora”. Utilizamos ainda, as cenas formadas a partir dos episódios que “[...] buscam revelar as múltiplas determinações, as relações essenciais que possibilitam compreender o fenômeno para além da aparência, do imediato” (Araújo; Moraes, 2017, p. 68).

Alguns pesquisadores, como Moisés (1999), Moura (2004), Ribeiro (2007), Migueis (2010), Moraes (2008) e outros, têm adotado um procedimento que se destaca por utilizar o conceito de isolado de Bento de Jesus Caraça como referencial teórico para análise de dados em pesquisas na área da educação.

⁷ A história em quadrinhos completa se encontra no produto educacional nos anexos desta pesquisa.

Segundo Caraça (2000), na “impossibilidade de abraçar, num único golpe, a totalidade do Universo [realidade observada], o observador recorta, destaca, dessa totalidade, um conjunto de seres e fatos, abstraindo de todos os outros que com eles estão relacionados” (p.105). Neste sentido, o pesquisador precisa muito cuidado e critérios para tomar como isolado de estudo as relações que, de fato, compreendessem os fatores que influenciam no fenômeno investigado. Essas relações representam “o conjunto de ações que desencadeia o processo de busca da resposta do problema em questão” (Moura, 2000, p.77).

Para Moraes (2008), a análise por meio dos isolados envolve uma segmentação do conjunto total, na qual as relações de interdependência e fluidez são preservadas, evidenciando que a parte está contida no todo e o todo está contido na parte. Dessa forma, a análise das mudanças qualitativas do objeto de estudo é desenvolvida.

Logo, devemos compreender o isolado em como um elemento fluido, de modo que

[...] o isolado é percebido em um tempo social próprio. A superação de um isolado, revelada pelo fator do inesperado, alimenta o avanço da ciência na busca de novos isolados. Caraça discute, inclusive, que no percurso da pesquisa um isolado pode ser constitutivo de um outro. Com efeito, podemos admitir níveis de isolados que se interdependem (Araújo, 2003, p. 55).

Em nossa investigação, tomamos como *isolado* a própria situação de ensino desenvolvida com os estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental. Em outras palavras, o foco da pesquisa está em compreender que impressões alunos do 7º ano expressam ao vivenciar uma prática pedagógica envolvendo Educação Financeira. O isolado, portanto, seria o elemento central sobre o qual a pesquisa se concentra para compreender seus efeitos e contribuições específicas para a Educação Financeira dos estudantes do 7º ano.

No quadro 5 apresentamos a organização do material empírico para nossa análise.

Quadro 5 – Organização do material empírico

Questão investigativa	O que nos direcionou	Isolado	Episódios
Que impressões estudantes de 7º ano expressam ao vivenciar uma prática pedagógica envolvendo Educação Financeira?	A necessidade expressada pelos estudantes em aprender a consumir responsabilmente dinheiro e entender a importância do planejamento familiar	Proposta de trabalho desenvolvida com os estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental.	Episódio 1: Diálogo sobre Educação Financeira e a condição financeira em que está inserido
			Episódio 2: Compreender as dificuldades que as famílias têm de administrar as finanças
			Episódio 3: Debater sobre a possibilidade de ter lazer sem consumir.
			Episódio 4: Carta de desejo

Fonte: Organização da autora

A partir da elaboração do quadro 5, iniciamos uma análise do trabalho realizado na intenção de nos aprofundarmos nos dados obtidos e responder, de forma consistente, nossa questão de investigação.

5. ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO

5. 1. Episódio 1 – Diálogo sobre Educação Financeira e a condição financeira em que está inserido

O episódio 1 foi direcionado para uma contextualização da temática Educação Financeira, com o objetivo de que os estudantes refletissem sobre a importância de se apropriarem desse conhecimento, refletirem sobre sua condição financeira atual e, quem sabe, compartilhar com a turma.

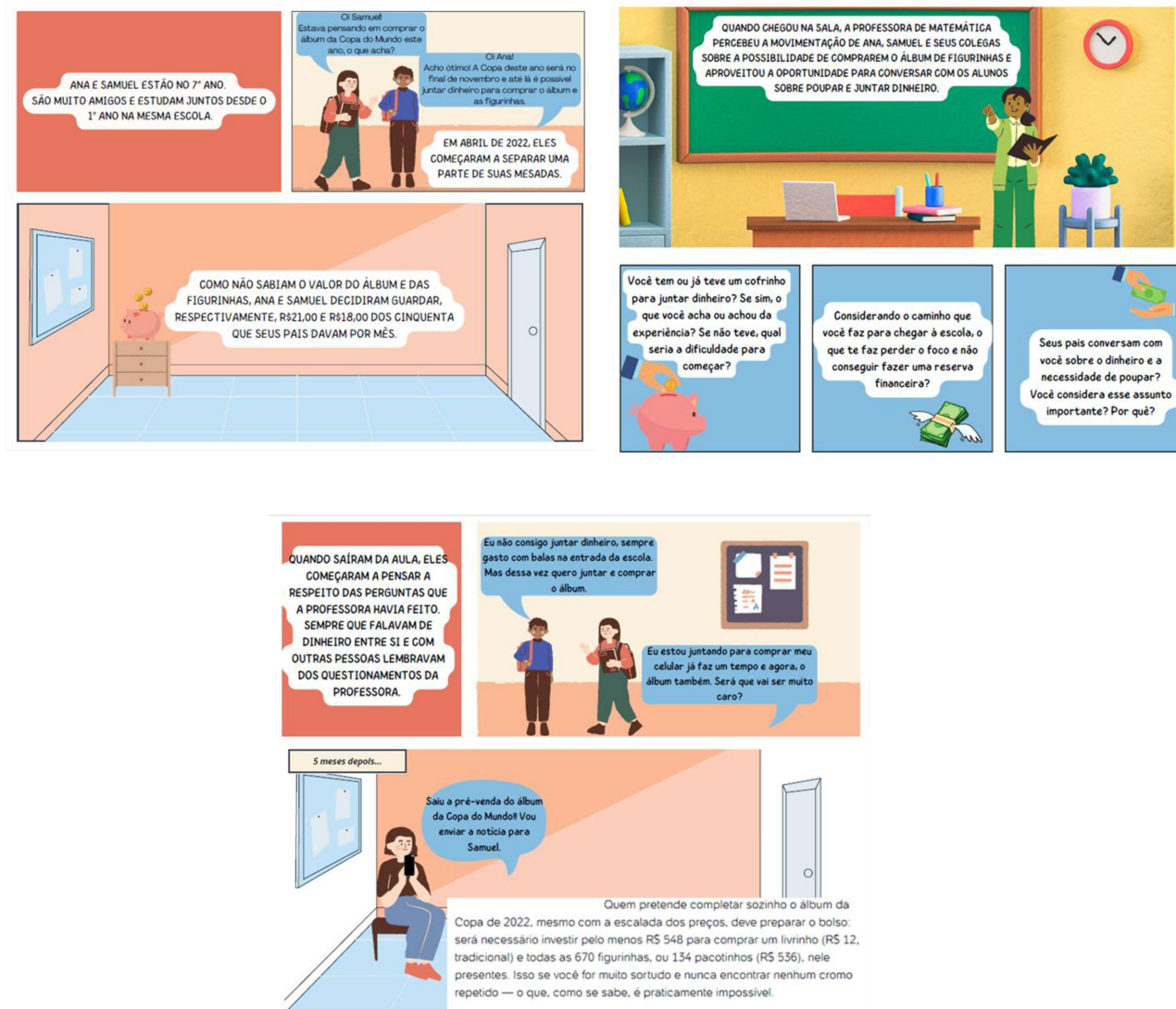
Para Leontiev (1978) a atividade surge de necessidades, que impulsionam motivos orientados para um objeto. Longarezi e Franco (2013, p.72) afirmam que o motivo surge do encontro entre a necessidade e o objeto, sendo ele o impulsionador da atividade, uma vez que objetos e ações, por si só, não têm o poder de iniciá-la.

Para evidenciar que as necessidades dos estudantes foram mobilizadas por motivos, e estes poderiam ou não coincidir com o objeto, foi organizada a Cena 1.1: Razões para praticar um consumo responsável e estratégias para economizar. Essa cena foi constituída a partir dos registros escritos de 16 participantes e do diário da pesquisadora, em torno da proposta intitulada “Cofrinho da Copa do Mundo”.

Para a condução das cenas, apresentamos o primeiro momento da história em quadrinhos elaborada. Com base nisso, buscamos compreender os motivos que impulsionam os estudantes a considerar a importância de consumir de forma responsável seu dinheiro. É fundamental que as necessidades dos participantes da pesquisa sejam impulsionadas por motivos, pois é nessa articulação que pode ser produzida a aprendizagem.

Para isso, a situação 1 foi dividida em duas partes, tendo como propósito em ambas: i. apresentar aos estudantes temas relevantes da Educação Financeira, tais como planejamento financeiro, consumo, consumismo e o ato de economizar; ii. Promover discussões sobre a importância de se realizar um planejamento financeiro; iii. Discutir sobre a influência da mídia no consumo desenfreado; iv. Analisar o comportamento das pessoas frente ao consumismo; v. conscientizar sobre a importância de tomar decisões conscientes, objetivando a realização de sonhos de curto, médio e longo prazo. Apesar do propósito nas duas partes ser o mesmo, a situação foi dividida em função do tempo de aula. Com a divisão, o tempo para discussão e execução da proposta foi mais proveitoso.

Figura 1: Momento 1 da história em quadrinhos



Fonte: Elaboração da autora

Nesta Cena 1, entregamos uma folha para que os estudantes pudessem responder algumas perguntas:

1. Você tem ou já teve um cofrinho para juntar dinheiro? Se sim, o que você acha(ou) da experiência? Se não, qual a dificuldade de começar?
2. Considerando o caminho que você faz para chegar à escola, o que te faz perder o foco e não conseguir fazer uma reserva financeira?
3. Seus pais conversam com você sobre o dinheiro e a importância de economizar? Você considera esse assunto importante? Por quê?

Dentre as respostas dos estudantes, apresentamos a de Guilherme, quando relata que

Eu quero aprender a poupar o dinheiro que a minha mãe ganha, porque lá em casa são cinco pessoas e às vezes ela gasta com roupa ao invés de comida. Eu já tive cofrinho, mas ela não falava para eu juntar as moedas, então eu tirava para comprar bala, então não gostei de ter. Hoje eu queria ter por que agora eu cresci e quero comprar as minhas coisas. (Guilherme, 13 anos).

A partir do registro deste estudante, inferimos a necessidade de orientação financeira desde a infância, com propostas educativas que enfatizem a importância de um consumo consciente, definam metas claras e promovam uma compreensão de como utilizar o dinheiro. Entendemos que essa abordagem pode ajudar a desenvolver habilidades financeiras importantes para o futuro.

Jonas, indica uma preocupação estratégica com a Educação Financeira e a necessidade de planejamento para garantir um futuro melhor.

Hoje lá em casa só minha vó que ganha dinheiro da aposentadoria. Quero saber como não gastar com bobeira e guardar para estudar e comprar remédio para ela. Eu tenho vontade de estudar quando eu crescer, mas não sei se vai ter jeito de pagar. Nunca pensei em ter cofrinho, mas capaz que dava para guardar e pegar para pagar só os “trem” que precisa. É importante. (Jonas, 14 anos).

A menção de que a avó recebe a aposentadoria destaca uma situação financeira desafiadora nas famílias brasileiras e isso ressalta a importância de se entender como administrar o recurso recebido de forma consciente e responsável para enfrentar desafios financeiros e alcançar metas pessoais.

A forma como Tom e Marcela responderam a respeito da importância de consumir de forma consciente o dinheiro que têm, o incentivo da família e suas experiências com um cofrinho, revelam uma interação dos sujeitos com seu processo educativo. Este fato nos remete à perspectiva da Teoria Histórico-Cultural de que a apropriação da experiência sócio histórica ocorre por meio da atividade do próprio sujeito. E, segundo Leontiev (1987), a apropriação do conhecimento ocorre via atividade.

Desde a pandemia eu vendo picolé na rua, tive que começar porque não tinha celular para assistir as aulas e minha mãe não conseguia guardar, as comidas só subiam o preço. Daí eu fui vender picolé, agora eu tenho um pouco que sobrou depois de comprar um (celular) usado, e não sei, eu quero gastar com besteira, mas parece que agora eu aprendi a poupar, evito muita coisa sem necessidade. Eu coloquei o dinheiro dos picolés numa garrafa, é um cofrinho para mim, funcionou. Minha mãe falou para fazer assim (Tom, 12 anos).

Eu penso na hora de comprar bala, chiclete, roupa que não precisa, sapato, comida fora de casa, maquiagem. Minha mãe sempre ensinou assim, então lá em casa meus irmãos são do mesmo jeito. Esses dias eu falei para minha mãe

que eu quero comprar uma bicicleta, então estamos nessa função de poupar para comprar isso. O cofrinho que eu tenho é uma maletinha de maquiagem, ganhei do meu padrinho, agora estamos colocando lá para ver se dá para comprar a bicicleta (Marcela, 13 anos).

Pelos relatos de Lucas e de Laila fica ainda mais evidente a necessidade da compreensão de temas relacionados à Educação Financeira, como planejamento financeiro e tomada de decisões conscientes. Cerbasi (2003, p. 95) opina acerca dessa temática afirmando “[...] em casa os pais devem discutir abertamente com os filhos as decisões sobre dinheiro, investimentos e planejamento para o futuro [...]”.

Lá em casa não dá para poupar, parece que o que a gente tem em casa nem sobra, mas se desse, eu queria saber comprar as coisas que precisa mesmo, sem faltar no final do mês e ainda ter um videogame. Como não sobra, a gente nem fala lá em casa sobre esses assuntos. (Lucas, 14 anos).

Já tive cofrinho, mas a vontade de gastar é maior do que eu. Gasto com balas, pirulitos e chocolates. Eu acho importante não gastar porque dá para comprar alguma coisa que você quer há muito tempo ou pouco tempo, se ficar doente ou se for aniversário de alguém querido para você. (Laila, 12 anos).

As Orientações para Educação Financeira nas Escolas (Brasil, 2013) indicam que é uma tendência pessoas da mesma família terem os mesmos hábitos de consumo – gastadores ou poupadores. Propor discussões como as que foram realizadas nesta proposta é importante, pois pode influenciar as famílias brasileiras, além de disseminar o conhecimento a longo prazo. O que pode ser evidenciado na fala da Andressa, Rafa e do Luís:

Desde que minha vó morreu meus pais falam de não gastar dinheiro à toa, juntar e ter uma poupança, até deram um cofrinho de barro, porque se acontecer alguma coisa com a nossa saúde, não tem que pegar com agiota igual ela fez, mas eu não sei direito o que que é tudo isso, então eu só não gasto tudo que tenho e coloco lá. Fico com medo até de comer bala na vendinha para não ter dor de dente e gastar. (Andressa, 14 anos).

Lá em casa a gente poupa dinheiro para comprar as coisas da escola do outro ano, para comprar um bolo de aniversário, para fazer um churrasco. Já minha vó economiza, ela ajuda minha prima a pagar a faculdade; eu não tenho cofrinho, mas ela tem conta poupança, disse que ia me explicar, mas não deu tempo ainda. Minha avó que fala sobre isso para mim, lá em casa não. (Rafa, 12 anos).

Eu tenho um cofrinho e minha maior dificuldade está sendo não gastar com Free Fire. Minha mãe fala comigo, porque uma vez ela precisou ir ao banco pegar emprestado e não gostou, porque foi difícil pagar. Então eu acho importante poupar para não acontecer de novo, vou até parar de jogar, porque quero ir para faculdade e vai saber dos preços lá né. (Luís, 13 anos).

Percebemos que para estes estudantes, o poupar muitas vezes tem tido o significado de “medo até de comer bala na vendinha para não ter dor de dente e gastar”, não ir à “banco pegar emprestado [...], porque foi difícil pagar” e o desejo de “ir para faculdade e vai saber dos preços”. Estas falas nos levam a inferir que cabe à escola, também, dialogar e apresentar estratégias para que os estudantes possam melhor se relacionar com o dinheiro que ganham.

Com base na declaração da Leila, a seguir, ela reconhece a importância de consumir de forma consciente, seguindo conselhos de sua mãe, como comprar quantidades moderadas, evitar desperdício de comida e tomar decisões financeiras prudentes em situações do dia a dia. A fala desta aluna vai ao encontro das Orientações para Educação Financeira nas Escolas (Brasil, 2013), as quais indicam que é uma tendência pessoas da mesma família terem os mesmos hábitos de consumo – gastadores ou poupadores.

Não consigo poupar dinheiro, mas eu sei economizar. Eu lembro de ver na televisão alguma coisa disso e minha mãe falou para eu economizar. Tipo comprar bala, mas comprar pouco, não jogar comida fora, essas coisas. Eu nem tenho cofrinho de porco, mas eu coloco numa latinha de chocolate. (Leila, 13 anos).

A referência à televisão sugere que a aluna pode ter obtido informações ou conselhos sobre finanças pessoais de fontes externas à sua família. Além disso, o fato de ela não ter um “cofrinho de porco”, mas sim usar uma latinha de chocolate, destaca sua abordagem improvisada, porém intencional, para guardar dinheiro.

A transformação da ação (estratégias para economizar) em uma operação (praticar um consumo consciente) destaca a mudança de uma abordagem casual para uma abordagem mais planejada e sistemática em relação ao manejo de suas finanças. Alguns estudantes ainda na fase de planejamento da ação, não conseguiram executar a operação relacionada e pretendida: sabe que precisa consumir conscientemente, não sabe como, mas começou com o que tem. Sobre este aspecto, concordamos com Sforzi (2004, p. 100), quando defende que “[...] uma ação pode ser executada de diversas formas, por meio de diferentes operações”.

As poucas vezes que minha mãe pediu para ir comprar alguma coisa para ela eu tive que devolver o troco certinho. Ela não me deixa ficar com dinheiro, fala que ainda sou nova para aprender, mas aqui na sala, quase todo mundo já sabe, tem cofrinho e compra o que quer. (Bia, 13 anos).

Lá em casa ninguém poupa dinheiro, tudo que tem gasta. Mas eu quero viajar nas férias, então quero aprender como fazer para poupar porque eu não tenho conta no banco, mas ganhei um cofrinho tem muito tempo, mas minha mãe nunca me dá dinheiro, então não tem nem como colocar nada. (Léo, 12 anos).

Eu não fico com dinheiro. Minha mãe não me dá nem para guardar no cofrinho, porque lá em casa direto ela está devendo em algum lugar. Na escola que eu aprendi a dar troco. (Talita, 13 anos).

Os relatos dos estudantes Bia, Léo e Talita demonstram que não têm o costume de lidar com o dinheiro. Este fato revela uma situação comum nas salas de aula da escola em questão: adolescentes de 12 a 15 anos de idade que não têm conhecimentos mínimos sobre finanças, sob o risco de em breve, com um pouco mais de idade, fazerem escolhas financeiras impensadas e se endividarem de forma inconsciente.

Quando a estudante Talita revela que foi na “*escola que eu aprendi a dar troco*” compreendemos a importância de os sujeitos participantes no processo de seu desenvolvimento e a importância do papel da escola em transformar o currículo em conhecimentos que potencializam a formação do pensamento teórico e da vida em sociedade.

Entendemos que a restrição na gestão financeira por parte do sujeito compromete nosso foco principal, que é a educação. Isso resulta na limitação da experiência do estudante ao ambiente escolar em relação ao manuseio do dinheiro, conforme observamos nos relatos de Léo e Talita. Nesse sentido, Sforzi e Galuch (2016, p. 483) esclarecem que “quando há descompasso entre significado social e sentido pessoal da ação, reduz-se a possibilidade de o sujeito desenvolver-se pessoal e profissionalmente”.

Por outro lado, pelos relatos de Alice e Enzo foi possível percebermos que os estudantes reconhecem a importância de uma relação mais consciente com o dinheiro e expõem a vivência em suas casas.

É importante a gente perceber que nada na vida é fácil e que se a gente quer algo, temos que conquistar, porque nada vem do nada, e se você quer comprar alguma coisa tem que juntar seu próprio dinheiro, começando pelo cofrinho. Eu gosto quando os meus pais falam sobre isso comigo, porque eles são bem mais velhos e tem experiência, deve ter sido um pouco mais difícil na época deles. No futuro a gente vai receber bem mais e se não aprender a poupar, vamos ter mais problemas, tem que saber economizar e controlar. Querendo ou não nossa responsabilidade com dinheiro vai aumentar. (Alice, 14 anos)

Eu acho importante ter dinheiro guardado para fazer alguma coisa que quero e minha mãe sempre me incentivou a isso, eu tenho cofrinho e uso. Igual no caso da Ana e do Samuel que querem comprar o álbum [da copa], com o cofrinho cheio já dava para comprar. (Enzo, 13 anos).

O estudante Pedro também apresenta uma compreensão sobre o tema e relata uma experiência que passou com sua família durante a pandemia.

Na pandemia a gente não poupou nada, não teve jeito porque minha mãe morreu e meu pai não dava conta sozinho, todo dinheiro que entrou saiu. Esse

ano melhorou, então nosso plano é trocar de carro, acho que vai dar certo porque a gente não gastou à toa e conseguiu juntar. (Pedro, 14 anos)

Por essa fala, surge-nos a necessidade de reforçarmos com os estudantes sobre a importância de compreender que

[...] a Educação Financeira deveria ser iniciada desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, para que o indivíduo pudesse ter condições de interpretar os acontecimentos que estão à sua volta e ter a chance de se preparar financeiramente, pensando no futuro. (Gouvea, 2006, p.12)

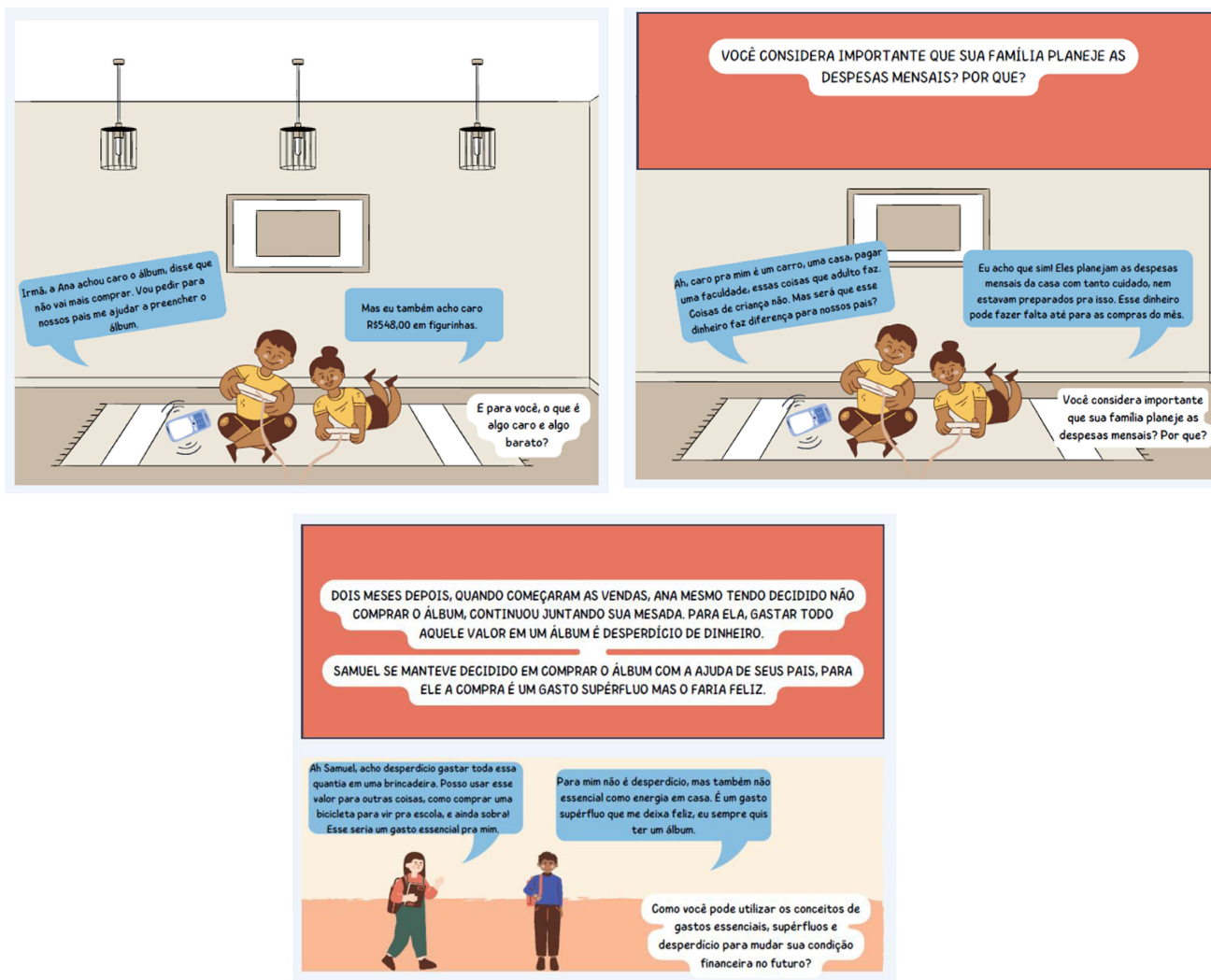
Os registros aqui apresentados se fizeram importantes para conhecermos a realidade e um pouco sobre o que os estudantes compreendiam em relação a finanças e como relacionam suas vidas pessoais com o primeiro momento da história em quadrinhos apresentada. Ao analisar as respostas e observações dos estudantes, é possível identificarmos padrões de comportamento, níveis de conscientização financeira e até mesmo influências externas, como conselhos familiares ou informações veiculadas na televisão. Essa compreensão da relação dos estudantes com as finanças e o compartilhamento entre eles pode ser valiosa para orientar estratégias educacionais ou abordagens pedagógicas que visam promover um conhecimento mais abrangente e saudável sobre a relação com o dinheiro e suas utilizações na vida cotidiana.

Foi possível percebermos que os estudantes sentem vontade de ajudar com as finanças em casa, conhecer sobre planejamento financeiro, mas ainda perdem o foco na hora de consumir com responsabilidade. Alguns revelaram gastos desnecessários com pirulitos, balas, chocolates e Free Fire e, muitos, já compreendem que suas escolhas hoje podem afetar a qualidade de vida no presente e, principalmente, no futuro.

5. 2. Episódio 2 – Compreender as dificuldades que as famílias têm de administrar as finanças

O episódio 2 teve como objetivo discutir as ideias dos conceitos de gastos essenciais, gastos supérfluos e desperdícios, os quais podem afetar diretamente toda a estrutura e perspectiva individual, familiar ou de uma comunidade. Para a execução da Cena 2.1, inicialmente foi realizada a apresentação do Momento 2 da nossa história em quadrinhos.

Figura 2: Momento 2 da história em quadrinhos



Fonte: Elaboração da autora

Entregamos aos estudantes algumas perguntas disparadoras e, à medida que íamos discutindo verbalmente, eles iam registrando suas conclusões.

Na Questão 1 questionamos: “Para você o que é algo caro e o algo barato?”. Sabemos que “caro” e “barato” são termos relativos e dependem muito do contexto individual de cada pessoa, bem como das circunstâncias específicas. O que é considerado caro para uma pessoa pode ser acessível para outra, e vice-versa. Por exemplo, algo que é considerado barato em uma área geográfica pode ser visto como caro em outras, devido a diferenças nos padrões de vida, na renda média e nos custos locais. Além disso, as percepções de valor também variam de acordo com as necessidades, preferências e prioridades de cada indivíduo. Portanto, ao avaliar o que é caro ou barato, é importante levar em consideração o contexto específico de cada situação e das pessoas envolvidas.

Postas essas considerações, recortamos as falas de alguns participantes que evidenciam para eles o que é algo caro e barato.

O videogame que eu quero é caro, mas eu quero um bem top. Barato é as balinhas que o Adão vende na porta da escola, 3 por 10. (Lucas, 14 anos).

Passou de 100 reais é caro. (Leila, 13 anos).

Nossa, remédio é caro demais, vi quando minha estava doente. Barato é uma coca lata. (Andressa, 14 anos).

Carne e arroz está caro, a verdura é mais barata. (Bia, 13 anos).

Caro é a faculdade, uma casa, um carro. Barato é um picolé. (Rafael, 12 anos).

Trocar de carro é caro, material de escola no começo do ano é caro, agora, ir no pula-pula lá na praça dos peixinhos é mais barato, só não pra ir todo dia. (Pedro, 14 anos).

Identificamos que algo é considerado caro quando tem um preço elevado e é preciso dividir em alguns meses, em comparação com outros produtos, como por exemplo, na fala de Talita e Enzo:

Eu acho que qualquer eletrodoméstico é caro porque minha mãe divide pra poder comprar, barato é o que ela dá conta de pagar à vista. (Talita, 13 anos).

O valor do salário-mínimo é barato comparado com as despesas do mês, quase não dá pra nada, porque é tudo caro. (Enzo, 13 anos).

Eu não acho que carne é caro, tem preço normal pra mim, não é caro nem barato. Caro é uma casa, um avião, barato é uma caneta, lápis, balas, essas coisas. (Laila, 12 anos)

Na Questão 2, questionamos aos estudantes: “O que você faria com R\$548,00?” Este é o valor que Ana e Samuel descobriram que gastariam, no mínimo, para completar o álbum de figurinhas da Copa do Mundo. Argumentamos se faria diferença para sua família ter essa quantia hoje e alguns estudantes sentiram dificuldades para se manifestar verbalmente. Sabíamos que essa situação poderia vir a acontecer, pois “posicionar-se significa levantar ideias e pontos de vistas não como verdades absolutas, mas como algo que pode ser examinado” (Alro, Skovsmose, 2006, p. 70).

Alguns estudantes, disseram que sim, o valor que poderia ser gasto com figurinhas, faria diferença e poderia auxiliar no pagamento de despesas em atraso, alimentação e até mesmo para aumentar a renda de casa:

Com o dinheiro das figurinhas dava pra pagar a energia que está atrasada e sobrava pra desse mês. (Lucas, 14 anos)

Ia fazer muita diferença, minha mãe podia pagar umas contas. (Andressa, 14 anos)

Esse valor ajuda meu pai lá em casa, se viesse hoje esse dinheiro ia ser bom, ia aumentar o salário dele pra fazer o que precisa. (Pedro, 14 anos)

Com R\$548 já ajuda minha vó com as despesas, fazer uma compra de verdura. Ela organiza as conas da casa tudinho, pra não faltar, mas também pouco sobra, e ela manda pra minha prima que estuda fora. (Jonas, 14 anos)

Hoje 548 ia fazer a festa lá em casa, ia comprar carne, muita carne e deixar um pouco pro outro mês. A gente não come muita carne lá em casa porque é caro e tem bastante gente, eu gosto, ia falar pra minha mãe comprar e congelar. (Tom, 12 anos)

Nossa! R\$548 ia fazer diferença lá em casa, eu ia falar pra minha mãe comprar umas coisas a mais de comida, bolacha que eu gosto, dava comprar até um brinquedo. (Guilherme, 13 anos)

Além de contas e alimentação, alguns estudantes relataram que utilizariam o valor para lazer.

Com 500 reais dá pra fazer muita coisa em casa, pagar uma conta, comprar um lanche, como seria um valor extra, eu ia falar pro meu pai pra gente aproveitar um pouco. (Luís, 13 anos)

Com 548 reais eu comprava uns brinquedos pra mim e meus irmãos, o resto eu falava pra minha vó ajudar minha prima na faculdade. (Jonas, 14 anos).

Por outro lado, percebemos que aqueles que já participam de uma discussão a respeito de finanças em casa, refletiram a respeito de uma possível poupança ou uma possível ajuda para concretizar planos.

Eu ia ficar com uns 100 pra começar a juntar e entregar o resto pra minha vó. Ia fazer diferença. (Rafael, 12 anos).

Esse valor é quase o tanto que eu preciso pra fazer um curso de sobancelha que eu quero. Eu ia pedir à minha mãe para ficar com ele, juntar até dar certo. (Leila, 13 anos)

Dessa forma, percebemos que o valor de R\$ 548,00 poderia fazer uma diferença significativa na vida dos estudantes e suas famílias. Essa quantia poderia ajudar a cobrir despesas relacionadas à educação, como a compra de materiais escolares, uniformes ou até mesmo inscrições em atividades extras que enriqueçam sua formação acadêmica e pessoal. Além disso, poderia ser útil para suprir outras necessidades básicas, como alimentação. Em

muitos casos, uma quantia como essa pode ter um impacto substancial, proporcionando um alívio financeiro para as famílias e auxiliando no pagamento de contas atrasadas.

Com a análise das respostas obtidas percebemos que, a organização intencional do ensino por parte do professor (a atividade de ensino), pode provocar reflexões mais conscientes por parte dos estudantes. Estas atitudes orientam o processo de ensino e aprendizagem em direção à busca por "respostas corretas", à aquisição de conhecimentos pertinentes ou à construção de saberes, como destacado por Moysés (1995).

Na terceira Questão indagamos aos estudantes: “Você considera importante que a família planeje suas despesas?” Essa questão foi proposta com o intuito de incentivar os estudantes a observar a importância do planejamento e a quantidade de pessoas que dependem, muitas das vezes, da renda de apenas um responsável. Na discussão, eles reconheceram as vantagens do planejamento familiar em relação às entradas e saídas de dinheiro e, nas palavras de Leila e Rafael:

É bom planejar porque se acontece um imprevisto não passa tão apertado. (Leila, 13 anos).

Planejar faz diferença, lá quando as coisas estão organizadas dá pra fazer mais coisas com o dinheiro. (Rafael, 12 anos).

Quando o estudante Jonas relatou que “É importante [planejar], mas o que entra lá em casa custa dar pra pagar [o essencial], então não sei como planejar.” (Jonas, 14 anos), explicamos que é bastante comum que pessoas enfrentem dificuldades em planejar suas finanças quando estão lidando com recursos limitados, que apenas cobrem despesas essenciais. Quando alguém está vivendo com um orçamento apertado, pode ser difícil reservar dinheiro para economias ou investimentos de longo prazo. Esclarecemos que nesses casos, é importante priorizar cuidadosamente as despesas essenciais, como moradia, alimentação, contas de serviços públicos e saúde. O restante do dinheiro muitas vezes precisa ser distribuído de maneira estratégica para garantir que todas as necessidades básicas sejam atendidas.

Alguns dos estudantes relataram que após a pandemia houve uma mudança de postura por parte de seus responsáveis com relação ao planejamento financeiro, pois as famílias passaram a ver o dinheiro e a gestão financeira de uma forma diferente. Isso reflete uma mudança de cultura em relação ao dinheiro, com um foco maior na segurança financeira a longo prazo.

Depois da pandemia a gente planejou tudo, foi um aperto na época e agora a gente não quer viver daquele jeito mais não. (Tom, 12 anos)

Hoje eu vejo que é importante planejar por causa de imprevisto igual teve na pandemia. Na época aconteceu um monte de coisas, minha avó morreu, minha mãe ficou sem serviço, foi difícil a gente voltar. (Andressa, 14 anos)

Ele (o pai) planeja tudo, depois da pandemia tudo que entra e sai ele sabe, é bom porque antes tinha vez que não sobrava pro churrasco, agora ele faz. (Pedro, 14 anos)

A mudança de postura em relação à educação financeira também implica uma mudança na prática dos professores, que podem adotar uma abordagem mais ampla e reflexiva para ensinar sobre questões financeiras. Nessa perspectiva, o professor também é considerado protagonista do processo de ensino e aprendizagem, sendo o organizador de conhecimentos produzidos pela humanidade (Vygotsky, 1994).

As últimas três questões estão relacionadas aos tipos de gastos: essencial, supérfluo e desperdício. Nesse momento foi apresentado e lido em conjunto com os estudantes o texto “Gastos essenciais, supérfluos e desperdícios” disponível no Guia de Bolso⁸, que apresenta informações e estratégias para se começar a atentar para seu orçamento e estabelecer bases um pouco mais sólidas para uma vida financeira saudável e responsável no futuro.

Na Questão 4 buscamos saber “Para você, quais gastos seus, de sua família e do seu entorno (bairro, comunidade) você considera essencial, supérfluo e desperdício?”

Tudo que não pode ficar sem é essencial, arroz feijão, macarrão, água, luz. Sem necessidade é cerveja no final de semana, sanduíche, pizza e desperdício é quando a gente joga as coisas fora, gasta sem precisar. (Lucas, 14 anos).

Essencial é comida, água, luz, roupa, sapato, internet. Supérfluo é pagar clube e não ir. Desperdício é free fire, esse jogo é muito ruim e tem gente que gasta. (Marcela, 13 anos).

Essencial são as contas de casa, “supérfluo” é ir no pesque pague e desperdício é jogar comida fora. (Leila, 13 anos).

Essencial é as coisas de casa (água, luz, internet, remédio, escola). Supérfluo é as roupas de marca, o álbum de figurinha da copa. Desperdício é comprar uma coisa e não usar, jogar fora. (Andressa, 14 anos).

Comida não pode faltar né, lá em casa e dos vizinhos também, comprar salgado é bobeira, em casa sempre tem lanche, e desperdício é ter 3 bicicletas paradas. (Rafael, 12 anos).

O churrasco é um gasto supérfluo, internet é essencial pro serviço dele agora e comprar cartinha de jogo é desperdício. (Pedro, 14 anos).

⁸ Disponível em: <https://www.oseudinheirovalemais.com.br/gastos-essenciais-superfluos-e-desperdicios/>. Acesso em 15 jan. 2023.

Os estudantes entendem que gastos essenciais são aqueles necessários para atender às necessidades básicas de uma pessoa ou família, como alimentação, moradia, transporte, saúde e educação. Supérfluos são gastos não essenciais, ou seja, são despesas relacionadas a itens ou serviços que não são indispensáveis para a vida diária. Isso pode incluir compras por impulso, luxos, entretenimento excessivo, entre outros. Desperdícios referem-se ao uso ineficiente ou excessivo de recursos, seja dinheiro, alimentos, energia ou qualquer outra coisa. Por exemplo, deixar a água correr enquanto escova os dentes, comprar alimentos em excesso que acabam estragando e sendo jogados fora, ou gastar dinheiro em produtos ou serviços que não são realmente necessários.

Percebemos, nesta proposta, momentos relevantes para o processo de formação de ideias iniciais sobre Educação Financeira e sua relação com consumo consciente, ou seja, não se trata somente de desperdício de dinheiro, mas também da utilização de recursos naturais que podem auxiliar na melhor gestão das finanças da família.

Embora muitos estudantes tenham experimentado situações envolvendo diferentes tipos de gastos, muitos, ainda, carecem de conhecimentos sobre Educação Financeira. Isso sustenta a afirmação de Costa (2010) de que, especialmente crianças e adolescentes, não adquirem o hábito de economizar e até mesmo investir com seus pais; ao contrário, muitas vezes, aprendem apenas o hábito de consumir. Segundo o autor, é frequente que crianças e adolescentes recebam dinheiro de suas famílias, mas nem sempre recebam orientações sobre como utilizá-lo. Na concepção de Negri (2010, p. 68), “a família é outro ponto determinante como fonte de aprendizagem no que tange aos fazeres financeiros e à gestão econômica do estudante”.

Na Questão 5 e 6 perguntamos, respectivamente: “Na sua família há desperdícios? O que você pode fazer para evitá-los?”; “Como as ideias desses gastos podem ser utilizados a seu favor a fim de transformar a condição financeira no futuro?” Dentre as respostas, destacamos:

Lá em casa tem muita gente, e acaba que gasta muita coisa, e às vezes até desperdiça muito, eu podia parar de gastar com tanta bala e besteira, e meus irmãos mais novos podiam comer a comida toda que põe no prato. (Guilherme, 13 anos)

A gente gasta mais com besteira, desperdiça água, comida e tempo com coisas desnecessárias. Nas compras do mês, minha mãe não faz lista e compra coisa que não precisa, chega até ser exagero. (Andressa, 14 anos).

De dinheiro eu não sei, mas de comida e de água tem demais. Tem mês que joga coisa de comida fora porque venceu. (Bia, 13 anos).

Os comentários apresentados acima, nos mostram que os estudantes percebem e convivem com o desperdício de alimento com certa frequência. Neste sentido, acreditamos que

estabelecer diálogos e reflexões sobre a educação financeira nas escolas, pode auxiliar estudantes e familiares na compreensão da importância do planejamento e da compra consciente. Entendemos que no planejamento é preciso atentar para fazer lista de compras, comparar preços, evitar compras por impulso e procurar comprar o que se faz necessário. Essas habilidades ajudam a reduzir a probabilidade de comprar mais comida do que se pode consumir em determinado período, diminuindo assim o desperdício.

Por outro lado, outro grupo de estudantes demonstram disciplina e foco em economizar para alcançar seus objetivos, como o desejo de trocar de carro. Cortar gastos desnecessários e encontrar maneiras de economizar pode ser uma estratégia muito eficaz para atingir metas financeiras específicas.

Tem desperdício, podia vender 2 bicicletas. (Rafael, 12 anos).

Lá em casa a gente economizou o ano passado e esse para trocar de carro, então teve umas coisas que paramos de gastar, pula-pula, roupa, lanche, água, e está dando certo. (Pedro, 14 anos).

Rafael percebeu que ter em casa objetos que não está utilizando é desperdício e ao cogitar vender as bicicletas que estão paradas é até uma forma para conseguir um dinheiro extra que pode ser direcionado para sua meta futura. Por outro lado, Pedro indica que, mesmo que seja pequena a economia, mudar alguns hábitos familiares podem auxiliar a alcançar objetivos.

Se a gente não desperdiçar e nem gastar à toa dá para ter mais dinheiro no final do mês, pode até sobrar. (Lucas, 14 anos).

Em casa a gente quase não desperdiça, se sobrar arroz fazemos bolinho ou mistura e põe no forno. Então até a comida tentamos não jogar fora. Com dinheiro é a mesma coisa, não ficamos gastando atoa e tentamos juntar para o que precisa de verdade. (Leila, 13 anos).

Faz a gente pensar se vale a pena ou não gastar, se não vale a pena, é só juntar o valor e colocar na latinha, depois tem uma reserva. (Alice, 14 anos).

A sei lá, acho que tem que priorizar as coisas. (Léo, 12 anos).

Pensar melhor antes de comprar, ver se precisa do que está comprando ou do que já tem em casa vai se usar. (Talita, 13 anos).

Notamos, pelos registros de Alice, Léo e Talita, que eles não conseguiram relacionar os conceitos de gastos essenciais, gastos supérfluos e desperdícios como esperado. Esperávamos que eles identificassem e priorizassem os gastos essenciais; expusessem sobre a redução dos gastos supérfluos e, assim, identificarem a possibilidade de diminuir os desperdícios.

Ressaltamos aqui, a fala do estudante Lucas “Se a gente não desperdiçar e nem gastar à toa dá para ter mais dinheiro no final do mês, pode até sobrar.” Precisamos refletir se de fato com um salário mínimo é possível sobrar dinheiro, numa família com três pessoas. No caso do estudante participante, quando questionamos, o mesmo disse não ter certeza o valor que sua mãe recebia mensalmente, por não ter trabalho fixo, mas completou dizendo que com planejamento e priorização de despesas acredita nessa possibilidade.

A Questão 7 questionou “Como você analisa, Ana e Samuel, apresentados na História em Quadrinhos, em relação às atitudes e ações que tiveram após se depararem com o valor do álbum?”. Os estudantes se posicionaram a favor da atitude da Ana e até responderam que fariam como ela.

Quando a gente não desperdiça a gente dá valor nas coisas, não é igual o Samuel da historinha que nem tem dinheiro e quer gastar. (Jonas, 14 anos).

A Ana foi esperta, viu o preço e pulou fora, mas continuou juntando. Tem que ser assim se está fora da realidade. (Tom, 12 anos).

Se eu quisesse muito o álbum eu ia fazer igual o Samuel, mas tem que pensar mesmo igual a Ana, eu achei caro, pensava que era mais barato as cartinhas. (Leila, 13 anos).

A Ana fez certinho porque se ela viu que não vai ter suficiente, não tem que fazer. (Marcela, 13 anos).

O Samuel está colocando os pais numa situação ruim, ele não sabe se eles têm dinheiro pra ajudar ou não. A Ana já deu uma segurada. (Bia, 13 anos).

O Samuel está agindo com pressa e a Ana pensou antes. (Alice, 14 anos).

Inferimos que eles pensaram criticamente e buscaram relacionar o que foi abordado na história em quadrinhos com aspectos práticos do cotidiano, nos sugerindo que estão desenvolvendo uma visão mais ampla e reflexiva sobre o que estão vivenciando em sala de aula e que poderá os ajudar a enfrentar desafios e resolver problemas financeiros de maneira mais consciente no futuro.

Os estudantes participantes, ao participarem de processos educacionais inspirados na perspectiva da AOE, tiveram a oportunidade de vivenciar situações de ensino que abarcaram elementos necessários para promover o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, pois

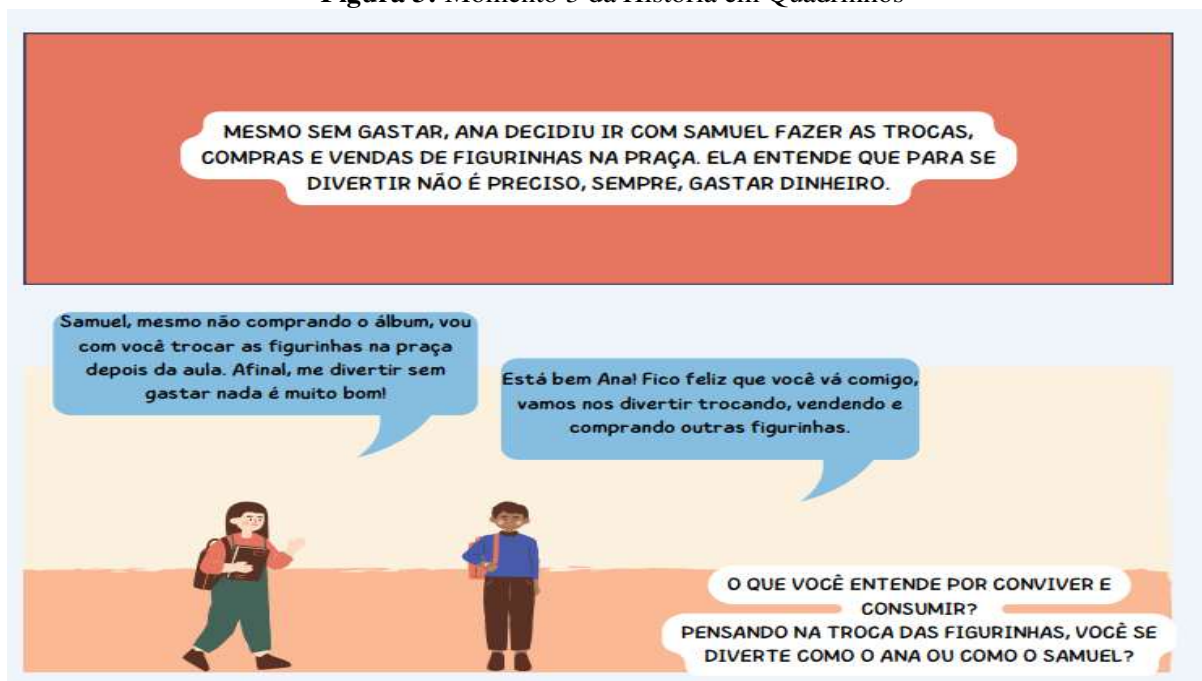
[...] não basta com que se assimile a significação do objeto dado, indiferentemente do que o faz em forma teórica ou prática, é necessário ademais, que nele se reproduza uma relação adequada com respeito ao estudado, é necessário educá-lo nessa relação. (Leontiev, 1983, p.246).

A partir da análise deste episódio podemos inferir que, ao serem inseridos em um ambiente educacional orientado pelos princípios da AOE, onde se promove a apropriação do conhecimento sobre diferentes tipos de gastos, os estudantes têm condições de atribuir significados pessoais, refletindo sobre a compreensão mais profunda e reflexiva sobre gestão financeira.

5. 3. Episódio 3 - Debate sobre a possibilidade de ter lazer sem consumir

Em um mundo onde muitas vezes associamos a diversão ao gasto de dinheiro, é importante encontrarmos e explorarmos alternativas acessíveis que não apenas proporcionem entretenimento, mas também promovam um aprendizado valioso. Desse modo, o episódio 3 tem como objetivo refletir sobre como é possível se divertir sem gastar dinheiro.

Figura 3: Momento 3 da História em Quadrinhos



Fonte: Elaboração da autora

Após a leitura do Momento 3 da História em Quadrinhos, realizamos três questionamentos aos estudantes:

Questão 1: O que você entende por conviver e consumir?

Questão 2: O que você conhece como lazer que não implica em consumo?

Questão 3: Pensando na troca de figurinhas da História em Quadrinhos, você se diverte como Ana ou Samuel?

Para a maioria dos participantes, conviver é estar próximo de quem gostamos e consumir está relacionado a gastos de dinheiro.

Conviver é estar junto de quem a gente gosta, consumir é gastar dinheiro. Brincar de bola na rua, *bet*, polícia e ladrão, lutinha, isso não gasta nem 1 real. Eu consigo me divertir igual a Ana, mas na maioria das vezes eu sou igual ao Samuel. (Guilherme, 13 anos)

É estar do lado dos amigos e não gastar, só conversar fiado e jogar bola. Eu sou do time da Ana, só observo o menino gastar com figurinha e truco, no máximo ali é uma coquinha gelada. (Tom, 12 anos)

Lá na pracinha da Vila Dourada dá para brincar sem gastar, lá tem quadra, parquinho, campo de areia. Se quiser gastar com cachorro-quente dá também, mas dá para curtir sem gastar. Agora eu sou igual a Ana, é melhor (Leila, 13 anos)

Conviver é estar do lado da família, dos amigos, na igreja. Consumir é quando a gente usa coisas ou gasta dinheiro para comprar alguma coisa. Assistir um filme em casa e comer pipoca com a família ou na casa de um colega, jogar uno no recreio. Eu sou muito mais o divertimento da Ana, penso nas coisas antes. (Andressa, 14 anos).

As respostas dos estudantes - brincadeiras na rua, em casa, assistir filme com a família – indicam ações que envolvem lazer sem resultar no consumo financeiro e se aproximam da opção adotada por Ana na História em Quadrinhos que, mesmo sem estar completando o álbum, participa do momento das trocas de figurinhas e se diverte tanto quanto quem está participando.

Jonas se diverte do seu jeito e Léo, tem suas fases de diversão.

Eu convivo muito bem com meus irmãos sem gastar. A gente brinca de bola, de boneca com a minha irmã mais nova, faço bolo com a avó. Eu me divirto igual a nenhum dos dois, eu sou a diversão em casa. (Jonas, 14 anos)

Eu convivo sem consumir o tempo todo em casa com meus pais e meu irmão. Jogo bola na rua com o moleque e de vez em quando rola uma aposta, mas na maioria das vezes é sem gastar mesmo. Eu sou tipo Samuel, não penso muito nas contas de casa não. Mas também curto igual a Ana. (Léo, 12 anos).

Interessante pensarmos em suas formas de diversão, pois a relação entre diversão e consumo pode variar de pessoa para pessoa e depender de vários fatores, como preferências pessoais, valores culturais e situação financeira. Segundo Moura (2000), a Atividade de Ensino deve incorporar os objetivos da comunidade em seus conteúdos, ao mesmo tempo em que leva em conta as diferenças individuais e as especificidades dos problemas. Sua principal preocupação é mobilizar os diversos conhecimentos presentes na sala de aula durante o processo de assimilação de novas noções.

Identificamos sinais que apontam para a compreensão teórica nos relatos das estudantes Talita e Marcela a seguir:

Conviver é estar junto, consumir é tudo que paga, gastar dinheiro. Na praça das crianças tem lanchonete, mas tem pista de skate para brincar com minhas amigas. Eu queria passar férias com meus primos em Uberlândia, então tinha que gastar para viajar. Mas agora eu vi que estou igual a Ana, não tenho dinheiro, então não vou, então vou me divertir igual ela aqui na cidade mesmo, vai ser bom. (Talita, 13 anos)

Para mim conviver é viver junto e consumo é usar, gastar alguma coisa. Eu brinco com meu cachorro e não gasto nem 1 real. Essa história me fez pensar mais igual a Ana. Eu estava chegando em casa e comentando das aulas para minha mãe, agora eu quero até juntar igual a Ana. (Marcela, 13 anos).

Com isso, reconhecemos essa necessidade teórica como a apropriação fundamental de conhecimentos relacionados à Educação Financeira, uma vez que

[...] precisa apropriar-se dos conceitos matemáticos teoricamente – saberes específicos – e de modos de ação para a organização do ensino de tais conceitos – saberes pedagógicos. Isso significa contemplar a essência dos conceitos, revelada em seu movimento filogenético de desenvolvimento humano e no movimento ontogenético de apropriação conceitual pelos sujeitos mediado pela cultura. (Panossian; Moretti; Souza, 2017, p. 148)

De modo geral, em um mundo onde o consumo muitas vezes é visto como a medida do sucesso, felicidade e otimismo, conviver sem consumir demonstra uma abordagem consciente e sustentável para a vida. Ao adotarmos um estilo de vida mais simples e focado em experiências compartilhadas, aprendemos a valorizar os momentos significativos, os relacionamentos e até mesmo o meio ambiente. Conviver sem gastar dinheiro não apenas pode contribuir para uma maior relação com economias e gastos, mas também nos conecta com uma comunidade mais ampla, onde a troca, a colaboração e a solidariedade são os pilares de uma existência mais plena e satisfatória.

Neste sentido, concordamos com Leontiev (1983, p. 246) quando alega que:

O que é que confere sentido ao que a criança estuda? O que faz com que ela compreenda a necessidade de estudar, os motivos reais de seu estudo? Conforme nosso postulado geral, a relação do objeto direto da ação relaciona-se ao motivo da atividade, dentro do qual está inserida tal relação, é o que nós denominamos sentido. Isto quer dizer, que o sentido que adquire para a criança o objeto de suas ações didáticas, o objeto de seu estudo, se determina pelos motivos de sua atividade didática.

É ao abraçar essa ideia que descobrimos que a verdadeira riqueza reside não nos bens materiais que possuímos, mas nas relações humanas a vida nos oferece.

5. 4. Episódio 4 - Carta de desejos

Desde o momento do seu nascimento, a criança está em constante processo de aprendizagem, explorando o mundo ao seu redor por meio dos sentidos. Mesmo antes de frequentar a escola ou receber instrução de um professor, as crianças já têm contato com uma variedade de experiências financeiras, seja ao quantificar ou observar as características de cédulas e moedas, participando de brincadeiras ou durante suas rotinas diárias. Nessa perspectiva, o conhecimento financeiro se integra naturalmente ao cotidiano das crianças, tornando-se um elemento essencial para o desenvolvimento da cidadania.

Acreditamos que quando o estudante se engaja em processos de aprendizagem, ele se desenvolve psicologicamente ao adquirir conhecimentos teóricos específicos e pedagógicos essenciais. De acordo com Vygotsky (1995), o ensino estruturado de maneira adequada impulsiona o desenvolvimento mental do indivíduo, ao mobilizar diversos processos de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas. Como destacado por Cedro e Nascimento (2017), as funções psicológicas superiores são fruto da assimilação dos signos criados pelos seres humanos ao longo da história, em diversas atividades humanas. A criação e utilização de signos constituem o que Vygotsky (1995) denomina como atividade de significação, por meio da qual o ser humano passa a controlar seu próprio comportamento.

[...] chamamos signos aos estímulos-meios artificiais introduzidos pelo homem na situação psicológica que cumprem a função de auto estimulação; atribuindo a este termo um sentido mais amplo e, ao mesmo tempo, mais exato do que normalmente é dado a essa palavra. De acordo com nossa definição, todo estímulo condicional criado pelo homem artificialmente e que se utiliza como meio para dominar a conduta – própria ou alheia – é um signo.

Dessa forma, este episódio, último momento de nossa proposta de ensino, consistiu na escrita de uma carta de sonhos e desejos para o próximo ano. A criação e utilização de signos, como os registros feitos em uma carta de sonhos e desejos após vivenciarem reflexões sobre educação financeira, podem ser entendidos como uma atividade de significação, conforme delineado por Vygotsky. Nesse contexto, ao expressar seus objetivos financeiros e planos para o futuro por meio dessa carta, o sujeito não apenas dá significado aos seus desejos, mas também adquire maior controle sobre seu comportamento financeiro.

Essa atividade de significação possibilita uma reflexão mais profunda sobre as prioridades financeiras e ajuda a orientar as ações para alcançar os objetivos estabelecidos. Assim, a carta de sonhos e desejos se torna uma ferramenta valiosa para promover uma gestão

financeira mais consciente e direcionada, permitindo que o indivíduo assuma o controle de suas finanças e trabalhe na realização de seus objetivos de vida.

Para a execução da proposta, foi apresentado aos estudantes a última parte da História em Quadrinhos, conforme figura 4:

Figura 4: Momento 4 da História em Quadrinhos



Fonte: Elaboração da autora

Com base nas cartas redigidas pelos alunos pudemos perceber, de forma geral, que os estudantes apresentaram novas formas de pensar em relação ao tema, comparado com as respostas das primeiras perguntas no episódio 1. Alice e Léo não escreveram uma carta dos sonhos, mas escreveram os que eles compreenderam como Educação Financeira e destacamos:

Agora sei que Educação financeira quer dizer organizar de forma mais eficiente o dinheiro, priorizando gastos em itens essenciais e evitando desperdícios em compras desnecessárias. (Alice, 14 anos)

Compreendo que a educação financeira é economizar e gastar de maneira consciente, buscando utilizar o dinheiro de forma eficiente e responsável. (Léo, 12 anos)

Observando esses relatos, podemos dizer que eles passaram a relacionar a educação financeira como algo ligado ao dinheiro: gastar, economizar e saber planejar, administrando as situações do dia a dia, sem deixar de lado a qualidade de vida. Esse entendimento sobre

educação financeira é defendido também por Perreti (2008) ao dizer que a educação financeira é fundamental para proporcionar "qualidade de vida", enquanto Oliveira (2007) reitera essa perspectiva, enfatizando seu papel crucial no bem-estar financeiro individual e no desenvolvimento intelectual tanto do estudante quanto da sociedade em geral.

Vimos também relatos como o de Tom, que começou a vender picolé na rua durante a pandemia para conseguir comprar um celular:

Agora que comprei o celular, dá para ficar uns 2 anos com ele, eu quero guardar para ir em Uberlândia no shopping ver um filme. A gente nunca foi no cinema. Pode até entrar como gasto supérfluo, mas ia ser uma coisa boa para mim e para os meus irmãos. (Tom, 12 anos)

Pedro e Andressa relataram sobre o desejo de economizar e planejar para realizar vontades em casa com sua família:

Quero muito que meu pai troque o carro esse ano e no ano quem a gente vai pintar a casa. Ele está trabalhando muito pra cuidar de mim e da minha irmã, eu quero que ele fique feliz e eu o ajudo no que posso. Se der certo, vamos pintar a casa no ano que vem. (Pedro, 14 anos)

No próximo ano eu quero que minha mãe pague as contas da casa e que ela compre um micro-ondas lá pra casa. Eu acho que até junho ela dá conta, vai ser bom porque ajuda a esquentar comida e não fica lavando panela. (Andressa, 14 anos)

Percebemos que os estudantes relataram em suas cartas, não apenas a realizações pessoais ou desejos momentâneos, mas desejos de transformação e realização de sua realidade atual juntamente com suas famílias. De acordo com Oliveira (2007), a introdução da educação financeira tanto na escola quanto na família pode auxiliar os indivíduos a refletirem sobre seu papel e responsabilidade na sociedade. Nesse contexto, é possível perceber que o trabalho organizado do professor sobre educação financeira pode promover decisões conscientes e influenciar positivamente o ambiente em que estão inseridos.

Por outro lado, alguns estudantes relataram em suas cartas, desejos associados à compra ou à substituição de objetos.

Agora eu quero juntar dinheiro, sei que não precisa de cofrinho para isso, então vou arrumar uma garrafa e ir colocando. Eu quero comprar uma chuteira boa para jogar bola, no ano que vem participar de uma peneira e ia ser muito bom se eu conseguisse jogar com uma coisa que eu paguei. (Guilherme, 13 anos)

Eu quero comprar um carro, não vai ser ano que vem, mas com 18 anos eu quero ter um carro com som e rebaixado. Então vou começar a juntar.

Eu queria que minha mãe me desse mais dinheiro para comprar cartinha e bala lá na porta da escola. Minha vó, às vezes, me dá quando eu durmo lá. (Rafael, 12 anos)

A orientação em relação à educação financeira pode proporcionar instrumentos que podem auxiliar o sujeito na administração de seus recursos financeiros, na tomada de decisões acerca da economia e da reserva desses ganhos, promovendo um consumo consciente. Almeida (2021, p. 201) esclarece que novas ações “[...] podem transformar-se em atividades quando o motivo da mesma gera sentido pessoal ao sujeito, e este, ao coincidir com o significado social da atividade pode promover o seu desenvolvimento”. Dessa forma, esperamos, que os estudantes atribuam novos sentidos às suas ações no futuro e que elas se encontrem com suas necessidades.

CONSIDERAÇÕES

Com base no tema selecionado para esta pesquisa e após análise dos estudos realizados, são apresentadas as conclusões, enfatizando certos aspectos considerados pertinentes e algumas sugestões que podem inspirar investigações futuras no âmbito educacional, especialmente no que diz respeito à educação financeira.

A educação financeira é uma ferramenta importante para auxiliar sujeitos a entenderem e gerenciarem suas finanças de maneira responsável. No contexto do 7º ano do ensino fundamental, é importante introduzir conceitos financeiros básicos de uma forma acessível e relevante para os estudantes. Esta pesquisa buscou compreender que impressões estudantes do 7º ano expressam ao vivenciar uma prática pedagógica envolvendo Educação Financeira. Neste sentido, buscamos apresentar possibilidades de promover a Educação Financeira, de modo que a situação de ensino apresentada e reflexões suscitadas proporcionasse aos estudantes certo domínio de um conhecimento que desperte para a compreensão dos aspectos relacionados ao planejamento financeiro.

Além disso, observou-se que a proposta de ensino desenvolvida promoveu o desenvolvimento de habilidades práticas, como o pensamento crítico, a tomada de decisões conscientes e a resolução de problemas financeiros do cotidiano. Os estudantes relataram maior confiança em lidar com questões financeiras após participarem das propostas, evidenciando uma melhora em sua compreensão financeira prática. Reconheceram, aos poucos, a importância da educação financeira e do consumo consciente, além de valorizar não apenas o dinheiro, mas também o esforço do trabalho necessário para obtê-lo.

Na conclusão desta pesquisa, é pertinente destacar a perspectiva defendida pelos autores Lima e Sá (2010), que sustentam que o conhecimento financeiro permite que as pessoas saibam poupar, consumir, investir e reivindicar, contribuindo para a redução das desigualdades sociais no país. Além disso, essa formação ajuda a evitar armadilhas financeiras e auxilia na defesa dos direitos dos consumidores e trabalhadores.

Dessa forma, incentivar os estudantes, independentemente da idade e da classe social, a explorar conteúdos relacionados ao aspecto financeiro com comprometimento e criatividade, pode promover uma outra relação com o dinheiro, ou seja, as pessoas podem gerenciar suas vidas econômica, profissional e pessoal de modo mais consciente.

Mais uma vez, destacamos a importância do comprometimento das escolas e dos educadores em buscar um ensino de qualidade, levando em consideração os conhecimentos prévios dos estudantes e estabelecendo relações que atendam às suas necessidades na busca

pelo conhecimento. É essencial relacionar, sempre que possível, os conteúdos com situações de outras áreas do conhecimento ou da realidade em geral. No caso desta pesquisa, buscamos um tema de interesse dos estudantes e que estava em evidência à época, a Copa do Mundo de 2022.

Outro aspecto relevante foi a percepção da professora/ pesquisadora sobre a importância de abordagens que procurem gerar necessidades nos sujeitos para que se engajem em suas aprendizagens.

Os resultados demonstraram que a implementação da situação de ensino elaborada inspirada nos pressupostos da AOE proporcionou um ambiente favorável para a compreensão de conceitos financeiros como planejamento financeiro, compreensão dos diferentes tipos de gastos essenciais, supérfluos e desperdícios e reserva financeira.

No entanto, é importante ressaltar que a utilização de propostas como a que aqui apresentamos requer um compromisso contínuo por parte das instituições educacionais, bem como o apoio adequado em termos de recursos e formação de professores. Além disso, é fundamental integrar a educação financeira de forma abrangente ao currículo escolar, garantindo que os conceitos aprendidos sejam pertinentes à vida dos estudantes.

Com base nas análises realizadas, inferimos que a educação financeira, concebida como um tema transversal e interdisciplinar, pode auxiliar na formação de estudantes mais críticos e autônomos, capacitados a lidar estrategicamente e de maneira inteligente com diversas situações.

Acreditamos na importância de mais investigações relacionadas à prática de educação financeira em sala de aula. Este trabalho não se encerra aqui, mais pesquisas e práticas precisam ser realizadas, abordando a educação financeira em diferentes contextos da educação básica, tais como: os estudantes envolvidos nesta pesquisa utilizarão o conhecimento adquirido em suas vidas? De que forma? Como desenvolver o senso crítico para a tomada de decisões financeiras? Como a escola pode contribuir para prevenir o desperdício e fornecer orientações sobre questões de inadimplência entre os estudantes ou em suas famílias?

Para mim, autora pesquisadora, ao longo da pesquisa, foi possível perceber o impacto transformador que o conhecimento nesta área pode exercer em nossas vidas. Através da análise dos dados e da revisão bibliográfica, percebi que a educação financeira não é apenas sobre números e orçamentos, mas sim sobre capacitar indivíduos a tomar decisões informadas e conscientes em relação ao dinheiro, permitindo-lhes construir um futuro financeiro sólido e sustentável.

Para mim, esta pesquisa significou mais do que simplesmente a obtenção de um conhecimento acadêmico; foi uma jornada de autodescoberta e crescimento pessoal. Entendi

que, dominar os princípios da educação financeira, pode não apenas garantir uma estabilidade financeira, mas também promover um impacto positivo na comunidade que vive e na sociedade como um todo.

Portanto, ao concluir este estudo, sinto-me mais capacitada e motivada a aplicar os conhecimentos adquiridos em minha própria vida e a compartilhar esse conhecimento com outros, contribuindo assim para a construção de um futuro financeiro mais seguro e próspero para todos.

Esta pesquisa não apenas ampliou meu entendimento sobre a importância da educação financeira, mas também reforçou meu compromisso pessoal de continuar buscando conhecimento e promovendo mudanças positivas em minha própria vida e na vida daqueles ao meu redor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. de. **A significação do ensino de ciências da natureza nos anos iniciais: contribuições do espaço formativo compartilhado para a formação de professores**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria.

ARAÚJO, Elaine Sampaio. S.; MORAES, Silvia Pereira Gonzaga de. Dos princípios da pesquisa em educação como atividade. In: MOURA; M. O. (org.). **Educação escolar e pesquisa na teoria histórico-cultural**. São Paulo: Loyola, 2017. p. 47-70.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. **A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 29, p. 108-118, maio/agosto, 2005.

BRASIL, Banco Central do. **Caderno de Educação Financeira**. Gestão de Finanças Pessoais. Brasília: Banco Central do Brasil, 2017. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira Acesso em: 29 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 25 abr. 2022.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Matemática**. 3. Ed. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEF, 2001.

BRUNHERA, Diandra Carla Uncini. Educação financeira: um plano para aplicação nos anos finais do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 721–736, 2020. DOI: 10.33238/ReBECCEM. 2020. v.4. n.4. 25250. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rebecem/article/view/25250>. Acesso em: 28 mai. 2022.

CAMPOS, Marcelo Bergamini. **Educação financeira na matemática do ensino fundamental: uma análise da produção de significados**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1789> . Acesso em: 30 abr. 2022

CARAÇA, Bento de Jesus. **Conceitos fundamentais da matemática**. 3 ed. Lisboa: Gradiva, 2000.

CARRARA, Antonio Marco Campos. **Educação financeira: praticando o consumo consciente no ensino fundamental**. 2017.

CARVALHO, Talita de. **A origem do sistema capitalista**. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/sistema-capitalista-origem/>. Acesso em: 2 jun 2022.

CAVALCANTE, Luis Adolfo de Oliveira. CEDRO; Wellington Lima. **Uma análise lógico-histórica da relação entre as histórias em quadrinhos e a educação**. In: História em quadrinhos - Interdisciplinaridade e Educação. Editora Reflexão, 1. ed., p. 57-82, 2016.

CERBASI, Gustavo Petrasunas. **Pais inteligentes enriquecem seus filhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

CNC. Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Rio de Janeiro, 2022. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor**. Disponível em: <https://portal-bucket.azureedge.net/wp-content/2023/01/dc8e5dca80097444ef03e1842cdd6ddf.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2023.

CORDEIRO, Nilton José Neves; COSTA, Manoel Guto Vasconcelos; SILVA, Marcio Nascimento. Educação Financeira no Brasil: uma perspectiva panorâmica. **Ensino da Matemática em Debate**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 69-84, 2018

COSTA, Amanda Couto da. **Ensinando fração a partir da construção de instrumentos musicais**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2022. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.614>. Acesso em 19 ab. 2023.

FARIA, Wilma Pereira Santos. **Possibilidades didáticas com Educação Financeira Escolar Crítica nos anos iniciais do Ensino Fundamental** [recurso eletrônico]. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/32967> . Acesso em: 4 mai 2022.

FERREIRA, Nathália Martins. **Educação financeira no livro didático de matemática dos anos finais do ensino fundamental** [recurso eletrônico]. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31473/1/EducacaoFinanceiraLivroDi.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sergio A. Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos. 3. ed. Campinas – SP: Autores Associados, 2012. 228p.

FRANGETO, Natália. **A educação financeira no ensino fundamental**: uma análise comparada em duas escolas em Natal-RN. 2018. 59f.: il.

FREITAS, Ricardo Ferreira. **Folia, mediações e megaeventos: breve estudo sobre as representações do Carnaval 2010 nos jornais cariocas**. Revista Rumores – Edição 9, volume 1, Janeiro-Junho de 2011. Disponível em: www.usp.br/rumores. Acesso em 06 mai 2023.

FREITAS, Simone de Fátima. **A Educação Financeira no ensino fundamental e o desenvolvimento de atividades para o 9º ano**. 2020. 109 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação) - Mestrado Profissional de Matemática em rede - Profmat. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Cornélio Procópio, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

Gastos essenciais, gastos supérfluos e desperdícios. Disponível em: <https://www.oseudinheirovalemais.com.br/gastos-essenciais-superfluos-edesperdicios/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

GNOATO, Elenir *et al.* A importância da educação financeira no ensino fundamental nas escolas públicas estaduais da cidade de Chapecó-SC. **Anais Centro de Ciências Sociais Aplicadas**. [S.l.], v. 7, n. 1, p. 76 - 94, dec. 2020. Disponível em: <https://uceff.edu.br/anais/index.php/ccsa/article/view/341>. Acesso em: 28 mai. 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. São Paulo: ERA, n. 2, p. 57 – 63, 1995.

GRANDO, Neiva Ignês; SCHNEIDER, Ido José. Educação financeira: o que pensam alunos e professores. **Revista Educação em Questão**, v.40, n. 26, p.195-219, 2011.

HAMMES, Aloisio Pedro. **Educação financeira e o contexto escolar do estudante no ensino fundamental II**. 2018. 90f.

LANNER DE MOURA, Anna Regina; MOURA, Manoel Oriosvaldo de. **Escola: um espaço cultural**. Matemática na Educação Infantil: conhecer, (re)criar – um modo de lidar com as dimensões do mundo. São Paulo/Diadema: Secel, 1998.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Actividad, conciencia y personalidad**. Havana: Pueblo y Educacion, 1983.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. Uma contribuição à teoria de desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, L. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução Maria da Penha Villa Lobos. São Paulo: Ícone, 2001.

MARTINS, Egon Adahil Ferreira. **A temática educação financeira no ensino fundamental anos finais na concepção dos professores de matemática**. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43693> . Acesso em: 27 mai 2022.

MOURA, Manoel Oriosvaldo *et al.* Atividade orientadora de ensino: unidade entre ensino e aprendizagem. **Rev. Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 205-229, jan./abr. 2010.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de. A atividade de ensino como unidade formadora. **Bolema**, São Paulo, v. 2, n.12, p. 29-43, 1996.

MOURA, Manoel Oriosvaldo *et al.* **Educação escolar e pesquisa na teoria histórico-cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de. **O educador matemático na coletividade de formação: uma experiência com a escola pública**. Tese (Livre Docência) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2000.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de. **O Jogo e a Construção do Conhecimento Matemático**. Ideias, São Paulo, FDE, n. 10, p.45-53, 1991. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_10_p045-053_c.pdf . Acesso em: 28 jun. 2022.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de. Pesquisa colaborativa: um foco na ação formadora. In: BARBOSA, R. L. L. (org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p.257-284.

OLIVEIRA, Natalia Mota; PANOSSIAN, Maria Lucia (Organizadoras). **Verbetes da atividade orientadora de ensino:** grupo de estudos sobre situações desencadeadoras de aprendizagem. Produção coletiva – 2021/2022. Capivari de Baixo: Editora Univinte, 2022.

PEREIRA, Michelly Bezerra da Silva. **Uma análise da abordagem da educação financeira na base nacional comum curricular e nos livros didáticos do ensino fundamental anos finais no município de Gravatá.** 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43559>. Acesso em: 13 set 2022.

POWELL, Arthur Belford; SILVA, Amarildo Melchides da. Um Programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 18, 2013, Paraná. Anais [...]. Paraná, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/gestao/article/view/4109/1598> Acesso em: 20 out. 2022.

SALES, Vanessa Kelly de Oliveira. **A educação financeira no contexto do aprendizado escolar:** um estudo com alunos do ensino fundamental II em uma escola particular no interior de Pernambuco. João Pessoa, 2018. 56f.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. **Paradigmas da educação financeira no Brasil.** Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

SFORNI, M. S. de F; GALUCH, M. T. B. Gestão escolar e trabalho coletivo: contribuição da teoria da atividade. Revista Educativa-Revista de Educação, GO, v. 19, n. 2, p. 474-497, maio/ago. 2016. <https://doi.org/10.18224/educ.v19i2.5403>

SILVA, Amarildo Melchides da; POWELL, Arthur Belford. Currículos de Educação Financeira para a escola nos Estados Unidos. **Revista de Educação, Ciências e Matemática.** v.6, n.3, p.1935, 2016.

SILVA, Cátia Gomes da. **A educação financeira no contexto escolar no ensino fundamental.** Pelotas, 2019. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6246> Acesso em: 28 mai 2022.

SILVA, Margareth. **Abordagem da Matemática Financeira no Ensino Médio sob a perspectiva da Educação Financeira.** Dissertação de Mestrado em Matemática. Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Rosângela Marion; LOZANO, Abel Rodolfo Garcia; RODRIGUES, Chang Kuo. A família dezmedida na prática de finanças. **Revista de Educação, Ciências e Matemática.** v.6, n.3, p.158166, 2016

THEODORO, Flavio Roberto Faciolla. **O uso da matemática para a educação financeira a partir do ensino fundamental.** Taubaté - SP, 2008. Disponível em: <https://educacaofinanceira.com.br/wp-content/uploads/2021/11/tcc-uso-da-matematica-para-a-educacao-financeira-a-partir-do-ensino-fundamental.pdf>. Acesso em: 4 de jun. 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

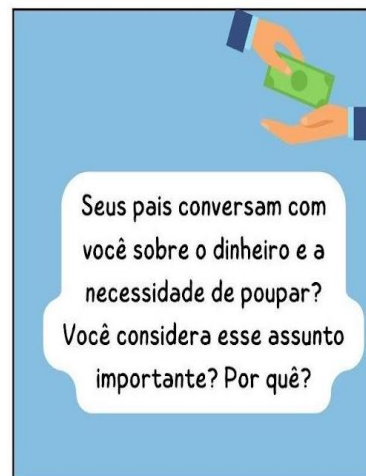
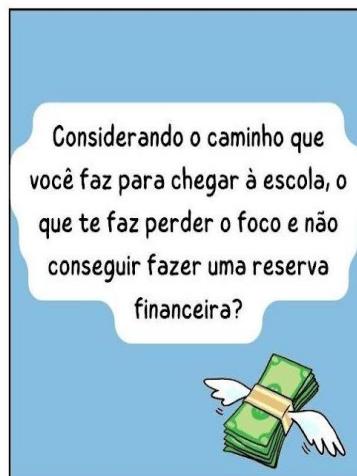
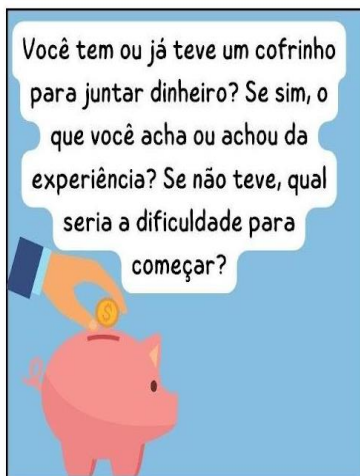
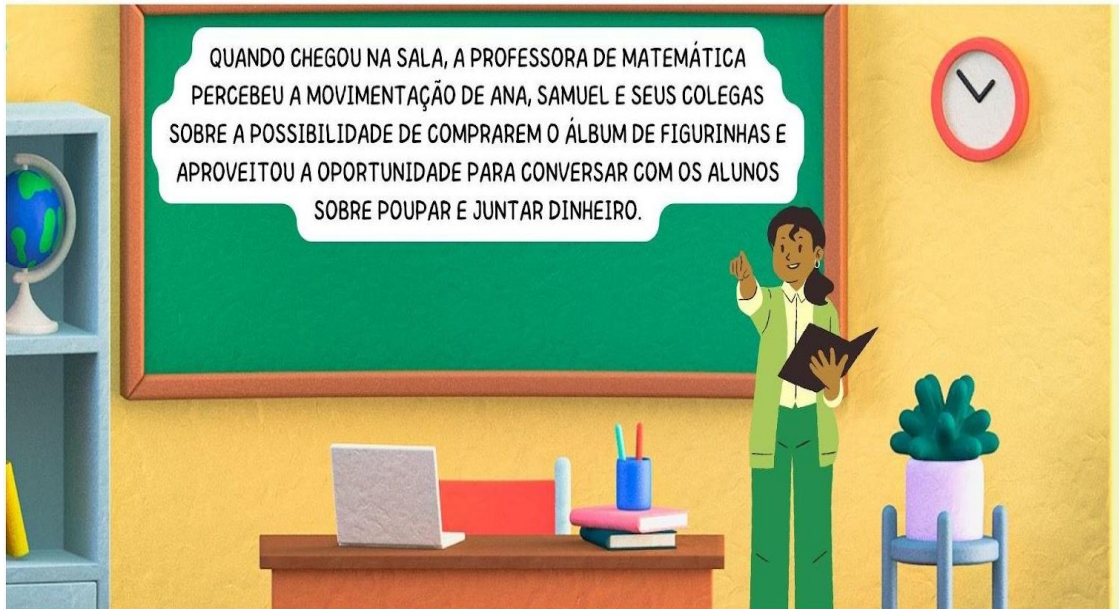
YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - História em Quadrinhos

O álbum de figurinhas do Copa do Mundo: compro ou não compro?





MESMO SEM GASTAR, ANA DECIDIU IR COM SAMUEL FAZER AS TROCAS, COMPRAS E VENDAS DE FIGURINHAS NA PRAÇA. ELA ENTENDE QUE PARA SE DIVERTIR NÃO É PRECISO, SEMPRE, GASTAR DINHEIRO.

Samuel, mesmo não comprando o álbum, vou com você trocar as figurinhas na praça depois da aula. Afinal, me divertir sem gastar nada é muito bom!

Está bem Ana! Fico feliz que você vá comigo, vamos nos divertir trocando, vendendo e comprando outras figurinhas.



O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONVIVER E CONSUMIR?

PENSANDO NA TROCA DAS FIGURINHAS, VOCÊ SE DIVERTE COMO O ANA OU COMO O SAMUEL?

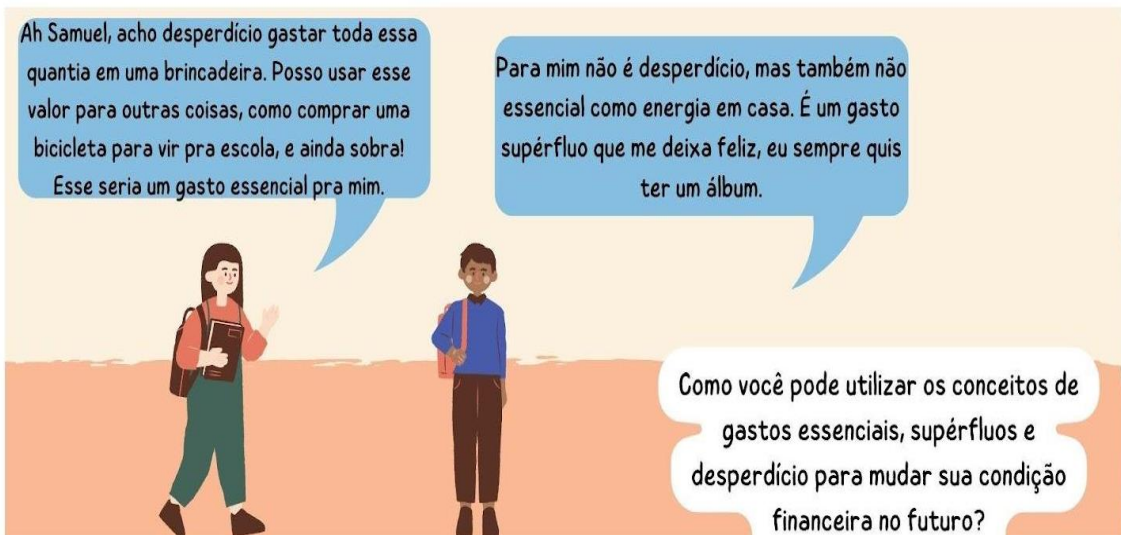
DOIS MESES DEPOIS, QUANDO COMEÇARAM AS VENDAS, ANA MESMO TENDO DECIDIDO NÃO COMPRAR O ÁLBUM, CONTINUOU JUNTANDO SUA MESADA. PARA ELA, GASTAR TODO AQUELE VALOR EM UM ÁLBUM É DESPERDÍCIO DE DINHEIRO.

SAMUEL SE MANTEVE DECIDIDO EM COMPRAR O ÁLBUM COM A AJUDA DE SEUS PAIS, PARA ELE A COMPRA É UM GASTO SUPÉRFLUO MAS O FARIA FELIZ.

Ah Samuel, acho desperdício gastar toda essa quantia em uma brincadeira. Posso usar esse valor para outras coisas, como comprar uma bicicleta para vir pra escola, e ainda sobra! Esse seria um gasto essencial pra mim.

Para mim não é desperdício, mas também não é essencial como energia em casa. É um gasto supérfluo que me deixa feliz, eu sempre quis ter um álbum.

Como você pode utilizar os conceitos de gastos essenciais, supérfluos e desperdício para mudar sua condição financeira no futuro?

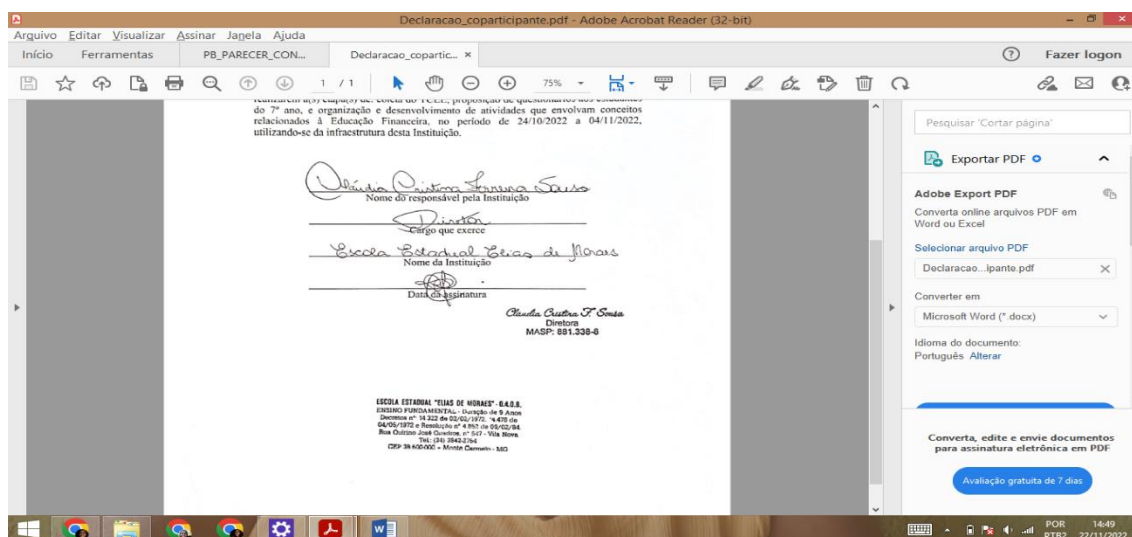




APÊNDICE B: DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Declaro estar ciente que o Projeto de Pesquisa intitulado “A Educação Financeira no 7º ano do ensino fundamental: uma abordagem na perspectiva da Atividade Orientadora de Ensino”, será avaliado por um Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e concordar com o parecer ético emitido por este CEP, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial as Resoluções CNS 466/12. e 510/16. Esta Instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do projeto de pesquisa, e de seu compromisso na segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para garantir a segurança e o bem-estar.

Autorizo as pesquisadoras Fabiana Fiorezi de Marco Matos – Universidade Federal de Uberlândia e Luanna Martins de Freitas – Universidade Federal de Uberlândia, realizarem a(s) etapa(s) de: coleta do TCLE, proposição de questionários aos estudantes do 7º ano, e organização e desenvolvimento de atividades que envolvam conceitos relacionados à Educação Financeira, no período de 13/02/2023 a 17/02/2023, utilizando-se da infraestrutura desta Instituição.



APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS

Considerando a sua condição de responsável legal pelo(a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele(a) participe da intitulada “A Educação Financeira no 7º ano do ensino fundamental: uma abordagem na perspectiva da Atividade Orientadora de Ensino”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Fabiana Fiorezi de Marco Matos – Universidade Federal de Uberlândia e Luanna Martins de Freitas – Universidade Federal de Uberlândia.

Nesta pesquisa nós estamos buscando apresentar possibilidades de promover a educação financeira, de modo que as situações apresentadas e reflexões proporcionem aos estudantes domínio de um conhecimento que desperte a formação de conhecimentos para a compreensão dos aspectos relacionados ao controle financeiro.

O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pelas pesquisadoras Fabiana Fiorezi de Marco Matos e Luanna Martins de Freitas, via impresso em sala de aula, antes de iniciar as atividades. Você terá o tempo que for necessário para decidir se a pessoa sob sua responsabilidade participará ou não da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo III da Resolução nº 510/2016).

Na participação do(a) menor sob sua responsabilidade, ele(a) participa das aulas, normalmente estabelecidas conforme cronograma escolar e em seu horário regular de aula. O pesquisador responsável atenderá as orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Em nenhum momento, nem o(a) menor e nem você serão identificados. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dele(a) e a sua serão preservadas.

Nem ele(a) e nem você terão gastos e nem ganhos financeiros por participar na pesquisa.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Contudo, asseguramos que todos os cuidados serão tomados no sentido de preservar o sigilo absoluto da identidade dos participantes, como por exemplo, substituir os nomes participantes por siglas ou nomes fictícios. Tomaremos o cuidado, também, de preservar os rostos em possíveis fotografias, para tanto, medidas como, por exemplo, efeitos de desfocar ou censurar os rostos nas fotografias serão adotados. Em vista disso, será assegurado o bem estar dos participantes durante todas as etapas, dando a segurança que ele necessita, de forma que deixe bem claro para o mesmo que nenhuma informação passada será publicada sem o seu consentimento. **Os benefícios da pesquisa serão contribuir e estimular a discussão acerca da Educação Financeira, estimulando reflexões à luz da Atividade Orientadora de Ensino de modo que as situações e reflexões apresentadas proporcionem aos estudantes domínio de um conhecimento que desperte a formação de conhecimentos para a compreensão dos aspectos relacionados ao planejamento financeiro.**

A qualquer momento, você poderá retirar o seu consentimento para que o(a) menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa. Garantimos que não haverá coação para que o consentimento seja mantido, nem que haverá prejuízo ao(a) menor sob sua responsabilidade.

Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos dados do(a) menor sob sua responsabilidade da pesquisa.

O(A) menor sob sua responsabilidade também poderá retirar seu assentimento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, ela também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você, assinada e rubricada pelos pesquisadores.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Fabiana Fiorezi de Marco Matos, telefone: (34) 3230-9455, Av. João Naves de Ávila nº 2121, Bloco F, Campus Santa Mônica, Uberlândia/MG. Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf.

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail **cep@propp.ufu.br**. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ... de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante de pesquisa

APÊNDICE D - Produto educacional





Universidade Federal de Uberlândia
Programa de Pós-Graduação em Ensino de
Ciências e Matemática

**LUANNA MARTINS DE FREITAS
FABIANA FIOREZI DE MARCO**

UMA PROPOSTA DE ENSINO SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

**Uberlândia - MG
2024**



SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

1. EDUCAÇÃO FINANCEIRA

..... 6

2. A PROPOSTA

..... 11

3. O ÁLBUM DA COPA DO MUNDO

..... 16

4. A HISTÓRIA EM QUADRINHOS

..... 23

4.1. SITUAÇÃO 1: POUPAR

..... 24

4.2. SITUAÇÃO 2: ENTENDENDO OS GASTOS

..... 28

4.3. SITUAÇÃO 3: LAZER SEM CONSUMO, É POSSÍVEL?

..... 32

4.4. SITUAÇÃO 4: PLANEJANDO SONHOS

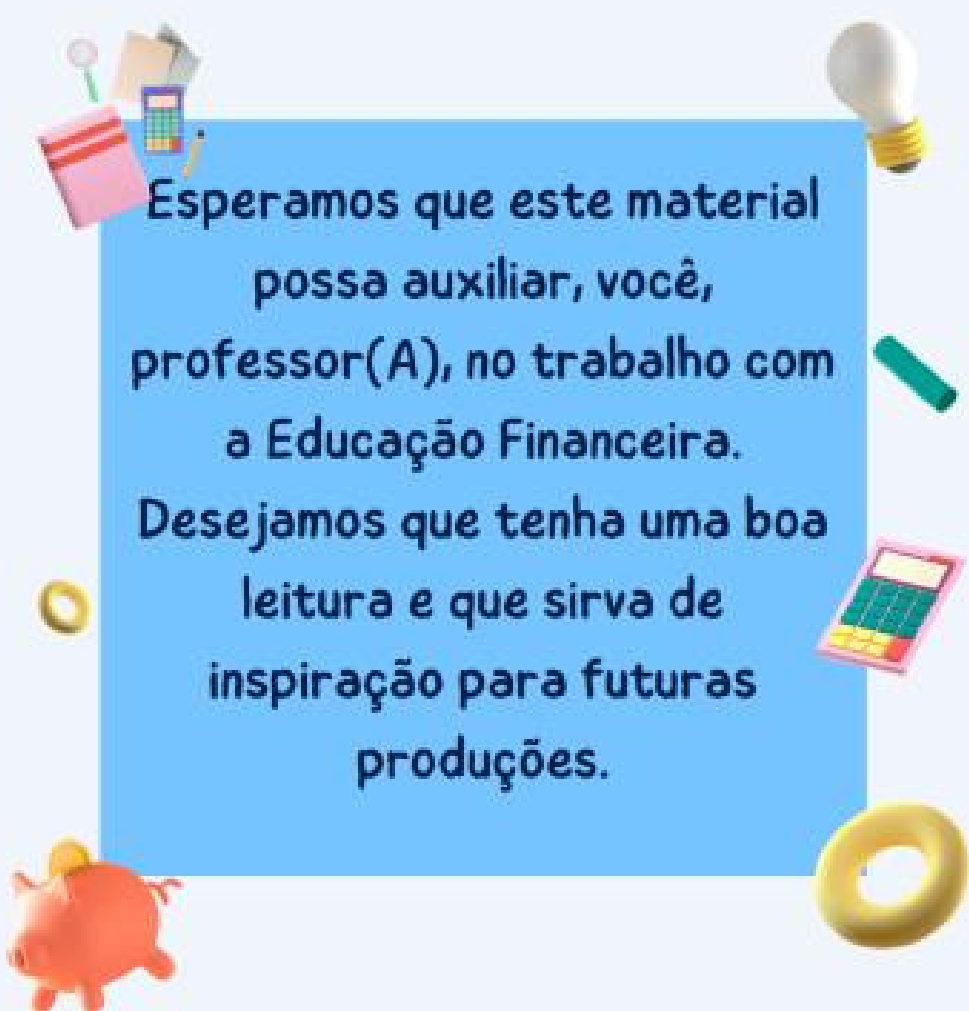
..... 34

Caro(a) Professor(a)

Este material é resultado da pesquisa empírica realizada como parte da dissertação de mestrado da primeira autora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. O título da pesquisa é "Uma proposta de trabalho com Educação Financeira no 7º ano do ensino fundamental". O trabalho foi realizado com estudantes de uma escola estadual na cidade de Monte Carmelo, Minas Gerais, em um contexto presencial, pós pandemia de COVID-19.

O objetivo deste produto educacional é apresentar algumas possibilidades metodológicas para uma proposta de ensino envolvendo Educação Financeira, utilizando a história em quadrinhos como instrumento.

A proposta sugerida nesse produto educacional é composta por uma sequência de quatro situações, tendo como foco potencializar a autonomia dos estudantes para o uso do dinheiro e a importância do hábito de poupar como forma de melhorar a qualidade de vida. As situações foram elaboradas com base na história em quadrinhos criada pela primeira autora, tendo como temática o Álbum da Copa do Mundo que ocorreu em 2022.



Esperamos que este material
possa auxiliar, você,
professor(A), no trabalho com
a Educação Financeira.
Desejamos que tenha uma boa
leitura e que sirva de
inspiração para futuras
produções.

6

1



EDUCAÇÃO
FINANCEIRA



Levar a discussão sobre a Educação Financeira para a sala de aula pode ser uma oportunidade de contribuir para a formação de cidadãos mais críticos (Araújo, 2009). Apesar de ser uma oportunidade, não é uma realidade para muitos estudantes, e muitas vezes não acontece, pois segundo Campos (2012), esse deve ser um processo que exige um ensino contextualizado e significativo, pautado nas vivências reais do estudante, e também a necessidade da formação de professores em Educação Financeira.

Ao longo dos anos escolares os estudantes acabam se vendo obrigados a memorizar e estudar conteúdos que, muitas vezes, não levam em consideração seu cotidiano e, quando enfrentam a realidade, se deparam com problemas financeiros sem noções básicas de economia e finanças.

Segundo o Banco Central do Brasil (BCB), o “[...] aprendizado e a aplicação de conhecimentos práticos de educação financeira podem contribuir para melhorar a gestão de nossas finanças pessoais, tornando nossas vidas mais tranquilas e equilibradas sob o ponto de vista financeiro.” (BCB, 2017, p. 12).

Nos dias atuais, estamos sujeitos a um mundo financeiro mais complexo que o das gerações anteriores. Entretanto, o uso do crédito, do dinheiro, dos riscos e desdobramentos dos instrumentos financeiros, faz crescer o número de pessoas inadimplentes no país e “[...] o crescimento desorientado do crédito produz inadimplência” (Savoia; Satio; Santana, 2017, p. 1124).

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) realizada em 2022 mostrou que “[...] consumidores que mais se endividaram foram mulheres, pessoas jovens, com 2º grau completo e renda média e baixa. A proporção de famílias com dívidas atrasadas também foi a maior em 12 anos” (PEIC, 2022, p. 2).

Pensando numa saída para não utilização do crédito, ou até mesmo a utilização consciente desse recurso temos o corte de gastos, e sobre isto, vale refletir sobre três tipos: gasto essencial, gasto supérfluo e o desperdício.

- Os gastos essenciais são aqueles que não podemos viver sem. Estão ligados às necessidades como alimentação, moradia, vestuário, saúde, educação.
- Os gastos supérfluos são aqueles que podemos viver sem, ou seja, não geram bem-estar e estão ligados mais aos desejos que às necessidades, como restaurantes, roupas de marca, assinaturas de TV.
- Já os desperdícios são aqueles gastos que não são essenciais, nem lhe traz maior satisfação ou qualidade de vida, como multas, pagar por algo e não usar, deixar a torneira aberta ou esquecer a luz acesa.

Planejar suas finanças, segundo Cerbasi (2005, p. 14), é:

[...] entender o máximo que podemos gastar hoje sem comprometer esse padrão de vida no futuro. É fazer escolhas como viver bem o presente, mesmo que isso signifique adiar o sonho de comprar determinado carro ou um apartamento mais confortável. É optar por mais anos de aluguel, viabilizando a formação de uma poupança que seria inviável durante um pesado financiamento.

Definidas as despesas que se encaixam em cada uma dessas áreas, é possível planejar, poupar e investir. "O planejamento financeiro possibilita consumir mais e melhor. Consumir "mais" por meio da potencialização do dinheiro e "melhor" via eliminação de desperdícios" (BCB, 2017, p. 36).

São vários os motivos para poupar: precaver-se diante de situações inesperadas, preparar para aposentar-se, realização de sonhos, entre outros. Estabelecer prioridades, torna mais fácil a incorporação do hábito de poupar. Hammes (2018, p. 33) afirma que "[...] poupança é a ação de salvar (poupar dinheiro para o futuro, reservar uma parte das despesas correntes ou evitar gastos ou aumento do consumo) e salvar as finanças". A poupança, portanto, é a diferença da renda disponível e as despesas efetuadas. O entendimento dessas ações é importante para que as crianças "[...] cresçam e se tornem adultos com mais condições de terem uma vida melhor". (Ferreira, 2021, p. 10).



2

A PROPOSTA...

A proposta apresentada neste produto educacional é relacionada à Educação Financeira e tem como objetivo potencializar a autonomia do estudante para o uso do dinheiro, levando-os a refletirem sobre o hábito de poupar como forma de melhorar a qualidade de vida. Assim, o mesmo terá condições de avaliar suas necessidades e desejos percebendo que os efeitos de suas escolhas hoje, afetam a qualidade de vida no presente e, principalmente, no futuro.



A situação foi projetada como uma história em quadrinhos e, corroboramos com Ferreira (2022, p. 42), ao inferir que os quadrinhos possuem “[...] diversas potencialidades pedagógicas no ensino, como estimular a leitura, a criatividade e a imaginação, desenvolver a escrita, propiciar trabalho em grupo, além de poder desenvolver um trabalho interdisciplinar”.

As histórias em quadrinhos podem ser consideradas,

[...] como uma sequência de uma narrativa formada de um conjunto de uma linguagem verbal com a não verbal, com personagens fixos. Pode ser feita numa tira, numa página ou em duas, ou em várias páginas (revista ou álbum). Pode ser atemporal, temporal, regional, científica, entre outros. (Silva, 2018, p. 42).

Os quadrinhos em sala de aula podem auxiliar a aprofundar conceitos, ilustrar ideias, contextualizar exercícios e tratar conteúdos matemáticos de forma mais lúdica. Pereira (2016) propõe que eles sejam usados ao introduzir, discutir ou concluir um conteúdo, no enunciado de exercícios ou provas, em trabalhos interdisciplinares, feiras culturais ou seminários.

Há diversos softwares para a criação de Histórias em Quadrinhos, sendo alguns deles gratuitos. Para a elaboração da que ora se apresenta, utilizou-se o Canva, considerando a facilidade de acesso, a língua (portuguesa) e os recursos gratuitos oferecidos.

Ressalvamos que os quadrinhos não são soluções mágicas para serem usadas em sala de aula, mas é *uma* das ferramentas disponíveis que podem chamar a atenção dos estudantes e contribuir para o ensino e aprendizagem. (Vergueiro, 2012).

A proposta foi elaborada e desenvolvida numa perspectiva de unidade entre Atividade de Ensino e Atividade de Aprendizagem. Atividade de Ensino pois, constituiu-se na atividade da professora-pesquisadora, tendo “[...] o motivo de, intencionalmente, possibilitar a apropriação de conceitos produzidos historicamente em sua mediação com os sujeitos em atividade de aprendizagem e, para isso, vale-se de ações de ensino organizadas pela atividade docente” (Oliveira; Panossian, 2002, p. 51). Atividade de Aprendizagem em função de ser o lugar em que o educando se encontrava, estando “[...] no processo de aquisição dos conceitos mobilizados por situações desencadeadoras de aprendizagem” (Ibidem, p. 51).

A história em quadrinhos foi elaborada seguindo algumas orientações do que Moura e Lanner de Moura (1998) chamam de *situação emergente do cotidiano*.

"As situações emergentes do cotidiano são as discussões, questões ou observações que surgem no cotidiano dos estudantes e são encaminhadas pelo professor para despertar a necessidade de um conceito (Oliveira; Panossian, 2020, p. 2). "A problematização de situações emergentes do cotidiano possibilita à prática educativa oportunidade de colocar a criança diante da necessidade de vivenciar a solução de problemas significativos para ela" (Moura; Lanner de Moura, 1998, p. 14).

A história em quadrinhos teve como temática o Álbum da Copa do Mundo que ocorreu no Catar em 2022. A escolha do tema se deu por dois motivos:

- i. os estudantes, durante a pandemia, começaram a trabalhar e não sabiam como juntar o que tinham;
- ii. durante os anos de Copa do Mundo as pessoas se envolvem com compras de álbuns e figurinhas e, por vezes, não percebem os valores gastos, simplesmente entram na brincadeira.

Assim, acreditamos que esta seria uma forma dos estudantes se envolverem nas propostas tendo como plano de fundo uma situação que já conhecem.

Mas antes de continuar, você conhece a história do Álbum da Copa?

3

O ALBUM DA COPA DO MUNDO



No Brasil, o futebol tornou-se instrumento de representação do país e uma das dimensões do 'ser brasileiro', aquela que reúne classes e sintetiza a cultura. O esporte é visto como espaço de encontro de classes e de tradições que podem diferenciar o país das outras nações, sendo o futebol uma das formas de expressão da cultura nacional.

A Copa do Mundo é um campeonato mundial de futebol, que acontece a cada quatro anos, tornando-se um megaevento esportivo que promove o sentido de comunidade reunida e celebração multicultural por meio do futebol. Freitas (2011) aponta que "os megaeventos habitam o imaginário urbano, marcam a memória do lugar, (...) formam o ambiente para uma nova concepção de comunidade e de esfera pública". Corroboramos com a reflexão de Maffesoli (2004) de que a Copa é um evento onde se interagem diversos grupos sociais e os problemas do cotidiano ficam em segundo plano.

Assim, o futebol se transformou em um negócio rentável e que, de quatro em quatro anos, surgem ações promocionais com a temática Copa do Mundo, como o álbum de figurinhas oficial da Federação Internacional de Futebol (FIFA), lançado pela Editora Panini.

O primeiro registro de álbum de figurinhas colecionáveis no Brasil é da Copa de 1950, sediada aqui no nosso país. O álbum foi idealizado pela indústria de balas e chocolates A Americana Ltda. e os livretos contavam com duas versões: a vertical e a horizontal, com todas as seleções participantes.



Fonte: <https://www.guiadoscuriosos.com.br/esportes/a-historia-dos-albuns-das-copas/>

A ideia, à época, foi atrelar o álbum de figurinhas ao que a empresa comercializava: balas. Ao invés de comprar pacotinhos com o número determinado de figurinhas, como é feito hoje, elas vinham como brindes nas balas. Daí o nome "Balas Futebol! Craques do Campeonato Mundial de Futebol 1950 – Brasil".



Fonte: goo.gl/Frc8Ky

Os irmãos Giuseppe e Bento Panini abriram uma banca de jornal no ano de 1958 em Moderna, na Itália, mas o grupo Panini foi criado em 1961 com o lançamento do primeiro álbum de figurinhas colecionáveis. Em 1970 o grupo lançou na Copa do México o seu primeiro álbum mundial e, desde então, lança o produto em todas as edições: Alemanha 1974, Argentina 1978, Espanha 1982, México 1986, Itália 1990, Estados Unidos 1994, França 1998, Japão e Coreia do Sul 2002, Alemanha 2006, África do Sul 2010, Brasil 2014, Rússia 2018 e a mais recente, Qatar 2022.



Fonte: https://m.media-amazon.com/images/I/71yG3J7YOpL_AC_SY355_.jpg

O álbum da última edição (2022) contava com 670 figurinhas entre jogadores das 32 seleções presentes no Mundial. Para ter um álbum completo, a estimativa de investimento total para cada colecionador era de R\$548,00, caso as figurinhas não se repetissem.

A alta de preço das figurinhas superou a inflação acumulada no período, segundo levantamento feito pelo UOL usando a calculadora IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo). Enquanto os pacotinhos passaram de R\$2,00 para R\$4,00 entre março de 2018, mês de lançamento do álbum daquele ano, a junho de 2022, a inflação registrada foi de 30,5%. Se fossem reajustados apenas pelo IPCA, os pacotinhos custariam R\$2,61.

O preço do álbum também subiu acima da inflação, mas um pouco menos que as figurinhas. Em março de 2018, o produto foi lançado por R\$7,90, em 2022 foi vendido por R\$12,00, valor 51,9% maior. Se o preço fosse corrigido somente pelo IPCA, o álbum de 2022 custaria R\$10,31.

Com estes valores, para completar o álbum, seria necessário investir pelo menos R\$548,00. O valor equivale a quase metade de um salário mínimo do mesmo ano, R\$1212,00.

2
2

A quantia também se aproxima do preço médio da cesta básica em capitais como Salvador (R\$580,82) e Aracaju (R\$549,91), segundo levantamento feito em junho de 2022 pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Ao longo dos seus mais de 50 anos de existência, os álbuns de figurinhas das Copas do Mundo passaram a fazer parte do imaginário do evento da FIFA. As trocas, a socialização e a busca por aquela figurinha mais difícil já são, praticamente, tradições essenciais para a construção do clima do torneio.

Sabendo dessa paixão mundial e o quanto as pessoas, de diferentes idades, investem na compra dos cromos e ficam alvoraçados para completar o álbum, pensamos que de pacotinho em pacotinho o álbum da copa é uma oportunidade de aprender lições importantes sobre finanças pessoais desde cedo, abordando temas sobre negociação, autonomia, a diferença entre desejo e necessidade e, principalmente, a noção de juntar dinheiro para adquiri-lo.

4

2
3

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Apresentada a história sobre o álbum de figurinhas da Copa do Mundo, compartilhamos a seguir, a história em quadrinhos dividida em quatro momentos seguidos por seus respectivos objetivos elaborados pela pesquisadora.



Momento 1 - Diálogo sobre educação financeira e a condição financeira que está inserido

Objetivo

Iniciar o diálogo sobre Educação Financeira e a condição financeira em que os estudantes estavam inseridos. Usar os relatos para elaborar problemas e provocar reflexões durante as aulas.

Orientação aos professores

Apresentar aos alunos temas relevantes da Educação Financeira, tais como planejamento financeiro, consumo, consumismo e o ato de poupar. Promover discussões sobre a importância de se realizar um planejamento financeiro, levando-os a refletir nos motivos para poupar e como juntar dinheiro.

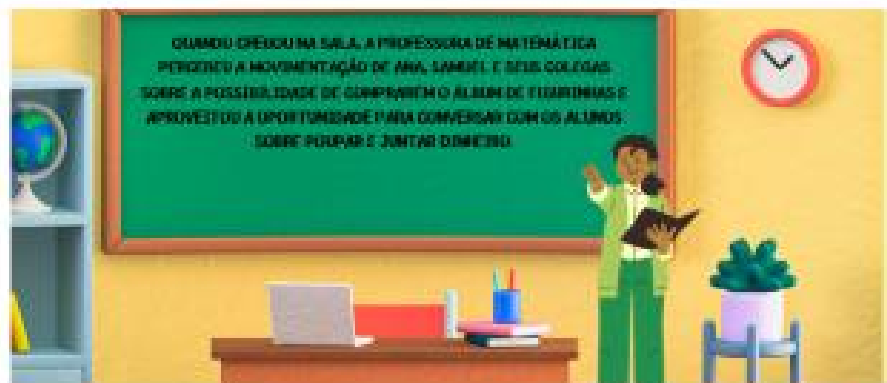
Orientação aos estudantes

Responder por escrito os questionamentos apontados nos quadrinhos e relatar uma experiência financeira, destacando se junta dinheiro ou não

2
5

O ÁLBUM DE FIGURINHAS DA COPA DO MUNDO: COMPRO OU NÃO COMPRO?





Você tem ou já teve um cofrinho para juntar dinheiro? Se sim, o que você acha ou achou da experiência? Se não teve, qual seria a dificuldade para conseguir?



Considerando o caminho que você faz para chegar à escola, o que te faz perder o foco e não conseguir fazer uma reserva financeira?



Seus pais conversam com você sobre o dinheiro e a necessidade de poupar? Você considera esse assunto importante? Por quê?





Momento 2 - Compreender as dificuldades que as famílias têm de administrar as finanças

Objetivo

Discutir sobre gastos essenciais, supérfluos e desperdícios, conceitos estes que podem afetar diretamente toda a estrutura e perspectiva individual, familiar ou de uma comunidade.

Orientação aos professores

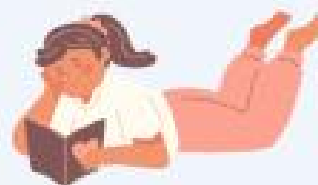
Expor aos estudantes os tipos de gastos, informações e pesquisas atuais sobre o endividamento das famílias brasileira.

Propor momentos para comentários e dúvidas.

Orientação aos estudantes

Participar da aula, por meio de comentários e dúvidas. Ao final responder aos questionamentos do quadrinho por escrito.

Sugestão de leitura:



<https://www.oseudinheirovalemMais.com.br/gastos-essenciais-superfluos-edesperdicios/>



VOGÊ CONSIDERA IMPORTANTE QUE SUA FAMÍLIA PLANEJE AS
DESPESAS MENSAIS? POR QUE?

Ah, como pra mim é um carro, uma casa, pagar
uma faculdade, essas coisas que adulto faz.
Coisas de criança não. Mas será que esse
dinheiro faz diferença para nossos pais?

Eu acho que sim! Eles planejam as despesas
mensais do caso com tanto cuidado, sem
estarem preparados pra isso. Esse dinheiro
pode fazer falta até para as compras de mês.

Você considera importante
que sua família planeje as
despesas mensais? Por que?



DOIS MESES DEPOIS, QUANDO COMEÇARAM AS VENDAS, ANA MESMO TENDO DECIDIDO NÃO COMPRAR O ÁLBUM, CONTINUOU JUNTANDO SUA MESADA. PARA ELA, GASTAR TODO AQUELE VALOR EM UM ÁLBUM É DESPERDÍCIO DE DINHEIRO.

SAMUEL SE MANTEVE DECIDIDO EM COMPRAR O ÁLBUM COM A AJUDA DE SEUS PAIS. PARA ELE A COMPRA É UM GASTO SUPÉRFLUO MAS O FARIA FELIZ.

Ali Samuel, acho desperdício gastar toda essa quantia em uma brincadeira. Posso usar esse valor para outras coisas, como comprar uma bicicleta para ir pra escola, e ainda sobra aí. Esse seria um gasto essencial pra mim.

Para mim não é desperdício, mas também não é essencial como energia em casa. É um gasto supérfluo que me deixa feliz, eu sempre quis ter um álbum.



Como você pode utilizar os conceitos de gastos essenciais, supérfluos e desperdício para mudar sua condição financeira no futuro?

Momento 3 - Debater sobre a possibilidade de ter lazer sem consumir

Objetivo

Distinguir situações de convivência de situações de consumo, e como expectativa, aprender a desfrutar da convivência com o outro, pelo que ele pode oferecer para nos acrescentar, buscar os lugares da cidade nos quais podemos conviver sem necessidade de consumir.

Sugestão aos professores

Realizar um debate sobre a identificação estabelecida, nos dias de hoje, entre convivência e consumo. Neste sentido, são feitas perguntas aos estudantes: Como convivem com os amigos e a família? Onde se encontram fora da escola, para se divertirem? O que fazem nos finais de semana? Onde vão? Com quem vão?

Sugestão aos estudantes

Participar da aula, por meio de comentários e dúvidas. Ao final responder aos questionamentos do quadrinho por escrito.

MESMO SEM GASTAR, ANA DECIDIU IR COM SAMUEL FAZER AS TROÇAS. COMPRAS E VENDAS DE FIGURINHAS NA PRAÇA. ELA ENTENDE QUE PARA SE DIVERTIR NÃO É PRECISO, SEMPRE, GASTAR DINHEIRO.

Samuel, mesmo não comprando o álbum, vou com você trocar as figurinhas na praça depois do aula. Afinal, me divertir sem gastar nada é muito bom!

Está bem Ana! Fico feliz que você vá comigo, vamos nos divertir trocando, vendendo e comprando outras figurinhas.



O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONVIVER E CONSUMIR?

Passando na troca das figurinhas, você se diverte como a Ana ou como o Samuel?

Momento 4 - Carta de desejo

Objetivo

Distinguir situações de convivência de situações de consumo, e como expectativa, aprender a desfrutar da convivência com o outro, pelo que ele pode oferecer para nos acrescentar, buscar os lugares da cidade nos quais podemos conviver sem necessidade de consumir.

Sugestão aos professores

Orientar e incitar o interesse dos estudantes, pois aqui são reunidas todas as discussões anteriores.

Sugestão aos estudantes

Cada estudante deverá escrever uma carta de desejo para o ano de 2023. O intuito é refletir sobre seus sonhos e sobre a importância de poupar, visando uma melhora na qualidade de vida e transformá-la em realidade, podendo avaliar como suas escolhas de agora podem impactar a qualidade de vida no presente e no futuro.



CONSIDERAÇÕES

A pesquisa de mestrado e o desenvolvimento da proposta possibilitaram, à primeira autora, oportunidades de refletir sobre sua prática docente, especialmente no que diz respeito à importância de estar sensibilizada em relação às situações emocionais vivenciadas pelos estudantes.

Ao finalizar a proposta sobre Educação Financeira percebemos evidências da herança desse tema na formação dos estudantes. Por meio da história em quadrinhos criada, os estudantes puderam adquirir conhecimentos práticos e úteis para a vida adulta, como a importância do planejamento financeiro, a diferenciação entre necessidades e desejos, a noção de poupança e investimento, entre outros aspectos fundamentais.

Além disso, a proposta oportunizou aos estudantes uma compreensão mais ampla sobre o valor do dinheiro e suas instruções no contexto social. Eles puderam refletir sobre a importância de tomar decisões financeiras, conscientes e responsáveis, levando em consideração o impacto que essas escolhas podem ter em suas vidas e na sociedade como um todo.

Outro ponto relevante é o desenvolvimento das habilidades de organização e planejamento, uma vez que a educação financeira envolve a definição de metas, o estabelecimento de orçamentos e o acompanhamento de gastos e economias. Essas habilidades são fundamentais para a vida adulta.

É importante ressaltar, também, que a educação financeira não se restringe apenas aos aspectos técnicos, mas também abrange valores e atitudes relacionadas ao consumo consciente, à responsabilidade financeira e ao cuidado com o meio ambiente. Por meio dessa proposta, os estudantes foram incentivados a refletir sobre seus hábitos de consumo, buscando mais alternativas.

Entendemos ser importante que esse tipo de trabalho continue sendo desenvolvido na educação básica, a fim de preparar os estudantes para os desafios financeiros que enfrentarão no futuro.

Outro ponto relevante é o desenvolvimento das habilidades de organização e planejamento, uma vez que a educação financeira envolve a definição de metas, o estabelecimento de orçamentos e o acompanhamento de gastos e economias. Essas habilidades são fundamentais para a vida adulta, e a proposta transcorreu em um espaço seguro para os estudantes praticarem e aprimorarem essas habilidades.

Por fim, é importante ressaltar que a educação financeira não se restringe apenas aos aspectos técnicos, mas também abrange valores e atitudes relacionadas ao consumo consciente, à responsabilidade financeira e ao cuidado com o meio ambiente.



Professor(a),

Esperamos que esse produto educacional possa enriquecer seu conhecimento, inspirá-lo e ajudá-lo a abordar conceitos e conteúdos relacionados à Educação Financeira, fazendo uso de reflexões conjuntas com seus estudantes e de recursos como as histórias em quadrinhos.

Um grande abraço e bom trabalho!

As autoras.



REFERÊNCIAS

BRASIL, Banco Central do. *Caderno de Educação Financeira*. Gestão de Finanças Pessoais. Brasília: Banco Central do Brasil, 2017. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/pefi/port/caderno_cidadania_financeira Acesso em: 29 abr. 2022.

CAMPOS, Marcelo Bergamini. *Educação financeira na matemática do ensino fundamental: uma análise da produção de significados*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1789> . Acesso em: 30 abr. 2022.

CERBASI, Gustavo Petrasunas. *Pais inteligentes enriquecem seus filhos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

CNC. Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. *Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor*. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://portal-bucket.azureedge.net/wp-content/2023/01/dc8e5dca80097444ef03e1842cdd6ddf.pdf>. Acesso em: 1 mai. 2023.

FERREIRA, Gabriela de Souza; OLIVEIRA, Cristiane Coppe. *Orientações para Produção de Tirinhas: Uma Proposta Didática para a Educação Financeira Escolar à luz da História da Matemática*. 2022. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/717466>. Acesso em: 30 de jan. 2023.

FERREIRA, Nathália Martins. *Educação financeira no livro didático de matemática dos anos finais do ensino fundamental* [recurso eletrônico]. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31473/1/EducacaoFinanceiraLivroDi.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

FREITAS, Ricardo Ferreira. *Folia, mediações e megaeventos: breve estudo sobre as representações do Carnaval 2010 nos jornais cariocas*. Revista Rumores – Edição 9, volume 1, Janeiro-Junho de 2011. Disponível em: www.usp.br/rumores. Acesso em 06 mai 2023.

HAMMES, Aloisio Pedro. *Educação financeira e o contexto escolar do estudante no ensino fundamental II*. 2018. 90f.

MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MOURA, Manuel Oriosvaldo de; LANNER DE MOURA, Anna Regina. *Escola: Um espaço cultural. Matemática na Educação Infantil: conhecer, (re)criar – um modo de lidar com as dimensões do mundo*. São Paulo: Diadema/Secel, 1998.

OLIVEIRA, Natalia Mota; PANOSSIAN, Maria Lucia (Organizadoras). *Verbetes da atividade orientadora de ensino: grupo de estudos sobre situações desencadeadoras de aprendizagem*. Produção coletiva – 2021/2022. Capivari de Baixo: Editora Univinte, 2022.

PEREIRA, Michelly Bezerra da Silva. *Uma análise da abordagem da educação financeira na base nacional comum curricular e nos livros didáticos do ensino fundamental anos finais no município de Gravatá*. 2020. Disponível em:
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43559>. Acesso em: 13 set 2022.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Rev. Adm. Pública*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007. Disponível em:

SILVA, Thiago Silva e; BRITO, Áustria Rodrigues.
Desenvolvendo as capacidades de linguagem na
produção do gênero de História em Quadrinhos (HQS).
Revista Prática Docente, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 437-444,
2018

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In:
RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). *Como
usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed.
1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.